



**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE - UERN  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA – PROF-FILO  
NÚCLEO UERN/CAMPUS CAICÓ - CaC**

**ROSANA LOPES DOS SANTOS**

**FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE  
PENSAMENTO E POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O  
PENSAR A PARTIR DE RODAS DE CONVERSAS COM CRIANÇAS  
EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN**

**CAICÓ - RN  
2022**

**ROSANA LOPES DOS SANTOS**

**FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E  
POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DE RODAS DE  
CONVERSAS COM CRIANÇAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO  
MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN**

Texto de Dissertação apresentado ao Programa de Pós- Graduação Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO, Núcleo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN/Campus Caicó, como requisito obrigatório final para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Ensino de filosofia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino.

**CAICÓ - RN**

**2022**

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S237f Santos, Rosana Lopes dos  
FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DE RODAS DE CONVERSAS COM CRIANÇAS EM ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ-RN. / Rosana Lopes dos Santos. - Caicó, 2022.  
131p.

Orientador(a): Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino.  
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Filosofia).  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Filosofia. 2. Infância. 3. Experiências de Pensamento. 4. Filosofia. 5. Crianças. I. Cirino, Maria Reilta Dantas. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

**ROSANA LOPES DOS SANTOS**

**FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E  
POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DE RODAS DE  
CONVERSAS COM CRIANÇAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO  
MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN**

Texto de Dissertação apresentado ao Programa de Pós- Graduação Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO, Núcleo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN/Campus Caicó, como requisito obrigatório final para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Ensino de filosofia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino.

Apresentação da dissertação em: 24 de fevereiro de 2022

**Banca examinadora**

---

Professora Dra. Maria Reilta Dantas Cirino (Orientadora)

---

Professora Dra. Shirlene Santos Mafra Medeiros  
(Examinadora Interna)

---

Professor Dr. José Francisco das Chagas Souza  
(Examinador Externo)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>2 NUANCES DA TRAJETÓRIA DA FILOSOFIA COMO ÁREA DO SABER NOS CURRÍCULOS</b> .....	15
2.1 MATTHEW LIPMAN E WALTER KOHAN: PRECURSORES NA APROXIMAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E CRIANÇAS .....	20
<b>3 FILOSOFIA EM MATTHEW LIPMAN: DIMENSÃO LÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE PENSAMENTO</b> .....	27
<b>4 WALTER KOHAN: INFÂNCIA DA FILOSOFIA (A DIMENSÃO POLÍTICA PARA A VIVÊNCIA DA EXPERIÊNCIA DE PENSAMENTO)</b> .....	38
<b>5 POSSIBILIDADES PARA O FILOSOFAR: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E O INENSINÁVEL NA FILOSOFIA</b> .....	44
<b>6 EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E COMPOSIÇÃO DA EXPERIÊNCIA: CONDIÇÕES PARA A EXPERIÊNCIA DE PENSAMENTO</b> .....	52
<b>7 CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONSTRUÇÃO DOS DADOS DE PESQUISA</b> .....	58
7.1 AÇÃO EDUCATIVA-FILOSÓFICA NA ESCOLA (Rodas de Conversas) .....	61
7.2 Objetivo .....	61
7.3 Contextualização .....	61
7.4 Instrumentos de Construção de Dados .....	66
7.5 Roteiro para vivência das Rodas de Conversas .....	67
7.6 Análise dos dados: identificação de categorias a partir das rodas de conversas .....	68
7.7 Ação educativa-filosófica na escola (Rodas de Conversas) .....	69
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	80
<b>9 REFERÊNCIAS</b> .....	83
<b>APÊNDICES</b> .....	86
<b>APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO N. 1 – RODA DE CONVERSA N. 01 –TEMA: ÉTICA</b>	
<b>APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO N. 2 – RODA DE CONVERSA N. 02 –TEMA: AMIZADE</b>	

**APÊNDICE C - TRANSCRIÇÃO N. 3 – RODA DE CONVERSA N. 03 –TEMA:  
DIVERSIDADE**

**APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO N. 4 – RODA DE CONVERSA N. 04 –TEMA:  
PERGUNTAS**

**APÊNDICE E - TRANSCRIÇÃO N. 5 – RODA DE CONVERSA N. 05 –TEMA:  
AMIZADE**

**APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO N. 6 – RODA DE CONVERSA N. 06 –TEMA:  
AMOR**

**APÊNDICE G - TRANSCRIÇÃO N. 7 – RODA DE CONVERSA N. 07 –TEMA:  
AMOR**

**APÊNDICE H - TRANSCRIÇÃO N. 8 – RODA DE CONVERSA N. 08 –TEMA:  
FELICIDADE**

**ANEXOS ..... 123**

**ANEXO 01 - CARTA DE ANUÊNCIA**

**ANEXO 02 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE**

**ANEXO 03 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

## RESUMO

O texto intitulado “Filosofia com crianças: experiências de pensamento e possibilidades para experienciar o pensar a partir de rodas de conversas com crianças em escola da educação básica no município de Caicó/RN” trata-se de uma pesquisa qualitativa, envolvendo um estudo de caso, com ação didático-pedagógica, prática, realizada em rodas de conversas em uma escola de educação básica do município de Caicó-RN. No mesmo, fazemos uma explanação acerca da Filosofia com crianças e suas possibilidades na experiência do pensar. Para tal, primeiro foi necessário analisar o contexto histórico no sentido de entender a trajetória da Filosofia em seus avanços e recuos de inserção e retirada dos currículos escolares, até o momento em que as crianças passam a ter a possibilidade de aproximação à filosofia. Analisamos a proposta de Matthew Lipman – Filosofia *para* Crianças – FpC, a qual propõe a FpC através do desenvolvimento de habilidades de pensamento em comunidades de investigação; e o movimento criado por Walter Kohan - Filosofia *com* Crianças, esse último, o qual se inspira na ideia de “composição”. Identificamos que a FpC e a Filosofia *com* Crianças não são sinônimos, são duas maneiras distintas (com semelhanças e diferenças) de tentativas de aproximar a Filosofia das crianças. O objetivo principal da pesquisa é compreender e buscar criar possibilidades de experienciar o pensar a partir de rodas de conversas com crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental, realizadas de forma *online* em escola de educação básica, no município de Caicó-RN, como possibilidade de criação das *condições* para que ocorra a experiência do pensar na sala de aula. Acreditamos ter atingido esse objetivo, a partir de leituras do referencial teórico primário e secundário, os quais nos levam às características da proposta de FpC, de Matthew Lipman (1999; 2001), aos conceitos de infância (KOHAN, 2003; 2009; 2012) e experiência (LARROSA, 2014), na perspectiva da criação de *condições* para o desenvolvimento do pensar cada vez mais cuidadoso das/nas crianças; e como objetivos específicos: 1) investigar os conceitos de experiência e infância e suas contribuições para o desenvolvimento do pensar infantil; 2) criar as *condições* para o desenvolvimento de experiências de pensamento com crianças a partir dos fundamentos teóricos e da prática de filosofia com crianças, coordenada por Kohan (2012) no Brasil; 3) desenvolver experiências de pensamento em rodas de conversas em uma escola de educação básica de Caicó/RN, como possibilidade de experienciar o pensar e aperfeiçoamento do pensar com crianças. Ao final e após a realização de nossa ação didático-pedagógica, em vista da compreensão dos citados conceitos, fizemos a análise das transcrições das rodas de conversas, em diálogo com os respectivos conceitos, de infância e experiência. Observamos que as crianças, pensaram e desenvolveram argumentos cada vez mais coerentes, algumas vezes de acordo com o que esperamos e em outras, nos surpreendendo, na perspectiva da vivência da experiência e da invenção, enquanto vida que surge através da infância. Outrossim, mesmo com os silêncios, as mesmas estavam participando das experiências, e embora não seja possível medir um envolvimento que é tão pessoal, nem é o objetivo da experiência, acreditamos ter atingido o objetivo inicial, de proporcionar as crianças condições para a experiência de pensamento. Conclui-se de maneira satisfatória a pesquisa e a experiência na escola, apesar de nossa proposta de pesquisa ter passado por várias alterações, em função do contexto pandêmico, foi possível perceber em todo o processo, o envolvimento, os pensamentos nunca antes pensados, a experiência de pensamento singular e articulada com a infância e as experiências reais vivenciadas pelas crianças em seus contextos de vida, os quais, mediante as condições criadas pela experiência de pensamento, encontraram lugar e escuta.

**Palavras-chave:** Filosofia com crianças. Infâncias. Experiências de pensamento.

## RESUMÉ

El texto titulado “Filosofía con niños: experiencias de pensamiento y posibilidades de experimentar el pensamiento a partir de ruedas de conversación con niños en escuelas de educación básica del municipio de Caicó/RN” es una investigación cualitativa, involucrando estudio de caso, con intervención práctica realizada en círculos de conversación en una escuela de educación básica en la ciudad de Caicó-RN. En el mismo, hacemos una explicación sobre la Filosofía con niños y sus posibilidades en la experiencia del pensar, para ello, primero fue necesario analizar el contexto histórico para comprender la trayectoria de la Filosofía en sus avances y retrocesos de inserción y retiro. desde el currículo escolar, hasta que los niños tengan acceso a él. Analizamos la propuesta de Matthew Lipman - Philosophy for Children - FpC y el movimiento creado por Walter Kohan - Philosophy with Children, este último, que se inspira en la idea de “composición”. Identificamos que FpC y Filosofía con Niños no son sinónimos, son dos formas diferentes (con similitudes y diferencias) de intentar acercar la Filosofía a los niños. La investigación tiene como objetivo principal comprender e intervenir a partir de círculos de conversación con niños del primer año de la Enseñanza Fundamental, realizados en línea en una escuela de educación básica, en el municipio de Caicó-RN, como posibilidad de crear las condiciones para ello. ocurrir la experiencia de pensar en el aula. Creemos que hemos logrado este objetivo, a partir de lecturas del marco teórico primario y secundario, que nos conducen a los conceptos de infancia (KOHAN, 2003; 2009; 2012) y experiencia (LARROSA, 2014), desde la perspectiva de crear condiciones para el desarrollo del pensamiento cada vez más cuidadoso de los niños; y como objetivos específicos: 1) investigar los conceptos de experiencia e infancia y sus aportes al desarrollo del pensamiento infantil; 2) crear las condiciones para el desarrollo de experimentos mentales con niños a partir de fundamentos teóricos y la práctica de la filosofía con niños, coordinado por Kohan (2012) en Brasil; 3) desarrollar, en círculos de conversación de una escuela de educación básica de Caicó/RN, posibilidades de perfeccionamiento del pensamiento con los niños, a través de experiencias de pensamiento en círculos de conversación. Al final y después de la intervención, para comprender los conceptos mencionados, analizamos las transcripciones de las ruedas de conversación en diálogo con los respectivos conceptos de infancia y experiencia. Observamos que los niños pensaban y desarrollaban argumentos cada vez más coherentes, unas veces acordes a lo que esperamos, otras, sorprendiéndonos en la perspectiva de vivir la experiencia y la invención como una vida que emerge a través de la niñez, pues aún con los silencios participaban de la experiencias, y aunque no es posible medir una implicación tan personal, ni es el objetivo de la experiencia, creemos que hemos conseguido el objetivo inicial, proporcionar a los niños condiciones para la experiencia del pensamiento. Se concluye satisfactoriamente la investigación y experiencia en la escuela, aunque nuestra propuesta de investigación ha sufrido varios cambios dependiendo del contexto de la pandemia, se pudo percibir en todo el proceso el involucramiento, los pensamientos nunca antes pensados, la experiencia del pensamiento singular y articulado con la infancia y las experiencias reales vividas por los niños en sus contextos de vida, que, a través de las condiciones creadas por la experiencia del pensamiento, encontraron un lugar y una escucha.

**Palabras-clave:** Filosofía con niños. Infancia. Experiencias de pensamiento.

## INTRODUÇÃO

A Filosofia é uma área com potencial para o desenvolvimento do pensar, pois para Lipman (1995), podemos aprimorar habilidades de pensamento através da Filosofia, expandindo a consciência crítica, auxiliando-se as crianças a pensarem com mais autonomia. O processo de expandir o pensar se desenvolve a partir das principais habilidades cognitivas que são: *habilidade de investigação*, a qual tem o objetivo de investigar os conceitos e fatos, sendo uma prática autocorretiva, estimulando-se o nosso pensar, e capacidade cognitiva; o *raciocínio*, sendo essa uma habilidade que pode ser ensinada e encorajada. É importante destacar que na habilidade de *raciocínio* existem três tipos de agrupamentos de informações: a sentença, o conceito e o esquema. “Quando lidamos com raciocínio estamos basicamente preocupados com relações entre sentenças” (LIPMAN, 1995, p. 68), todas as leituras passam pelas sentenças, as melhores são as coletivas, as que possuem mais argumentação, as palavras sozinhas não são significativas, somente quando são organizadas em grupos, ou seja, com outras e inseridas em um contexto dialético unificado; já a habilidade *capacidade de organizar as informações*, é proveniente de grupos expressivos, estas informações que recebemos de redes de relações, não são somente a maneira simples de organizar informações de maneira sistematizada, vai além, organiza conceitos, conteúdos e experiências, relacionando-as, ampliando-as e ajudando na maneira dos indivíduos expressá-las; e por fim a *habilidade de tradução*, que é traduzir sem comprometer o sentido dito ou escrito original, tem a ver com interpretação, não reproduzir fatos, mas entender que os mesmos têm diferentes modos de acontecer, para que os estudantes adquiriam julgamentos e razões as suas falas, é necessário que saibam traduzir textos.

Historicamente, as escolas afirmam que ensinam essas habilidades principalmente em matemática e linguagem, contudo, tais disciplinas isoladas não são suficientes para o desenvolvimento das mesmas. Uma das maneiras para potencializar o desenvolvimento das referidas habilidades é dar exemplos com falhas, incompletos, para que as crianças reconheçam o que falta, assim aprenderem a pensar bem distinguindo o que está certo ou errado. As referidas habilidades fazem parte do pensar superior, nos fazem refletir e

pensar significativamente quando bem articuladas. Desse modo, Lipman (1995), defende que podem ser desenvolvidas nos/as estudantes nas aulas de Filosofia.

Considerando essa perspectiva, a pesquisa tem como o tema: “Filosofia com crianças: experiências de pensamento e possibilidades para experienciar o pensar a partir de reflexões com crianças em escola da educação básica no município de Caicó/RN” A nossa pesquisa tem como objetivo geral, “compreender e intervir a partir de rodas de conversas com crianças, de primeiro ano do Ensino Fundamental, em uma escola de educação básica, no município de Caicó-RN, de uma maneira *online*, criar condições para que ocorra a experiência do pensar; e como objetivos específicos: 1) investigar o conceito de experiência e suas contribuições para o desenvolvimento do pensar infantil; 2) criar as condições para o desenvolvimento de experiências de pensamento com crianças a partir dos fundamentos teóricos e da prática de filosofia com crianças, coordenada por Kohan (2012), no Brasil; 3) desenvolver em rodas de conversas em uma escola de educação básica de Caicó/RN, possibilidades de aperfeiçoamento do pensar com crianças, através de experiências de pensamento em rodas de conversas.

Mediante tais objetivos, delimitamos como problema de pesquisa a seguinte questão: de que modo podemos criar possibilidades de *condições* para que ocorra a experiência do pensar com as crianças de uma escola de educação básica, a partir de rodas de conversas de maneira online?

Nesse sentido, para buscar solucionar essa questão temos o referencial teórico escolhido para o diálogo, e também os momentos práticos na escola - as intervenções online com as crianças – os fundamentos teóricos tomam por base textos de filósofos que abordem essas vertentes: *O pensar na educação* (LIPMAN, 1995), *A filosofia vai à escola* (LIPMAN (1990), *Filosofia na sala de aula* (LIPMAN; SHARP; OSCANYAN, 2001), *Infância: entre educação e filosofia* (KOHAN, 2003), *Lugares da infância* (2004), *Infância, estrangeridade e ignorância* (KOHAN, 2007), *A filosofia para crianças* (KOHAN, 2008), *A escola pública aposta no pensamento* (KOHAN; OLARIETA, 2012), *Cantos de experiência* (JAY, 2009), *Tremores* (LARROSA, 2014), *Filosofia com Crianças: cenas de experiências em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina)*, (CIRINO, 2016), Nos utilizamos, mais especificamente no referencial de destaque é a leitura feita do filósofo Walter Kohan e também levando em conta a História da Filosofia, conceitos, debates, formação humana, autonomia, criando conceitos, problematizações e as experiências de pensamento, pois não podemos desvincular a

prática de sua História, também fazemos menção a alguns aspectos pertinentes à temática presentes na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018).

Como justificativa à realização da presente pesquisa, apresentamos as seguintes ponderações: a Filosofia com Crianças não tem amparo legal para sua oferta regular na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, contudo, sua presença é observada em vários contextos escolares do Brasil e do mundo. Em Kohan (2008), podemos perceber que esse autor identifica a América Latina como uma das regiões do mundo onde o Programa de Filosofia para Crianças – PFpC, criado por Lipman, se expandiu por vários países do mundo e encontrou mais espaço e desenvolveu variadas formas de organização. Contudo, considera que: “O Brasil merece um lugar de destaque neste mapa, [...] pela significatividade que, em nível mundial, o país tem na divulgação do programa *filosofia para crianças* de Matthew Lipman.” (KOHAN, 2008, p. 85. Grifo do autor).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL, 2009), definem a criança como: “[...] sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. Também, considerando a Filosofia com crianças, na perspectiva de contribuição com o desenvolvimento do pensar, podemos encontrar amparo na BNCC (BRASIL, 2018), documento orientador de todo Sistema Educacional Brasileiro, quando este estabelece para a organização dos conhecimentos na perspectiva de garantir os direitos de aprendizagens e de desenvolvimento das crianças, os quais são: conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, os quais devem ser articulados com dois eixos estruturantes das práticas pedagógicas: as interações e a brincadeira. Assim identifica cinco campos de experiências considerados fundamentais para o desenvolvimento das crianças, são eles: Eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; e espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

Principalmente no que se refere à escuta, fala, pensamento e imaginação, poderíamos incluir a Filosofia com crianças, sendo que a mesma desenvolve experiências nesses aspectos, então, a experiência da *Filosofia com Crianças* pode acontecer, tendo por base esses argumentos e documentos orientadores do MEC, principalmente nas questões de pensamento e imaginação, mesmo não tendo como enfoque a Filosofia com crianças e/ou a perspectiva de experiências de pensamento, indiretamente, podemos

afirmar, a partir de nossa aproximação com a referida temática, que as condições criadas no contexto das experiências de pensamento se aproximam dessas vertentes da BNCC (BRASIL, 2018), preteridas nesse documento norteador da educação básica.

É interessante citar, nesse contexto, nossa trajetória de estudante e pesquisadora que também compõe o cenário que respalda a justificativa da presente pesquisa. Nossas primeiras inquietações referentes à temática do pensar e de como poderíamos contribuir com o seu desenvolvimento, surgem ainda no período da graduação em Filosofia, enquanto discente e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência – PIBID (Programa institucional de bolsas de iniciação a docência) em 2010, quando nos foi apresentado o livro *O pensar na educação*, de Matthew Lipman (1995), os estudos da referida obra, encaminharam, em 2012, a pesquisa de final de curso<sup>1</sup>. Nesse momento em 2012, a pesquisa é voltada somente para a teoria, mas com a vontade que fosse possível a sua continuidade envolvendo a prática pedagógica em nível de pós-graduação.

Posteriormente, no ano de 2016, tivemos a oportunidade de dar continuidade à pesquisa. Sendo então em nível de Pós-Graduação, uma Especialização em Ensino de Filosofia pela Secretária de Educação a Distância - SEDIS, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Nesse contexto, o referido curso desenvolve em seus manuais, em três disciplinas, obras do filósofo Walter Kohan e como já o conhecíamos de estudos anteriores durante a pesquisa de graduação, onde o mesmo é um dos comentadores de Lipman, resolvemos fazer, outra pesquisa<sup>2</sup> na referida temática.

Quanto ao nosso envolvimento nos Projetos de Pesquisa e Extensão envolvendo a temática de filosofia e infância, ofertados na UERN, desde o ano de 2009<sup>3</sup>, iniciei minha participação em 2012, quando estava envolta no trabalho de conclusão de Curso de Filosofia, durante o curso me deparei com o livro de Lipman enquanto bolsista do PIBID. A leitura dessa obra suscitou em mim a curiosidade acerca do tema e me aproximou do referido projeto. Contudo, por ser bolsista e ter outros processos acontecendo ao mesmo tempo, não tive uma participação assídua, nesse momento. Em 2018, retorno ao projeto de pesquisa e extensão/DFI/UERN, aguçando minha vontade de voltar à teoria, para

---

<sup>1</sup>“A importância do pensamento cognitivo na aprendizagem analisando o pensar na educação de Matthew Lipman” acesso em: [http://siabi.uern.br/Telas/w\\_browse\\_rapida.php](http://siabi.uern.br/Telas/w_browse_rapida.php)

<sup>2</sup>“Análise da comunidade de investigação em Lipman e a Oficina de Pensamento em Kohan: a sala de aula de Filosofia no Ensino Médio”. Parte do trabalho encontra-se no livro: <http://www.cchla.ufrn.br/ppgfil/PDF/publicacoes-discentes/Ensino%20de%20Filosofia%20no%20Ensino%20M%C3%A9dio%20-%20Livro.pdf>

<sup>3</sup> Para maiores esclarecimentos, acessar: <http://filosofianainfancia.blogspot.com/>

aprimorar a minha prática profissional, visto que nesse contexto já me encontrava desenvolvendo atividades profissionais como professora de educação infantil e fundamental.

Em 2019, então como aluna no Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO/Núcleo Caicó/UERN<sup>4</sup>, busca-se uma continuação dessas pesquisas já citadas, conquanto, agora numa perspectiva de articulação entre teoria e prática, com uma etapa de ação didático-pedagógica, envolvendo o espaço de atuação da docente em formação, em vista de cumprir os objetivos de um Mestrado Profissional em Filosofia, terminando essa trajetória em 2022.

As inquietações da *Filosofia com Crianças*, me levam a estudar mais sobre o universo pedagógico, no contexto em 2016, ainda envolta nos últimos componentes curriculares da citada Pós-Graduação/SEDIS/UFRN, ingressei no Curso de Pedagogia da UFRN/CERES/Campus Caicó. Atualmente, concluído o curso de Pedagogia, entendemos os/as estudantes de uma outra forma. Compreendemos que a nossa graduação em Filosofia até aquele momento, não nos prepara para a realização de intervenções em Filosofia com Crianças, visto que a Licenciatura em Filosofia, não tem essa intencionalidade legal, e sim, formar graduandos/as para atuarem no Ensino Médio.

Encontramos amparo para essa perspectiva da necessidade de formação específica para atuar com crianças nas palavras de Lipman; Sharp; Oscanyan (2001, p. 74), quando assim asseveram que: “Um curso universitário de filosofia não prepara o professor para traduzir conceitos e a terminologia da filosofia de uma maneira que as crianças possam entender.”

Contudo, ainda enquanto aluna de Pedagogia foi interessante realizar nossa pesquisa de final de Curso com essa temática no sentido que tal temática dá continuidade ao referido na nossa trajetória de envolvimento com a temática da Filosofia com Crianças. Hoje como Pedagoga, formada em Pedagogia pela UFRN/CERES/Campus Caicó e já atuando com crianças como professora efetiva, em uma escola de educação infantil e outra de ensino fundamental, vemos a Filosofia com Crianças com mais propriedade, e nesse sentido consideramos importante e enriquecedor para nosso processo formativo, no decorrer do mestrado fui aprovada em um concurso que nos propiciou trabalhar com a

---

<sup>4</sup> Para maiores esclarecimentos, acessar: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/prof-filo/>; <http://propeg.uern.br/proffilo/default.asp?item=proffilo>

educação Infantil e Fundamental, apesar de ser para professora polivalente, temos espaços para desenvolver a Filosofia com crianças nas salas de aula, o que nós deixa muito felizes e pensando em pesquisas posteriores sobre essas práticas, incluindo por exemplo lutas para que a filosofia com crianças esteja efetivamente nas escolas de educação básica, não somente com as pedagogas que estão em projetos, como também com os/as formados/as em Filosofia, professores/as que em suas formações podem ter o contato com o tema, se especializarem e também trabalharem em escolas de educação básica, quisá no futuro, isso não possa acontecer, essa é uma luta, minha e nossa, do/as apaixonados/as pela temática de Filosofia com crianças, entendendo a importância da mesma para a infância.

Importante citar que o tema tem amparo de pesquisa em várias fontes bibliográficas, tais como: Lipman (1991), Lipman; Sharp; Oscanyan, (2001), Silveira (2001), Kohan (2008), Daniel (2000), Kohan; Olarieta (2012), Cirino (2016), entre outros, e, embora tenha diversas pesquisas já publicadas sobre a relação filosofia e infância (KOHAN (2003; 2004; 2007; 2008), Kohan; Olarieta (2012), o tema, ainda não está esgotado, tendo muitas possibilidades de desenvolvimento na pesquisa acadêmica.

Dentre esses autores, nossa pesquisa tomará como fontes para o diálogo teórico e análise das oito (oito) experiências de pensamento, principalmente as seguintes fontes: Kohan (2008), Kohan; Olarieta (2012), Kohan (2009), Lipman (1995), entre outros.

Nossa *locus* de pesquisa, as experiências de pensamento com as crianças de maneira *on line*, foi realizado em uma escola pública, Escola Municipal Maria Leonor Cavalcante, no município de Caicó/RN, com alunos de primeiro ano do Ensino Fundamental, na qual ocorre as experiências práticas do Projeto de Extensão DFI/uern, do qual fazemos parte. De acordo com as orientações do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UERN, a escola assinou Carta de Anuência (Anexo 1), com os esclarecimentos necessários para a concessão da realização da pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa envolveu crianças, de 6 e 7 anos, do primeiro ano do Ensino Fundamental. O universo da pesquisa corresponde a 100%, dos participantes da turma, os quais os pais e/ou responsáveis autorizaram a participação através da assinatura Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TALE (Anexo 2), em cumprimento às questões éticas orientadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UERN. Contudo, essa participação ocorreu de maneira variada, tendo em vista que nas 08 (oito) *on line* realizadas nem sempre todas as crianças estavam presentes. Dessa forma tivemos em média a presença de 10 (dez) crianças por experiência.

A construção dos dados e sua análise se dar a partir da leitura das diversas fontes teóricas já citadas acima referentes ao ensino de filosofia, aos conceitos de infância, de experiência, às reflexões sobre a potencialidade da aprendizagem e do pensar, a partir do entrelaçamento teórico e de categorias que foram identificadas nas rodas de conversas, tais como infância e experiência e da inspiração da proposta de composição em Kohan (2012), em uma escola pública de educação básica do município de Caicó/RN. Como documentação indireta, além da pesquisa bibliográfica com os livros já mencionados, também inclui artigos, *sites* da internet, entre outros. Desse modo, é uma pesquisa que envolve aspectos teóricos e práticos, visto que trata-se de um Mestrado Profissional em Ensino de Filosofia – PROF-FILO.

Acreditamos que tal proposição de pesquisa tem o potencial de trazer contribuições à temática e subsidiar outras pesquisas no contexto acadêmico sendo coerente e viável, mediante a trajetória pessoal relatada e considerando os amparos teóricos indicados, justificar a realização da presente pesquisa. Bem como, com vistas ao contínuo aperfeiçoamento da formação, tendo relevância sua análise, com implicações para o pensar e repensar a prática docente, a construção de condições e análise de experiências de pensamento com crianças, a relação entre a filosofia e a infância. Nesse sentido, essa pesquisa é um convite a pensar na prática de Filosofia com Crianças.

Dessa forma, o texto está assim organizado: introdução, com uma visão geral da pesquisa; primeiro capítulo, denominado “Nuances da trajetória da filosofia como área do saber nos currículos” que tratou de um breve histórico da História da Filosofia nos currículos brasileiros até a chegada da Filosofia para Crianças. No primeiro capítulo: “Filosofia em Matthew Lipman: dimensão lógica para o desenvolvimento de habilidades de pensamento”, buscamos esclarecer sobre a perspectiva de Lipman no aspecto da importância que é dada por ele para o desenvolvimento do pensar, na perspectiva de que a capacidade de pensar é uma habilidade humana nata, mas que pode ser aperfeiçoada ao longo da vida escolar, através do exercício contínuo e constante do desenvolvimento das habilidades de investigação, raciocínio, organização de informação e tradução. Vimos que dentro de cada habilidade existem outras que devem ser desenvolvidas para o alcance da habilidade central preconizada por Lipman. O alcance de tais habilidades, na proposta de Lipman (1990), como pioneiro da Filosofia para crianças, sua fala se faz necessária antes de desenvolvemos a escrita sobre o movimento de Filosofia com Crianças, criado pelo filósofo argentino Walter Kohan, o qual se inspira em Lipman. Em seguida,

apresentamos o capítulo dois com o título: “Walter Kohan: infância da filosofia (a dimensão política para a vivência da experiência de pensamento)”, onde discutimos o conceito de infância, não como uma ideia de infância de tempo cronológico ou etapa de desenvolvimento, mas como um tempo de invenções e intensidades que pode ocorrer em qualquer idade, também um momento crucial na nossa vida, fase essa cheia de movimentos; apresentamos a ideia de “composição” que é uma maneira de inspirar a criação das *condições* para a experiência de pensamento em filosofia com crianças, bem como torna-se também um pouco da experiência em si. No terceiro capítulo temos: “Possibilidades para o filosofar: experiências de pensamento e o inensinável na filosofia”, trazemos uma discussão acerca da visão de aprendizagem apresentada por Walter Kohan (2009), em sua obra: *O paradoxo de aprender e ensinar*, a qual vem a desenvolver a relação entre quem ensina e o aprendiz de filosofia, mostrando-nos a filosofia com inspiração socrática como um saber que não está pronto, mas é algo construído no exercício da vida. Tal perspectiva é de fundamental importância para entendermos a possibilidade de criar condições para a relação entre a filosofia e as crianças. Nesse sentido, não utilizamos o termo “ensino de filosofia, mas sim experiências de filosofia com crianças, através de antinomias. No capítulo quatro, sob o título “Experiências de pensamento e *composição* da experiência: condições para a experiência de pensamento”, desenvolvemos o conceito de experiência em Walter Kohan, o qual tem inspiração em Jorge Larrosa (2014), apontando a experiência como acontecimento, como algo que nos passa e nos afeta de tal maneira que não é possível seguir pensando ou sendo da mesma maneira. Kohan (2007; 2004) associa a experiência com a infância, sendo a infância, como tempo aônico, uma condição para que ocorra a experiência. No quinto e último capítulo: “Caminhos metodológicos para construção dos dados de pesquisa”, trazemos o desenho de nossa ação didático-pedagógica, com as 08 (oito) rodas de conversas temáticas desenvolvidas de maneira *on-line* com as crianças em uma escola pública de educação básica no município de Caicó/RN, os aspectos da metodologia adotada – o estudo de caso – os instrumentos de coleta e análise dos dados; e por fim, fazemos o relato dos aspectos que consideramos mais relevantes para o nosso propósito de pesquisa, o diálogo entre os conceitos que inspiraram a pesquisa e o alcance e/ou limitações na tentativa de criar as *condições* para que ocorra a experiência de pensamento com crianças de maneira *on-line* no espaço da escola pública. Ainda trazemos as considerações finais, os apêndices e anexos pertinentes à pesquisa.

## 2 NUANCES DA TRAJETÓRIA DA FILOSOFIA COMO ÁREA DO SABER NOS CURRÍCULOS

Antes de versar sobre a temática da filosofia com crianças, específica de nossa pesquisa, é necessário contextualizar um breve histórico do contexto legal da presença ou ausência da Filosofia na educação brasileira. Visto que a primeira Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – LDB, somente será promulgada em 1961, é mister considerar o processo anterior ao contexto de legalidade:

O ensino de filosofia quase sempre esteve presente nos currículos dos cursos secundários brasileiros, tendo início com o curso de Filosofia e Ciências, também chamado de Curso de Artes. Nesse curso, os jesuítas limitavam-se ao ensino de filosofia escolástica, com base no estudo de textos de Santo Tomás de Aquino e Aristóteles. (GHEDIN, 2002, p. 210)

De acordo com a citação acima, o ensino de filosofia por muito tempo serviu às finalidades diversas: formação de padres, de eruditos, como complementação aos cursos clássicos e técnicos, como requisito para entrada nos cursos superiores, etc: “Sem sombra de dúvidas, formar homens letrados, eruditos e católicos foi o objetivo central do ensino de filosofia nos colégios jesuítas. Esse ensino tinha por finalidade preparar os padres para a carreira eclesiástica ou para serem enviados à Europa para cursar direito ou medicina.” (GHEDIN, 2002, p. 210). Nessa citação temos expresso a figura de padres, mas, não somente estes eram contemplados com a Filosofia, também eruditos e estudiosos desenvolviam a Filosofia.

Sílvio Romero<sup>5</sup>, em sua obra historiográfica “A filosofia no Brasil” (1878). Foi um dos pioneiros a utilizar a expressão Filosofia no Brasil, o mesmo, separa três momentos na história da Filosofia Brasileira: primeiro o *Ratio Studiorum* no período dos jesuítas, segundo o método ensaístico e por último a profissionalização do ensino em 1908 com a primeira Faculdade de Filosofia no Brasil, a Faculdade de São Bento<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup>Segundo o site (a biblioteca virtual de literatura): Sílvio Romero, crítico, professor e historiador da literatura brasileira, de Lagarto, SE, em 21 de abril de 1851, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 18 de julho de 1914.

<sup>6</sup>Segundo o site (Faculdade de São Bento.com.br): em 1903, os monges beneditinos fundaram o Colégio de São Bento. Em 1908, foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a primeira faculdade livre de Filosofia do Brasil. No início, era filiada à Universidade de Louvain (Bélgica), que reconhecia os graus acadêmicos. Depois, com a criação da legislação nacional para o ensino superior, os cursos da Faculdade passaram a ser reconhecidos pelo MEC em 1940. Anos mais tarde, em 1946, a pedido da Arquidiocese de

Com a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional – LDB, (BRASIL, 1961), Lei n. 4.024/61, embora traga o aspecto positivo da normatização da educação brasileira por uma lei específica para essa finalidade, para o ensino de filosofia, essa lei não é considerada positiva. De acordo com Ghedin (2002, p. 212):

O processo de extinção da filosofia dos currículos secundários acentuou-se a partir do momento em que perdeu seu caráter de obrigatoriedade e passou a ser uma disciplina complementar (lei 4.024/61), depois optativa, e culminou com a reforma de ensino introduzida pela lei 5.692/71. Esta, incentivando a formação básica profissionalizante, acabou por desintegrar o que restava das classes de filosofia.

Contudo, observa-se que como a formação de professores para o ensino médio era de responsabilidade das Faculdades de Filosofia, entre outras, obviamente, a Filosofia continua de alguma maneira presente a ser ensinada por esses educadores em um nível médio. Vejamos:

Art. 59. A formação de professores para o ensino médio será feita nas faculdades de filosofia, ciências e letras e a de professores de disciplinas específicas de ensino médio técnico em cursos especiais de educação técnica. Parágrafo único: Nos institutos de educação poderão funcionar cursos de formação de professores para o ensino normal, dentro das normas estabelecidas para os cursos pedagógicos das faculdades de filosofia, ciências e letras. (BRASIL, 1961, p. s/p).

Nesse momento histórico a filosofia aparece de maneira optativa, então originou-se implicações ao ensino de Filosofia, com essa lei, as escolas podiam optar em seus currículos em ter a presença do ensino de Filosofia, o que vem a ser obrigatório é a disciplina Moral e Cívica a ser aplicada ao processo educativo dos educandos, como assevera o “**Art. 38**, inciso III - formação moral e cívica do educando, através de processo educativo que a desenvolva.” (BRASIL, 1961, p. s/p).

Posteriormente, a LDB, Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, mantém a Educação Moral e Cívica no currículo, ainda continuando a omissão da obrigatoriedade do ensino de Filosofia como podemos perceber no fragmento legal abaixo:

---

São Paulo, a Faculdade passou a integrar o núcleo inicial do que viria a ser a Pontifícia Universidade Católica (PUC), porém, cursos internos de Filosofia continuaram a funcionar no Mosteiro.

Art. 7º, Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus, observado quanto à primeira o disposto no Decreto-Lei n. 369, de 12 de setembro de 1969. (BRASIL, 1971, p. s/p)

Na LDB de 1971, o ensino da Filosofia em nenhum aspecto é proibido, mas, também não se caracteriza como obrigatório. Com a promulgação da LDB de 1996, Lei n. 9.394, na qual, apesar de seu caráter democrático, a Filosofia é nela mencionada como um dos objetivos a serem alcançados na formação do indivíduo ao final da educação básica. Mantendo-se assim a não obrigatoriedade do ensino de Filosofia, como assegura o Art. 36, parágrafo 1º, inciso III:

Os conteúdos, as metodologias e as formas de avaliação serão organizados de tal forma que ao final do ensino médio o educando demonstre: I – domínio dos princípios científicos e tecnológicos que presidem a produção moderna; II – conhecimento das formas contemporâneas de linguagem; III – domínio dos conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania. (BRASIL, 1996, p.s/p).

Observa-se que para o alcance de tais objetivos, a partir da LDB (BRASIL, 1996), são publicados vários documentos orientadores à organização curricular do ensino médio: Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – DCN/EM (BRASIL, 1999), Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCN/EM (BRASIL, 1999), Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio + – PCN/EM + (BRASIL, 2006), Diretrizes Curriculares Nacionais – DCN – EM (BRASIL, 2006). Esses documentos, publicados pelo Ministério da Educação – MEC, trazem a filosofia como um tema transversal a ser abordado dentro dos conteúdos de outras áreas. Embora se constituam em importantes documentos orientadores, esses não vêm garantir a obrigatoriedade do ensino da filosofia no Brasil.

Contudo, fortalece-se o debate pelo retorno da filosofia aos currículos escolares de forma disciplinar. O debate vai na direção de reivindicações quanto à “[...] carga horária própria, conteúdos, corpo teórico e metodologias.” (SOUZA; CIRINO, 2012, p. 227).

No artigo *O ensino da Filosofia no Brasil: um mapa das condições atuais* (FÁVERO et alii, 2004), essa trajetória legal da presença e/ou ausência da Filosofia nos currículos escolares é destacada e culmina no ano de 2001 com a elaboração do Projeto

de Lei, n.11.684/08, modifica o artigo 36 da Lei 9.394 de 1996 e tornar obrigatória a Filosofia e a Sociologia nos currículos do Ensino Médio Brasileiro. De acordo com Souza; Cirino (2012, p. 227. Grifo dos autores.): “Esse embate/debate culmina com a aprovação da Lei n. 11.684, de 2 de junho de 2008, que modifica o Artigo 36 da LDB/96, tornando as disciplinas de Sociologia e Filosofia *obrigatórias* nos currículos do ensino médio.” Contudo, tal proposição é vetada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, vejamos:

Por cerca de três anos tramitou na Câmara e no Senado Federal um projeto de lei complementar que substituíra o citado artigo 36 da LDB, instituindo a obrigatoriedade das disciplinas Filosofia e Sociologia nos currículos (sic) do ensino médio. Após aprovação nestas duas instâncias do Poder Legislativo Federal, o projeto foi vetado em outubro de 2001 pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso. Os argumentos que sustentaram o veto foram basicamente dois, já mencionados: a) a inclusão das disciplinas de Filosofia e Sociologia implicaria incremento orçamentário impossível (sic) de ser arcado pelos estados e municípios; b) não haveria suficientes professores formados para fazer frente às novas exigências da obrigatoriedade da disciplina. (FÁVERO, 2004, p. 260)

No portal do Ministério da Educação – MEC, verificamos que a vitória da Filosofia no Brasil, na perspectiva da legalidade obrigatória, acontece em 2008, quando assim afirma: “Após quase 40 anos, as disciplinas de filosofia e sociologia foram novamente incorporadas ao currículo do ensino médio, em junho de 2008, com a entrada em vigor da Lei nº 11.684. A medida tornou obrigatório o ensino das duas disciplinas nas três séries do ensino médio”

Então, somente no ano de 2008, após quase 40 anos de ausência da obrigatoriedade legal, é que a Filosofia se torna obrigatória. A partir desse amparo legal, as escolas de Ensino Médio, com orientação do MEC<sup>7</sup>, visto que essa última publicação já apontava para a aprovação da Lei, e das Secretárias Estaduais de Educação – SEE, passam por processos de adaptações curriculares em vista ao atendimento de tais preceitos legais.

Contudo, essa legitimação legal é bastante breve. Em 2017, a aprovação da Lei n. 13.415/2017, modificou a LDB (BRASIL, 1996) e reformou a estruturação Ensino

---

<sup>7</sup> Publicação em 2006, dos Parâmetros Curriculares Nacionais + (2006) e Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2006).

Médio. Nesse contexto, a partir de 2018, retira-se a obrigatoriedade da Filosofia nos currículos. Como consta no Art. 36, Lei n. 13.415/2017, disponível no site JusBrasil<sup>8</sup>:

Art. 36. O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber: I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e sociais aplicadas; V – formação técnica e profissional. (BRASIL, 2017)

A Filosofia então passa a depender da definição da organização das instituições escolares acerca dos seus itinerários formativos. No artigo acima citado, observamos que no trecho onde aparecia a obrigatoriedade da Filosofia, nela a mesma desaparece, não é mais citada, a referida Lei de 2017, propõe a reforma do Ensino Médio em vista de sua adequação ao novo documento de orientação curricular, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Vejamos, com base no site gov.br:

Esse modelo traz uma **nova organização curricular e a ampliação da carga horária mínima** das atuais 800 horas para 1.000 horas anuais. Contempla as aprendizagens essenciais e comuns a todos os jovens e a oferta de diferentes possibilidades de escolha aos estudantes a partir dos itinerários formativos incluindo a formação técnica e profissional de forma a aprofundar conhecimentos e ajudar na inserção dos jovens no mercado de trabalho<sup>9</sup>. (Grifos do site?).

Por fim, analisando o percurso da obrigatoriedade da Filosofia no Ensino médio brasileiro, vemos que a mesma não foi valorizada ao longo da História, parece incomodar a poderes públicos. Especialmente, a partir de 2019 passamos por um período que a nos parece regredir no que diz respeito ao Ensino de Filosofia, no qual descentralizam investimentos em faculdades de filosofia e sociologia e de maneira geral na área de Ciências Humanas, os quais são refletidos em cortes de bolsas e da extinção de políticas públicas de incentivo a essa área.

Se no nível médio constatamos esse difícil percurso histórico para a área de filosofia, não de se estranhar as dificuldades que iremos demonstrar nessa pesquisa para

---

<sup>8</sup><https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/436752387/lei-13415-17> Acesso em: 31/07/2020.

<sup>9</sup> <https://www.gov.br/pt-br/noticias/educacao-e-pesquisa/2021/07/novo-ensino-medio-comeca-a-ser-implementado-gradualmente-a-partir-de-2022>

a presença da filosofia em outros níveis da educação básica, esse percurso nos parece ainda mais complicado. Afirmamos ser necessário lutar pelos espaços de implantação e permanência da filosofia na educação, fazer conhecer aqueles que não tem acesso, demonstrar a sua importância.

Depois de situar a trajetória do ensino de Filosofia na legislação brasileira para sua inserção no nível médio, se faz necessário ao nosso trabalho, o qual envolve a temática da Filosofia para Crianças – FpC, passaremos a discorrer sobre a inserção dessa aproximação entre filosofia e crianças na educação infantil e ensino fundamental.

## 2.1 MATTHEW LIPMAN E WALTER KOHAN: PRECURSORES NA APROXIMAÇÃO ENTRE FILOSOFIA E CRIANÇAS

Kohan (2008), identifica a América Latina como uma das regiões do mundo onde o Programa de Filosofia para Crianças – PFpC encontrou mais espaço e desenvolveu mais formas de organização, considera que: “O Brasil merece um lugar de destaque neste mapa, [...] pela significatividade que, em nível mundial, o país tem na divulgação do programa *filosofia para crianças* de Matthew Lipman.” (KOHAN, 2008, p. 85. Grifo do autor.). Vejamos essa caracterização por Fávero:

Desde 1985, com a chegada ao Brasil do programa de ‘Filosofia para Crianças’, criado por Matthew Lipman, algumas escolas – em sua maioria particulares – adotam a filosofia como disciplina em seus currículos do ensino fundamental. No ensino infantil há experiências sistemáticas com a filosofia pelo menos desde 1995. Recentemente, alguns poucos municípios, particularmente na Bahia (Ilhéus, Una, Itabuna) e no Mato Grosso (Cuiabá), estabelecem a obrigatoriedade do ensino de filosofia na rede pública no nível fundamental. Há também universidades e escolas que desenvolvem pesquisas e metodologias próprias para o ensino de filosofia nos níveis infantil e fundamental. (FÁVERO, 2004, p. 266 - 267. Grifo dos autores)

Desse modo, falar de FpC nos remete ao filósofo que criou e desenvolveu a Filosofia para Crianças, Matthew Lipman. A proposta de Lipman é transformar as salas de aulas em comunidades de investigação, (nestas as crianças aprendem em comunidade umas com as outras). Nas afirmações de Daniel:

A comunidade de investigação é uma técnica de grupo que propicia o desenvolvimento individual na medida em que faz que a criança tome consciência de suas potencialidades [...] favorece a superação de si mesmo e acentua, por isso mesmo, a motivação individual. Essa motivação tem como consequência (sic) a liberação da imaginação. [...] a investigação filosófica constitui, pois, um estimulante que atinge as crianças em sua faculdade de maravilhar e de espantar. Em suma, a comunidade de investigação oferece a cada participante a possibilidade de ir além de seus próprios conhecimentos e de se aproximar mais da atividade filosófica. (DANIEL, 2000, p. 125-126)

Nessa perspectiva de acordo com Daniel (2000), Lipman organiza a comunidade de investigação no sentido de que as crianças se superam em suas habilidades de pensamento. A escola, para Lipman, é um espaço de formação para termos cidadãos autônomos, livres e conscientes, capacitados a desenvolverem seu crescimento em todas as esferas, seja intelectual, emocional e até mesmo física, para aprender a agir em uma realidade mutável.

Lipman (1995), cria a Proposta de FpC, a qual desenvolve um método denominado de Comunidade de Investigação, sendo este um momento dialógico, que inicia com a leitura de Novelas Filosóficas, que correspondem ao currículo criado por Lipman, as quais constam de diálogos logicamente disciplinados, que são textos organizados de acordo com as faixas etárias das crianças que visam contribuir para que as crianças pensem, sobre diferentes problemas em suas vidas.

Ao ensinar a disciplina de lógica na Universidade de Filosofia em Colúmbia em 1972, Lipman (1995), cria o seu PFpC. Ainda ensinando na universidade começou a se preocupar com argumentos válidos, também a coerência lógica dos assuntos estudados em todos os aspectos da vida do/a educando/a. Além de ensinar lógica, ensinou também introdução à indagação filosófica, e via que os/as estudantes, tinham muitas capacidades em memorização e repetição do que lhes era ensinado, mas o resultado não era satisfatório, faltava algo; com muito conhecimento e pouca compreensão, não apresentavam um aprendizado significativo, perdurável, mesmo tendo o conhecimento técnico e correto na maioria das vezes. Assim, elabora um material específico em vista de contribuir com esses aspectos:

Os manuais de instrução dirigidos aos professores trazem breves considerações sobre as bases teóricas da proposta e grande número de sugestões de atividades didáticas relacionadas ao desenvolvimento das habilidades cognitivas dos alunos. Seriam necessários porque, via de

regra, os professores que aplicam o programa, tendo sido formados à moda tradicional, isto é, segundo o paradigma da educação como transmissão de conhecimentos, não estariam capacitados para planejarem sozinhos as atividades requeridas por uma educação para o pensar. (LIPMAN, 1990, p. 207-208)

Para Lipman (1990), os/as professores/as precisam utilizar manuais, com sugestões de atividades, não tendo com isso, um currículo aberto, mas sim bem fechado e estruturado. Na prática docente de Lipman (1995), os/as alunos/as apresentavam muitas dificuldades em colocar o conhecimento em prática, isso o deixou apreensivo, pois considerava que o mais importante era exatamente utilizar na vida os conhecimentos adquiridos nas disciplinas filosóficas. Como os resultados dos/as seus/uas alunos/as na academia apresentavam argumentos fracos, sem coerência, e na maioria das vezes, apenas decoravam os conteúdos ao invés de aprenderem, Lipman (1995), começa a desenvolver a teoria de que estava faltando talvez uma base fundamental à estruturação do pensamento lógico que poderia ser desenvolvida desde a idade infantil. Com essas preocupações, Lipman (1995) elaborou a hipótese de que se a filosofia existisse nas séries anteriores ao período universitário poderia contribuir no desenvolvimento do pensamento bem elaborado de adultos e crianças.

Mediante essa contextualização à proposta de FpC fundada por Lipman, passaremos a contextualizar algumas das alterações a partir do movimento inaugurado por Walter Kohan. Após vasto período divulgando e praticando a filosofia para crianças criada por Lipman, Walter Kohan inicia em 2000, um movimento de questionamentos e críticas à referida proposta, em Cirino (2016) observamos que em 2000, na Argentina e em 2008, no Brasil, Walter Kohan, publica textos de Filosofia com crianças, oferecendo uma revisão crítica da expansão do programa de Lipman, passando a sua reelaboração frente à identificação dos seguintes desafios: teóricos, desafios metodológicos e políticos-institucionais. Nesse sentido de acordo com Cirino (2016, p. 87), Kohan faz algumas perguntas, ao que vinha até então praticando como filosofia para crianças, entre elas, destacamos: “porque filosofia? O que é filosofia? Para que filosofia para crianças.”

A partir desse movimento iniciado por Kohan (2008), identifica-se um processo de construção de novas abordagens teóricas e práticas (KOHAN, 2012) de um movimento que passa ser denominado de filosofia *com* crianças. Essa nova relação, embora mantenha alguns fundamentos da proposta de FpC de Lipman, se difere, especialmente, na

compreensão de que a prática de filosofia *com* crianças é algo que se constrói e se elabora com a participação ativa das crianças.

Kohan (2012), reconhece o valor da filosofia para crianças, mas desenvolve sua própria proposta, não somente ele, mais outros pesquisadores no mundo inteiro (KOHAN; OLARIETA; WOZNIAK, 2012), vão aderir à filosofia *com* crianças. É preciso destacar que quando falamos em desenvolver o pensamento e a filosofia *para* ou *com* crianças, estamos falando de uma iniciação filosófica na infância, não se trata de uma filosofia complexa da academia, mas sim, experienciar com o cotidiano, pensando no mundo a sua volta.

Desse modo, a filosofia com crianças, que é a proposta da nossa pesquisa, vem posteriormente à proposta de Lipman, a FpC. Assim a filosofia com crianças, vai, paulatinamente, ocupando alguns espaços na relação filosofia e infância, mantendo-se, ainda no contexto atual ambas as práticas no Brasil e no mundo. (KOHAN; OLARIETA, 2012). Assim, vejamos nas palavras de Cirino (2016, p. 87 – 88. Grifos da autora), alguns desses aspectos:

Considera necessária uma formação crítica e o contato direto dos/as educadores/as com essa proposta e materiais, bem como aponta para o importante papel das universidades. Nessas duas publicações Kohan; Waksman (2000) e Kohan (2008), mais detalhadamente na primeira, analisam criticamente esses desafios e problematizam a FpC como proposta oferecida por Lipman e colaboradores/as, embora reconheçam seu valor e pioneirismo, apontam para uma alternativa de mudança da preposição '*para*' crianças do programa de Lipman para a preposição '*com* crianças, evidenciando um trabalho já desenvolvido pelo professor Walter, nessa época, na Universidade de Brasília - UNB e outros/as pesquisadores/as em várias partes do mundo, criando outra dinâmica de trabalho de filosofia com crianças e especialmente não mais utilizando o currículo com as novelas filosóficas.

Embora não tenha nenhum método, Kohan (2012), irá publicar um direcionamento denominado de “composição”, a qual refere-se à: uma disposição inicial, no sentido de criar as condições para gerar uma relação afetiva e de disposição favorável à vivência e convivência no espaço coletivo. Compõem a ideia de composição as seguintes etapas: vivência de um texto: a escolha do texto deve afetar o próprio docente, que ele – o texto – tenha potência para incitar o pensamento das crianças; problematização de um texto; esta parte procura instigar perguntas, busca fazer surgir as afetações provocadas pelo texto; escolha de uma questão: o objetivo desta parte é determinar junto

às crianças que pergunta é mais pertinente para a discussão e exploração pelo grupo; diálogo: é o ápice da experiência filosófica, dele participam todos os envolvidos que colocam suas reflexões acerca do texto exposto; para continuar pensando: esta parte é a suspensão da experiência filosófica mais que possibilita novos começos, se avalia o processo, se recupera o que foi possível pensar até ali e poderá seguir pensando individual ou coletivamente. (KOHAN; OLARIETA, 2012).

O referido direcionamento – composição - passa a partir de 2012, a inspirar as práticas de filosofia com crianças. Diferente de Lipman, que possui um currículo estruturado, a prática de filosofia com crianças orientada por Kohan (2012), é livre, como afirma Paiva (2018, p. 137): “Kohan não oferta ou possui de antemão um material pedagógico a ser seguido, enquanto modelo. O que faz com seus colaboradores é ofertar suporte aos educadores.” Enquanto que para Lipman (1995), a FpC se organiza nas comunidades de investigação, esta composta por diálogos logicamente disciplinados e novelas filosóficas, para possivelmente os/as estudantes desenvolverem um pensamento reflexivo e autônomo, em Kohan (2012), vai se desenvolver uma nova forma de experienciar o pensar a partir dos seus estudos de Lipman, mas diferente destes, a proposta que passa a se denominar de filosofia *com* crianças, dá mais autonomia ao/à educador educador/a no que se refere à escolha dos materiais das “experiências de pensamento”, visto que assim passará a ser nomeado o espaço de filosofia com crianças coordenado por Walter Kohan.

O movimento iniciado em 2000 por Walter Kohan, tem crescido significativamente no Brasil e no mundo (KOHAN; OLARIETA, 2012), especialmente através das atividades do Projeto de Pesquisa e Extensão em desenvolvimento na Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, “Em Caxias, a filosofia en-caixa?”, as quais acontecem em escolas públicas no município de Duque de Caxias/RJ.<sup>10</sup> Contudo, a filosofia para/com crianças não tem amparo legal, salvo raras exceções<sup>11</sup>, constitui-se como ações isoladas e/ou opções curriculares pelos sistemas de ensino privados<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup>Maiores informações: [www.filoeduc.org/](http://www.filoeduc.org/)

<sup>11</sup> “O programa de filosofia para crianças chegou ao município de São Mateus em meados dos anos 90, por iniciativa do Centro Educacional São Gotarde, conhecido como Colégio Conhecer, uma instituição privada de ensino que viu nesse programa uma ferramenta pedagógica, inserindo-se em seu currículo no ano de 1994. [...] No ano de 1998 [...] as práticas de filosofia com crianças começaram a ser desenvolvidas na educação pública do município [...]. (CUNHA, 2018, p. 146 – 147).

<sup>12</sup> SISTEMA OBJETIVO, SISTEMA POSITIVO.

Especificamente, no município de Caicó, *lócus* da presente pesquisa. Cita-se, nesse contexto, o projeto de pesquisa<sup>13</sup> e extensão<sup>14</sup>, em desenvolvimento desde o ano de 2009<sup>15</sup>, que envolve o tema da filosofia e da infância ofertadas pelo Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN/Campus Caicó/RN e coordenado pela professora Dra. Maria Reilta Dantas Cirino.

As atividades dos referidos projetos, se desenvolvem semanalmente no Campus Caicó/UERN desde o ano de 2009 e, atualmente, sua ação didático-pedagógica ocorre na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental “Maria Leonor Cavalcante”, no município de Caicó. Devido ao contexto da pandemia, COVID 19<sup>16</sup>, o qual suspendeu as atividades presenciais em vista da preservação das vidas das pessoas, não foi possível a realização da ação-educativo-filosófica, parte prática da pesquisa, de maneira presencial na escola que estávamos iniciando as pesquisas, pois as crianças tinham pouco tempo on-line, e esse tempo era destinado as disciplinas básicas do currículo, também em virtude da pandemia, a professora pesquisadora ficou sem trabalho, pois tiveram algumas baixas na escola e como era iniciante e em período de experiência na mesma, a escola optou pela redução do quadro. Dessa maneira, como participamos do projeto de pesquisa e extensão, acima citado e o mesmo estava sendo desenvolvido de forma on-line, optamos por desenvolver nossa pesquisa dentro das atividades do mesmo que eram realizadas com as crianças nessa modalidade, virtual, na Escola Maria Leonor Cavalcante, ao qual agradecemos a acolhida da pesquisa, onde a parte prática da mesma foi realizada e finalizada, posteriormente, a pesquisadora mudou seu campo profissional, mas a mesma decidiu continuar e finalizar a escola.

Subsidiaram os estudos teóricos e práticos dos projetos a teoria de Filosofia para Crianças – FpC, elaborada pelo filósofo norte-americano Matthew Lipman e seus desdobramentos no Brasil e no mundo, especialmente através das pesquisas e práticas desenvolvidas por Walter Kohan, atualmente junto ao Núcleo de Estudos de Filosofia e Infância – NEFI<sup>17</sup>/UERJ, denominada de Filosofia com Crianças.

---

<sup>13</sup> Projeto Institucional “Filosofia com crianças: pensamento e experiência na escola de educação básica.”(EDITAL N° 001/2017- PROPEG/UERN. Edição 2017-2018).

<sup>14</sup>Projeto de Extensão “Filosofia com crianças e jovens: experiências de formação e pensamento na escola de educação básica.” (EDITAL O1/2018 – PROEX/ UERN. Período 2018 – 2019).

<sup>15</sup> Maiores informações, acessar: <http://filosofianainfancia.blogspot.com/>

<sup>16</sup> Maiores informações consultar Decreto Legislativo n. 6, de 20 de março de 2020, disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=DLG&numero=6&ano=2020&ato=b1fAzZU5EMZpWT794> Acesso em 29/01/2022.

<sup>17</sup>Para maiores esclarecimentos, acessar: [www.filoeduc.org](http://www.filoeduc.org)

A partir dessas considerações, o nosso envolvimento com a referida temática, inicia-se em 2010, como estudante no Curso de Licenciatura em Filosofia pela UERN, a partir de estudos dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, o qual realizou estudos na obra *O pensar na Educação* (1995). Posteriormente, enquanto docente do Projeto SESC Serviço Social do Comércio, na disciplina de Pedagogia, o qual ensina-se todos os conteúdos escolares, em um reforço escolar, no contra turno desenvolvemos a Filosofia com crianças, a partir do ano de 2018. Após esse período, nossa atividade profissional passa a ocorrer no Centro de Educação Infantil Arte de Brincar - CEIAB, na disciplina Leitura de Textos, do ano de 2018 até o ano de 2019, em 2020 mudamos de escola para o Centro Educacional Integrado do Seridó - CEIS, propomos à referida escola incluir no planejamento experiências de pensamento para as crianças da referida escola.

Como já relatado, anteriormente, a partir de maio de 2020, com o decreto da pandemia nacional, COVID – 19, deixamos de atuar nessa escola e, frente ao contexto pandêmico, passamos a fazer as alterações necessárias à realização da pesquisa de maneira remota dentro das atividades do Projeto de Pesquisa e Extensão da UERN, na Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti, do qual somos membros desde o ano de 2018, Tais alterações foram submetidas ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UERN.

Após situar, brevemente, o movimento de aproximação entre a filosofia e as crianças, passaremos à abordar na seção seguinte as diferenças e semelhanças entre as duas perspectivas teóricas e práticas: a FpC, de Matthew Lipman e a Filosofia com Crianças, de Walter Kohan.

### **3 FILOSOFIA EM MATTHEW LIPMAN: DIMENSÃO LÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES DE PENSAMENTO**

Matthew Lipman, buscou desenvolver uma educação voltada para a reflexão, considerando o pensar como algo natural, próprio do ser humano, o mesmo “[...] não tinha dúvidas que as crianças pensavam tão naturalmente quanto falavam e respiravam [...]”, (KOHAN, 1998, p. 22), mas essa função aprimora-se com algumas habilidades que podem ser desenvolvidas na educação escolar e o modelo educacional deveria voltar-se para tal fato, todos os envolvidos nesse processo deveriam refletir de maneira autônoma, crítica, criativa e reflexiva, na perspectiva de desenvolverem o pensamento de ordem superior, ele sugere uma educação para o pensar, dialogando sobre o ato de pensar que “[...] para alguns especialistas, pensar bem é pensar de maneira precisa, consistente e coerente; para outros, é pensar de modo ampliativo, imaginativo e criativo.” (LIPMAN, 1995, p. 13).

O professor não ensina a pensar, considerando que por mais que se aprenda em comunidade, o pensamento é um ato solitário, o mesmo pode fazer com que o aluno aprenda, através de mecanismos e de exercício constante de habilidades, a pensar de maneira cada vez mais autônoma. Assim, é possível considerar que não se pode ensinar a pensar, porém, pode-se criar um ambiente no qual se possa descobrir como ensinar a si mesmo a pensar por si mesmo (LIPMAN, 1995). Desse modo, a criação deste ambiente que favoreça o pensar, propicia a autonomia e o aprendizado do estudante. Os discentes podem aprender a pensar cognitivamente, autonomamente e também desenvolver conteúdos de forma eficiente, podem adquirir, em processo, procedimentos que os ajudem a pensar cada vez melhor, lidando com a própria realidade de maneira significativa, aplicando estes conteúdos na vida e na organização do pensamento. Nesse sentido,

Conceber um pensador como capaz de orquestrar o seu pensamento em uma série linear de passos simples é, obviamente, um paradigma exageradamente super simplificado, pois um ser humano independentemente de ser ele adulto ou uma criança, é capaz de envolver-se em uma variedade considerável de processos de pensamento ao mesmo tempo. Enquanto você dirige um carro no trânsito, você tenta se lembrar se desligou o fogão, imagina a confusão que está à sua espera no escritório e pensa sobre aquilo que sua filha lhe disse quando foi para a escola, juntamente com o desempenho de inúmeros outros atos mentais e pequenas atividades que utilizam o raciocínio. (LIPMAN, 1995, p. 49)

Na perspectiva apontada acima por Lipman (1995), o nosso cérebro, está sempre pensando em algo, do mais simples ao complexo, e a atual sociedade é dinâmica, exigindo do sujeito um pensar que o torne atuante de acordo com o rápido desenvolvimento da maioria das pessoas. O autor propõe caminhos para a inovação do pensar através de uma educação filosófica para crianças, que várias vezes a denomina de reflexiva.

O dilema vivido pelas pessoas sobre a arte do pensar começa na infância onde os pais estão mais interessados que as crianças aprendam as coisas, mesmo que mecanicamente, existe um incentivo maior à linguagem que ao pensamento, “[...] este desenvolvimento é ainda mais estimulado pelas perspectivas de que a aquisição da linguagem conduzirá a uma integração mais plena na vida e nas práticas da família e da casa.” (LIPMAN, 1995, p. 23).

Dessa forma, se incentiva muitas vezes a ler mesmo sem entender, sem traduzir. Estimular a linguagem é algo importante, mas sem esquecer-se do pensamento. O que seria o pensar? E qual seria a diferença entre o bom e o mau pensador? Para Tishma<sup>18</sup>, Perkins<sup>19</sup> e Jay<sup>20</sup>, na obra, *A cultura do pensamento na sala de aula*:

Pensar é um empreendimento humano que envolve capacidades e disposições. Sabemos que as capacidades cognitivas desempenham um papel no pensar. Entretanto, uma vez mais, simplesmente possuir a capacidade para pensar não quer dizer que se pense bem, nem mesmo que se pense com muita frequência. O que distingue o bom pensador do pensador mediano não é simplesmente a capacidade cognitiva superior. Os bons pensadores se destacam porque utilizam seus poderes intelectuais inerentes de maneiras produtivas e indagadoras. [...]. Os esforços para ensinar a pensar são, em grande medida, voltados para o cultivo de habilidades práticas de pensamento (TISHMA; PERKINS; JAY, 1999, p. 56)

O pensar é uma característica do ser humano, distingue o pensar bem do mal, as pessoas que utilizam suas capacidades de forma significativa superam outras com

---

<sup>18</sup> Shari Tishman é pesquisadora associada ao projeto zero, da escola de Pós-Graduação em Educação na Universidade de Harvard. Atuou por mais de uma década no movimento em prol das habilidades de pensamento. [...] publicou diversos trabalhos na área de pensamento crítico e seu ensino, (TISHMA, PERKINS e JAY 1999, p. 5).

<sup>19</sup> David Perkins dirigiu programas de pesquisa e desenvolvimento de longo prazo nas áreas de ensino e aprendizagem para fins de compreensão, criatividade, resolução de problemas e raciocínio em ciência e artes, bem como na vida cotidiana. (TISHMA; PERKINS; JAY, 1999, p. 5).

<sup>20</sup> Eileen Jay é pesquisadora do projeto zero, da escola de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Harvard, onde investiga novas abordagens ao ensino do pensar. Tem pesquisado extensamente sobre a descoberta de problemas, estudando a disposição para a explicitação de problemas e sua relação com a criatividade. (TISHMA; PERKINS; JAY, 1999, p. 5).

capacidades semelhantes, porém, não havendo um esforço e estudo ficam adormecidas. Tishma; Perkins; Jay (1999), citam um exemplo de duas patinadoras, ambas com capacidade equivalentes, mas uma se destaca frente à outra, a que se destaca é aquela que desafia a si própria, assumindo riscos, procurando novas formas de patinar, sendo criticado o seu próprio pensar, de como seria o melhor patinar. Mesmo que alguém tenha uma capacidade inicial maior que o outro, se não houver um esforço, sua capacidade ficará inerte, não evoluirá frente ao do que se esforça.

Portanto, o pensamento é natural, mas pode ser promovido a uma forma que se torne pensamento complexo, como apresenta Lipman (1995), distanciando-se do pensar simplificado, transformando-se em um pensamento de ordem superior, ou seja, o pensamento excelente.

O processo de expandir o pensar se desenvolve a partir das principais habilidades cognitivas que são: habilidade de investigação, raciocínio, organização de informação e tradução, as mesmas fazem parte do pensar superior, nos fazem refletir e pensar significativamente quando bem articuladas, podem ser desenvolvidas nos alunos, de acordo com Lipman (1995), por meio de romances, manuais e novelas, esses são fundamentais no nosso processo de pensar, ler e falar. Lipman (1995), na obra *O pensar na educação*, vai discorrer um pouco mais sobre o processo que envolve o desenvolvimento das habilidades:

Para aprender um ofício é preciso conhecer várias habilidades e sua orquestração a fim de alcançar um determinado objetivo. Em certo sentido, movimentos e habilidades e ofícios são todos passíveis de serem ensinados no sentido em que as operações e técnicas que incorporam podem ser ensinadas, e os movimentos, habilidades e ofícios podem ser adquiridos através do aprendizado (LIPMAN, p. 1995, 118)

As habilidades podem assim ser ensinadas, através da aprendizagem escolar, enfatizando em primeiro lugar o fator humano, presente na comunidade de investigação, elas nos ajudam a construir julgamentos lógicos, tão fundamentais em nosso cotidiano e também no ambiente escolar, feitos de maneira significativa, todas as habilidades surgem e desenvolvem-se com os nossos pensamentos, as atividades que possuem uma ligação, um significado são mais fáceis de obter aprendizado, “[...] investir na primazia do significado, na motivação não representa nada de extraordinário para aqueles que sempre enfatizam a compreensão como principal estímulo.” (LIPMAN, 1995, p. 60).

Desse modo, aprender fazendo relações com o significante e o significado das coisas, evitando o decorar se faz necessário, sendo substituído pelo propósito de ensinar a pensar que significa: “[...] preparar os alunos para um futuro eficaz de resolução de problemas, de tomada consciente de decisões e de aprendizado contínuo por toda a vida” (TISHMAN; PERKINS; JAY, 1999, p. 13 - 14). Os mesmos autores, em diálogo sobre o desenvolvimento de habilidades de pensar, identificam a escola como lugar de aprendizado onde os alunos podem desenvolver as habilidades cognitivas, e contém o ambiente que se diferencia de um lugar para outro: “Naturalmente, nem todas as salas de aula tem a mesma atmosfera cultural: algumas são rígidas, outras abertas; algumas valorizam respostas, outras valorizam perguntas. Mas todas as salas têm alguma forma de cultura” (TISHMAN; PERKINS; JAY, 1999, p. 13).

Primeiro aprendemos na comunidade familiar, depois passamos a aprender no universo escolar também de forma comunitária. O mistério natural do ambiente da família é substituído por um ambiente estável e estruturado, este raramente animador e desafiador. Esta educação possui poucos incentivos ao pensamento, bem menos que no ambiente familiar, porque as primeiras aprendizagens são nas famílias, onde a criança vai ter curiosidade de descobrir o mundo a sua volta, mas vai sendo podada pela sociedade incluindo a escola, se no ambiente familiar a aprendizagem não é tão significativa, quando entra no ambiente escolar esta realidade dificilmente vai se modificar, assim é necessário criar condições apropriadas ao aprendizado:

É preciso mostrar aos estudantes de que maneiras eles podem internalizar padrões adequados se desejam viver de acordo com os mesmos. Se desejamos que conduzam seus pensamentos de uma maneira responsável, se desejamos que pensem por si próprios, devemos, então, criar condições para que se apropriem dos valores do processo educacional como seus, do mesmo modo que devem apropriar-se dos valores do processo democrático se sua intenção e viver de acordo com este processo (LIPMAN, 1995, p. 15)

Na visão de Lipman (1995), cabe ao professor e aos Sistemas de Ensino, desenvolverem estratégias significativas de aprendizagem, para que os alunos participem do processo, se eles não se sentirem incluídos vão entender que foram manipulados, eles têm que se inserir nas dinâmicas propostas, assim criam seus argumentos e desenvolvem a autonomia de pensamento, exercitando o pensar por si mesmo. O pensante autônomo não é individualista, se destaca por não repetir somente o que outras pessoas dizem ou

pensam, na realidade “[...] fazem seus próprios julgamentos a partir das provas, que formam sua própria visão do mundo e desenvolvem suas próprias concepções acerca do tipo de indivíduo que querem ser e o tipo de mundo que gostariam que fosse.” (LIPMAN, 1995, p. 36).

A autonomia desenvolvida no processo educativo contribui para alcançar o objetivo de “[...] formar melhores julgamentos a fim que possamos modificar nossas vidas de maneira mais criteriosa” (LIPMAN, 1995, p. 37), para adquirir experiências e ampliar a autonomia e o pensar por si mesmo, é interessante observar o aprender a partir da educação como investigação, considerando as habilidades cognitivas.

As habilidades cognitivas se apresentam em vários tipos, umas primárias de raciocínio, e as habilidades básicas como a de ler, escrever e calcular, importantes no meio acadêmico, sem estas não se pode passar para outros níveis, no entanto, são complexas vistas em um primeiro momento.

As habilidades cognitivas se dividem em quatro eixos principais: habilidade de investigação, raciocínio, organização de informação e tradução. Todo o ser humano possui, mas nem todos as utilizam de maneira correta. Tais habilidades cognitivas não funcionam sozinhas estão interligadas, e são muitos os aprendizados contidos nas mesmas. Ainda, as principais habilidades cognitivas: habilidade de investigação, habilidade de raciocínio, habilidade de organização de informação e habilidade de tradução.

A primeira é a habilidade de investigação e não é por acaso que Lipman (1990), vai denominar a metodologia de sua Proposta de Filosofia para Crianças – PFpC de Comunidades de Investigação, pois – a investigação - é um conceito central de sua proposta, visto que Kohan (2008, p. 55), ao analisar esse aspecto, assim afirma: “[...] tanto a filosofia como a educação são formas de investigação, não mudam sensivelmente no decorrer do programa, trata-se apenas de mudança de grau.” Como o próprio nome diz, tem o objetivo de investigar e está à procura de solucionar problemas, mas não é uma investigação comum, usual, ela não é vasta, tem um enfoque, não é o investigar por investigar, tem um propósito que é o alcance cada vez maior do significado do que está envolvido na investigação, levando o indivíduo à inferir, argumentar e agir coerentemente (LIPMAN, 1990).

Ao desenvolverem a habilidade de investigação as pessoas:

Aprendem a explicar e a prever, e a identificar causas e efeitos, meios e fins e meios e consequências, como também a distinguir estas coisas entre si. Elas aprendem a formular problemas, estimar, medir e desenvolver as inúmeras capacidades que formam a prática que se associa ao processo de investigação. (LIPMAN, 1995, p. 66)

Nessa perspectiva, a investigação ou indagação é uma prática autocorretiva, não sendo comum, esta habilidade é contínua através dos níveis de desenvolvimento, começam na infância e se expandem até a velhice, com a investigação podemos diferenciar coisas, fazer diversas associações para uma melhor assimilação dos conhecimentos e posicionamentos.

Em Lipman (1990), as habilidades são muito importantes. Depois da habilidade de investigação, vem a habilidade de raciocínio, devemos estimular o nosso pensar, a nossa capacidade cognitiva, associar fatos ao dia a dia, com atividades diversas, pois os estudantes precisam vivenciar os vários tipos de saberes com tal habilidade, a base dessa habilidade é a prática, a experiência, assim “[...] quando pensamos por nós mesmos, em uma situação que não seja de uma conversa com outras pessoas, nossas deduções derivam de premissas que já conhecemos. Consequentemente, a conclusão indeferida não é, de maneira alguma extraordinária” (LIPMAN, 1995, p. 66).

O desenvolvimento de habilidades contribui na construção do raciocínio lógico, aprendemos muito com a troca de experiências, o outro se faz muito importante no processo de aprendizagem, pois com o diferente podemos crescer e aprender, nos surpreender positivamente, até porque raciocinar bem tem relação direta, na perspectiva lipmiana com o bom procedimento de argumentar, inferir, julgar.

O raciocínio é o processo da mente e do argumento que se dá partindo de algo conhecido, para atingir o novo, mas esse processo, embora envolva outros como mediadores, articuladores, é individual e pode ser ensinada:

Talvez pareça estranho o fato de insistimos no ensino do raciocínio para melhorar a leitura das crianças e dizermos que o ato de ler, por sua vez, é mais um meio de ajudar as crianças a pensarem do que um fim em si mesmo. A nossa resposta é que a leitura e o raciocínio são habilidades que podem ser ensinadas e que se reforçam mutuamente. O que é discutível é se o pensar pode ser ensinado, mas não há dúvida de que pode ser encorajado. E a instrução nos procedimentos do raciocínio pode ser útil para desenvolver a arte de pensar. Mas como ensinar o raciocínio? As escolas geralmente afirmam que já fazem e fazem bem. (LIPMAN, 2001, p. 40).

Dessa forma, o raciocínio é uma habilidade que pode ser ensinada, encorajada, as escolas dizem que ensinam em matemática e linguagem principalmente, estas como disciplinas isoladas não são suficientes para o ensino da habilidade de raciocinar. Uma das formas de potencializar o desenvolvimento dessa habilidade, é dar exemplos com falhas para as crianças reconhecerem o que falta, assim aprendem a pensar bem distinguindo o que está certo ou errado. Como no exemplo, “[...] dizem que uma entre cada cinco crianças que nascem no mundo é chinesa, eu tenho três irmãos, então suponho que o próximo bebê que meus pais tiverem, provavelmente será parecido com um chinês,” (LIPMAN, 2001, p.41). Esse estilo de exemplo é um dos que são utilizados por Lipman em sala de aula, em sua PFpC, possui falhas claras, a partir destas se discute o que está errado e desenvolve este exercício com os alunos, trabalhando na busca de solução dessas incoerências, esta seria uma das maneiras de fortalecer o raciocínio.

Em todas as nossas atividades cotidianas sempre usamos o raciocínio, das maneiras mais simples as mais complexas, temos a capacidade de desenvolver um grande número de processos de pensamento ao mesmo tempo e também “[...] podemos raciocinar bem e mesmo assim não obter sucesso academicamente: muitos outros fatores podem ser responsáveis por contratempos acadêmicos. Mas, a ausência de habilidades de raciocínio é bastante para produzir fracassos” (LIPMAN, 1995, p. 49).

De acordo com Lipman (1995), é interessante mesclar a reflexão com os conteúdos acadêmicos, se não tiver essa reflexão fica inviável o sucesso cognitivo. É importante lembrar que não é complicado adquirir uma habilidade, esta qualquer um pode, o difícil é saber colocar a mesma em prática de forma significativa. O processo educacional deve abranger e aperfeiçoar mais do que desenvolver e adquirir habilidades cognitivas, precisa ensinar de forma facilitadora no qual haja uma apropriação do conhecimento mediante o processo do desenvolvimento do pensar cada vez mais coerente e significativo.

Lipman (1995), compreende que a lógica também é indispensável para o ensino da habilidade de raciocínio, algo muito intrínseco da filosofia, afinal temos que utilizar critérios lógicos para distinguir um raciocínio pior de um melhor. Nesse sentido, o professor também aprende a atuar de maneira cada vez mais adequada na perspectiva de atuar para que seus estudantes alcancem cada vez mais níveis de raciocínios superiores.

Outra habilidade preconizada por Lipman (1995), é a de organização de informação, nesse processo a capacidade de organizar as informações de grupos

expressivos, estes que recebemos de redes de relações, não é somente a maneira simples de organizar informações, vai além, organiza conceitos, conteúdos e experiências e ajuda na expressão e identificação das mesmas.

Existem três tipos de agrupamentos de informações: a sentença, o conceito e o esquema. “Quando lidamos com raciocínio estamos basicamente preocupados com relações entre sentenças” (LIPMAN, 1995, p. 68), todas as leituras passam pelas sentenças, as melhores são as coletivas, as que possuem mais argumentação, as palavras sozinhas não são significativas, somente quando são organizadas em grupos, ou seja, com outras e inseridas em um contexto dialético unificado, são cheias de significados não são palavras soltas, as “sentenças são blocos básicos de construção da leitura e da escrita e podem ser vários tipos: perguntas, exclamações, ordens, afirmações.” (LIPMAN, 1995, p. 68), as frases se tornam mais expressivas que as palavras, essas individualmente possuem significados, mas quando se lê uma sentença e esta é entendida como um todo, ela se torna mais expressiva.

A elaboração do conceito é o produto final dessas redes de relações, “[...] são veículos do pensamento, entidades através das quais o pensamento se realiza” (LIPMAN, 1995, p. 68), a análise dos mesmos, procura resolver algo ambíguo muitas vezes. Ter conceitos proferidos e dominá-los amplia o processo do pensar significativo, expandem os argumentos, as explanações e a articulação de ideias com conceitos, aumentando as relações, e situando-se na essência do pensar cognitivo.

O último aspecto da habilidade de organização das informações é o esquema, o qual se modifica constantemente, é iminente e comum impormos composições em fatos que analisamos “[...] eles representam uma necessidade ativa que demanda com urgência uma conclusão ou equilíbrio” (LIPMAN, 1995, p. 68), todo esquema está designado a se modificar e transformar-se através do tempo.

Já a habilidade de tradução, que é traduzir e comprometer o sentido dito ou escrito original, tem a ver com interpretação, não reproduzir fatos, mas entender que os mesmos têm diferentes modos de acontecer. Dessa forma, para que os estudantes adquiriam julgamentos e razões as suas falas, é necessário que saibam traduzir textos, se esta habilidade fosse mais explorada nos níveis anteriores ao acadêmico, de acordo com Lipman (1990), as muitas dificuldades encontradas neste sentido seriam sanadas.

A interpretação dos fatos está relacionada diretamente com tal habilidade, “[...] quando um compositor tenta, por meio de um poema sinfônico, conferir significados

literários em forma musical, ou um pintor busca dar um título a sua obra que será fiel ao seu conteúdo plástico” (LIPMAN, 1995, p. 72), é uma construção de definições que também se faz necessária ao outro com uma troca e produtividade. Então, traduzir é interpretar alguma coisa que já existe, mas vai ser dito com palavras próprias, de maneira diferente, permanecendo a essência do primeiro produto, não dá também para ser totalmente original, deve-se respeitar a linha do pensamento do autor, não definir algo que o mesmo não quis dizer, é importante buscar nesse processo os significados corretos para poder formular seus próprios conceitos a partir dos existentes.

De acordo com Lipman (1995), os professores precisam estar atentos aos mecanismos que permeiam as habilidades cognitivas dos alunos, porque estes são provocados pelo pensar, e através da discussão o professor consegue despertar o pensamento que compõe as habilidades do diálogo, para a constituição na formação de conceitos.

As áreas de habilidades mais relevantes para os objetivos educacionais são aquelas relacionadas com os processos de investigação, processos de raciocínio, organização de informações e tradução. É provável que as crianças muito pequenas possuam todas estas habilidades de maneira ainda rudimentar. A educação não é, portanto, uma questão de aquisição de habilidades cognitivas, mas de fortalecimento e aperfeiçoamento de habilidades. Em outras palavras, as crianças estão naturalmente inclinadas a adquirir habilidades cognitivas, do mesmo modo que adquirem naturalmente a linguagem, e a educação é necessária para fortalecer o processo (LIPMAN, 1995, p. 65).

As habilidades cognitivas não serão geradas com a PFpC de Lipman, pois as crianças já as têm intrinsecamente, elas serão fortalecidas no âmbito escolar, os currículos devem estimular a trabalhar com manuais que exercitem o pensamento cognitivo, porque do contrário, as discussões só estão desempenhando ligeiramente o seu papel, não serão totalmente eficazes, sendo necessário o envolvimento do aluno na investigação, que forma todo o exercício de planos e diálogos para a prática direcionada ao desenvolvimento do pensar, esta podendo ser trabalhada nas chamadas Comunidades de Investigação, metodologia da proposta de Filosofia para Crianças, de Lipman (1990).

Existem dois critérios para avaliar programas que trabalham com tais habilidades, o quantitativo e o qualitativo, “[...] o primeiro refere à aferição do desenvolvimento das habilidades cognitivas através de testes válidos e seguros; o segundo refere-se ao significado educacional do programa.” (SHARP; LIPMAN, 1995, p. 19). Ambos estão

relacionados e possuem importância nesta avaliação, um depende do outro, fazendo com que os alunos se tornem críticos e criativos.

Se essas habilidades cognitivas forem trabalhadas desde criança, as mesmas têm, na perspectiva de Lipman (1990), o potencial de desenvolver vários instrumentos de pensamento que ajudam em uma melhor forma do pensar racional, o pensar cognitivo de maneira significativa.

Embora percebemos que Lipman (1990; 1995), enfatiza a dimensão lógica do pensamento no processo de desenvolvimento de habilidades de pensar para que o indivíduo chegue ao pensamento de ordem superior, ressaltamos que o referido autor afirma que todas as habilidades cognitivas têm em comum o fato de não funcionarem sozinhas, precisando do diálogo entre elas, com o outro, bem como na troca e confronto com o diferente. Nessa perspectiva, os estudantes podem crescer e aprender, como também construir o bom processo de argumentar, sendo, as instituições escolares, a sala de aula, ao tornarem-se em Comunidades de Investigação, um lugar propício para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do pensar, a partir das habilidades cognitivas na comunidade de investigação.

Nessa sessão, buscamos esclarecer sobre a perspectiva de Lipman (1990), no aspecto da importância que é dada por ele para o desenvolvimento do pensar, na perspectiva de que a capacidade de pensar é uma habilidade humana nata, mas que pode ser aperfeiçoada ao longo da vida escolar através do exercício contínuo e constante do desenvolvimento das habilidades de investigação, raciocínio, organização de informação e tradução. Vimos que dentro de cada habilidade existem outras que devem ser desenvolvidas para o alcance da habilidade central preconizada por Lipman. O alcance de tais habilidades, na proposta de Lipman (1990), leva o indivíduo ao pensamento de ordem superior. cremos que o desenvolvimento dessas habilidades podem ser realizadas no decorrer das experiências de pensamento, mas ao mesmo tempo a posição política e a vivência da experiência, do que pensar nas habilidades, que para nós seriam um ganho secundário da experiência na Filosofia.

Na nossa visão, a partir dos estudos realizados, as habilidades são importantes de serem consideradas, pois faz sentido até certo ponto pensar no desenvolvimento das mesmas em uma escola, quando estamos planejando, pensamos no que nossos/as alunos/as podem evoluir e o que podemos fazer para tal, então nesse sentido, pensar o desenvolvimento na perspectiva das habilidades de pensamento de Lipman (1990), faz

sentido, contudo, ao enfatizar a dimensão lógica, Lipman (1990), deixa uma importante dimensão da filosofia esquecida que é a dimensão política e como veremos mais adiante, Kohan (2008), rompe com essa ideia e apresenta outra visão dentro da filosofia com crianças, a qual vamos desenvolvendo ao longo desse texto, a visão que a Filosofia não necessita de uma utilidade para existir, de forma secundária o aluno vai desenvolvendo, o principal é o filosofar a questão política ao qual eu mais concordo, pois nos parece uma evolução da proposta de Lipman, o movimento criado por Kohan (2008).

#### 4 WALTER KOHAN: INFÂNCIA DA FILOSOFIA (A DIMENSÃO POLÍTICA PARA A VIVÊNCIA DA EXPERIÊNCIA DE PENSAMENTO)

Para Kohan (2007), historicamente e ainda na contemporaneidade, são três maneiras de se conceber a infância, a essas maneiras, o autor denominou de “mito”, quais sejam: o mito pedagógico, o mito antropológico e o mito filosófico. Buscaremos, nessa sessão compreender essas três perspectivas no sentido de alcançar a visão do autor de aproximação entre a infância e a filosofia.

A infância é para Kohan (2007, p. 64), uma condição da experiência, sendo fundamental a ela e a filosofia com crianças, temos que ampliar a nossa visão com relação a temporalidade, na filosofia não vemos a infância como um *chrónos* tempo cronológico, mas temos outra visão de tempo.

Em grego clássico há mais de uma palavra para se referir ao tempo. A mais conhecida entre nós é *chrónos*, que designa a continuidade de um tempo sucessivo. Aristóteles define *chrónos* como ‘o número do movimento segundo o antes e o depois’, na Física [...]. Outra é *kairós*, que significa ‘medida’, ‘proporção’ com o tempo, ‘momento crítico’. ‘temporada’ [...]. Uma terceira é *aión* que designa, já em seus usos mais antigos, a intensidade do tempo da vida humana, um destino, uma duração, uma temporalidade não-numerável nem sucessiva, intensiva. O intrigante fragmento 52 de Heráclito conecta essa palavra temporal ao poder da infância, Ele diz que ‘aión’ é uma criança que brinca (literalmente ‘crianças’), seu reino é o de uma criança.’ (KOHAN, 2007, p. 86. Grifos do autor).

Com isso, podemos falar de tempo e infância, poder e infância, o tempo da vida não é somente o numerado, cronológico, a criança se faz em um tempo diverso desse, enquanto um segue o tempo o outro brinca com ele, assim, a infância não é somente uma fase da vida, não é consecutividade, mas sim, intensidade.

Com relação à infância, o fragmento também sugere que o próprio, da criança é ser não apenas uma etapa, uma fase numerável ou quantificável da vida humana, mas um reinado marcado por outra relação – intensiva – com o movimento. No reino infantil, que é o tempo, não há sucessão nem consecutividade, mas intensidade da duração. Uma força infantil, sugere Heráclito, que é o tempo *aiónico*. Desse modo, essas duas dimensões da temporalidade se desdobram em dois modos de pensar a infância. (KOHAN, 2007, p. 86 – 87. Grifo do autor)

Com isso, a infância é uma fase importante da vida humana, o fragmento discorre sobre o tempo aiónico, que é cheio de movimentos, intensidade e duração, seria um devir da criança.

Percebamos, então, que a etimologia latina da palavra ‘infância’ reúne as crianças aos não-habilitados, aos incapazes, aos deficientes, ou seja, a toda uma série de categorias que, encaixadas na perspectiva do que elas ‘não têm’, são excluídas da ordem social. Dessa maneira, a infância está marcada desde a sua etimologia por uma falta não menor, uma falta que não pode faltar, uma ausência julgada inadmissível, a partir da qual uma linguagem, um direito e uma política dominantes consagram uma exclusão. (KOHAN, 2007, p. 101. Grifos do autor)

Podemos ver que a exclusão da infância é antiga, mas temos que pensar a infância a partir do que ela tem e não do que lhe falta, como se a infância fosse incapacitante, menor, enxerguemos a infância como capacidade, afirmação e não negação, assim poderemos pensar o que não foi pensado, e fazer filosofia.

Com efeito, em toda a história e com muito mais ênfase desde o final do século XIX, um série de saberes disciplinares (parte do que Foucault denomino de ‘ciências humanas’) tem elaborado um conjunto de saberes sobre a infância. A filosofia não é uma exceção, e praticamente desde que existe filosofia, existe filosofia da ou sobre a infância, saberes afirmados sobre ela, pretensões de captura, tentativas de dar conta de sua forma. (KOHAN, 2007, p. 102. Grifos do autor)

Assim, são elaborados ao longo da história muitos saberes sobre a infância, e a filosofia também vai contribuir com essa construção de pensamentos, com modos diversos de pensar a infância, a filosofia não só como produto de pensamento, mais também sendo a própria experiência de pensamento, a capacidade de pensar não é só uma categoria, conceito ou produto de pensamento.

A infância é para Kohan uma dimensão primária da atividade filosófica, “entende-se a filosofia ora como prática, processo, exercício, de pensamento e modo de vida, ora como conteúdo, teoria, sistema”. (KOHAN, 2007, p.64). Na filosofia com crianças vemos, a dimensão da vida, uma atitude política.

De tal modo, o conceito de infância defendido por Kohan (2004, p. 53), afirma que: “[...] a infância e a filosofia podem estar juntas porque ambas são, por natureza, coisas sem importância.” Ainda,

[..] é uma etapa da vida, a primeira, o começo, que adquire sentido em uma função de sua projeção no tempo: o ser humano está pensando como um ser em desenvolvimento, numa relação de continuidade entre o passado, o presente e o futuro [...]. a infância é apenas uma questão cronológica: a infância é uma condição da experiência. [...]. No reino infantil que é o tempo não há sucessão nem consecutividade, mas a intensidade da duração. (KOHAN, 2004, p. 53-55)

Assim, a infância não é só um momento cronológico, mas também um momento crucial na nossa vida, fase essa cheia de movimentos, o autor argentino, pensa a infância além da cronologia, ele pensa no lugar da infância na educação, a infância não é só aquele que precisa ser educado, ela também ensina, ela educa, aprendemos com o infantil, em uma espécie de infância da educação:

O que é infância? A pergunta ressoa sem parar [...]. Será que nos perguntamos mesmo pela infância? Será que conseguimos interrogamo-nos sobre nossa relação com a infância? Será que algo infantil nos atravessa com a pergunta? (KOHAN, 2004, p. 51)

Dessa maneira, a infância é entendida como potencialidade, o conceito de infância “[...] é uma etapa da vida, a primeira, o começo, que adquire sentido em função de sua projeção no tempo” (KOHAN, 2004, p. 53), numa relação entre presente, passado e futuro, as crianças são possibilidades, assim, pensamos em uma infância da educação, e não apenas uma educação da infância.

A infância não é apenas uma questão cronológica, na filosofia com crianças, ela é uma condição da experiência, sendo fundamental para ela, para o andar do filosofar realizamos, as experiências de pensamento, realizamos uma composição.

Falamos de ‘composição’ de uma experiência, e não de ‘estrutura’, porque queremos aproximar a proposta metodológica do trabalho que fazem os artistas. Os materiais, as técnicas, estão a serviço do músico ou do pintor, mas o resultado do que eles fazem ultrapassa a técnica, os materiais e os instrumentos. Sugerimos esses materiais não como uma receita, mas como uma matéria plástica para sobre ela começar a compor nossa própria obra. (KOHAN, 2012, p. 19. Grifos do autor).

Na proposição acima da experiência de pensamento como “composição” estão propostos os momentos, primeiro uma disposição inicial, depois, vivência (leitura) de um texto, problematização do texto. Levantamento de temas e questões, Escolha de temas e questões, diálogo e para continuar pensando.

A composição é mais uma experiência, do que uma estrutura, não existe uma receita pronta, mas temos algumas indicações na obra de Kohan (2012), é necessário primeiro uma disposição inicial, na qual propõe-se que trazer uma atividade para enriquecer esse momento, tendo um princípio da experiência, no sentido que temos que sensibilizar, buscar um encantamento, uma vontade de participação, como Kohan (2012), diz uma disposição emocional, pode ser, por exemplo, uma dinâmica, um cartaz, uma imagem; a segunda etapa da “composição” é a vivência ou leitura de um texto, aqui trazemos algo para a experiência, quando afirmamos “texto”, pode ser, literalmente um texto, ou um objeto, uma imagem, algo que force a pensar, “leitura participativa, dramática, etc. Os textos serão sensíveis à capacidade dos participantes, mas também potencializarão essa capacidade, Não serão dogmáticos, moralizantes ou pobremente escritos”. (KOHAN, 2012, p. 20)

O terceiro ponto, é problematizar o texto, as crianças e adultos precisam levantar questões sobre a temática desenvolvida, assim, pensando juntos, surgem talvez perguntas, inquietações, nesse momento “Não há perguntas boas ou ruins, há uma relação com o perguntar que pode propiciar ou limitar o caminho no pensar. Trata-se de criar condições para um perguntar tão intenso, potente e alegre quanto possível”. (KOHAN, 2012, p. 20).

O quarto ponto, é a escolha de temas, nesse ponto são aprofundadas questões que inquietaram o grupo durante a vivência do texto, se ocorrerem muitas vertentes é preciso criar um critério para o andamento da experiência, como por exemplo um sorteio. “Nesse sentido, o que interessa, mais que achar relações lógicas e mecânicas entre as perguntas, é sua exploração em grupo, a partir de certa degustação das perguntas que surgirem”. (KOHAN, 2012, p. 21) assim, pensemos nas relações lógicas das perguntas para identificar por qual caminho trilhar a experiência.

No quinto passo, temos o diálogo, esperamos que haja um diálogo nesse processo, com participação da maior parte dos/as envolvidos/as, pensando e mantendo o foco, com diálogos colaborativos, “Importa a maneira em que cada palavra circula, o lugar que o grupo e cada um cria para ouvir o que os outros têm para dizer, a possibilidade de que os pensamentos não sejam acompanhados apenas por palavras, mas também por silêncios, gestos ou outras linguagens”. (KOHAN, 2012, p. 21). Nesse sentido, também observamos que o diálogo não está só na fala como também nos silêncios.

E por fim, o aspecto do “continuar pensando” compõe a “composição”, é uma maneira de suspender a experiência no sentido que Kohan (2012), compreende que a

experiência não termina ali naquele tempo cronológico, mas segue com os/as participantes; podemos destacar algo interessante da experiência e convidar os/as participantes à continuarem pensando sobre o que aconteceu na experiência de pensamento: “Pode-se avaliar, destacar ou recuperar alguma dimensão da experiência” (KOHAN, 2012, p. 21). Ainda, individualmente ou coletivamente podemos também ver novas orientações sobre a proposta, seria uma forma de afetação, continuar pensando e ver se aquilo toca, transcende a experiência.

O conceito de experiência em Kohan (2007, p. 114), com inspiração em Agamben está ligado à infância, é apresentado como condição da infância. Infância e experiência não podem ser compreendidas separadamente, visto que a infância é pensada em sua relação com o tempo, contudo, não no sentido de sua cronologia (*chonos*, *Chrónos*), mas como *aión*, o tempo da intensidade: “[...] ao tempo enquanto destino, período de vida humana [...], o tempo das durações e das intensidades.” Vejamos em outro fragmento no qual o autor argentino esclarece: “Desse modo, experiência e infância (experiência da infância, infância da experiência) são condições de possibilidade da existência humana, sem importar a cronologia nem a idade.” (KOHAN, 2004, 244).

Nessa perspectiva, Kohan (2004, p. 246) relaciona infância, experiência e potência de pensamento presentes na condição infantil e que exatamente por não saber, carrega em si a potência do saber: “Infante é todo aquele que não pensa o que todo mundo pensa, não sabe o que todo mundo sabe [...]. É aquele que pensa de novo e faz pensar de novo. Cada vez pela primeira vez.”

Assim, afirma ainda que “[...] um sentido importante da educação de nosso tempo pode ser visto na restauração da infância, na criação de situações propícias à experiência, na geração das condições para que sejam possíveis, entre nós, outra infância e outra experiência, a infância da experiência e a experiência da infância.” (KOHAN, 2004, p. 247).

É nesse sentido que a prática de filosofia com crianças vai se constituindo em Kohan (2012), como experiência, como experiência de pensamento, como uma experiência de filosofia: “Falamos de ‘composição’ de uma experiência, e não de ‘estrutura’, porque queremos aproximar a proposta metodológica do trabalho que fazem os artistas.” (Ibidem, p. 19. Grifo do autor).

Kohan (2014), vai desenvolver em de rodas de conversas, as experiências de pensamento, elaboradas a partir do que denomina “composições”, nelas os alunos em

círculos, vão ser convidados a colocarem-se em “disposição” para que ocorra a experiências. Nessa perspectiva, dentro da experiência de pensamento, a partir da ideia de “composição”, o tema ou material a ser utilizado no sentido de “forçar o pensar”, pode ser apresentado às crianças pelo professor. Em Kohan (2012, p. 20), sobre a escolha de material a ser trabalhado, o autor afirma que não segue uma receita pronta, inclusive utiliza-se textos literários: “Só pensamos quando algo, como um texto, força o pensamento. Os textos podem ser escritos, narrativos ou poéticos, também imagéticos, dramatizações corporais, audiovisuais ou informáticos.”

Assim, percebemos que em Kohan (2012), o educador tem a liberdade de escolha, que se adéqua a sua realidade. “Não pretendo afirmar, certamente, que o uso de textos literários como um meio para suscitar a reflexão filosófica seja, sempre e em si mesmo, desejável” (KOHAN, p.87). Se a escolha do texto cabe ao professor, logo o professor possui a liberdade de desenvolver um texto, escolher um livro ou trazer um objeto, se assim, o desejar, algo que tenha o potencial de instigar e envolver as crianças, e que tenham a potência de provocar o pensar. Contudo, também pode-se pensar a partir de uma pergunta, de um acontecimento trazido à tona pelas crianças, uma poesia, uma música, etc., ou seja, um tema que tenha significado para as crianças e que “Terão beleza, enigma, força.” (KOHAN, 2012, p. 20).

Assim, a infância não é só um momento cronológico, mas também um momento crucial na nossa vida, fase essa cheia de movimentos. Nessa perspectiva teórica, embora que ainda inicial, é que estamos delimitando nossos estudos no sentido de investigar e compreender os conceitos envolvidos no tema da filosofia com crianças, tais como a infância, a experiência e a aprendizagem.

## 5 POSSIBILIDADES PARA O FILOSOFAR: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E O INENSINÁVEL NA FILOSOFIA

O referencial de destaque é a leitura feita do filósofo argentino Walter Kohan e também levando em conta a História da Filosofia, conceitos, debates, formação humana, autonomia, criando conceitos, problematizações e as experiências de pensamento, pois não podemos desvincular a prática de sua História, também temos textos pedagógicos e diretrizes de educação como a BNCC (BRASIL, 2018). Mediante esses amparos teóricos, é que estamos delimitando nossos estudos no sentido de investigar e compreender os conceitos envolvidos no tema da filosofia com crianças, tais como a filosofia, infância, a experiência, etc.

Consideramos assim ser importante compreender a visão de aprendizagem apresentada por Walter Kohan (2009), em sua obra: *O paradoxo de aprender e ensinar*, vem a desenvolver a relação entre quem ensina e o aprendiz de filosofia, o livro é dividido em três capítulos, tendo como norte uma reflexão entre o ensino e a aprendizagem, além de Sócrates o livro ainda se relaciona com filósofos contemporâneos, como Michel Foucault, Jacques Rancière e Jacques Derrida.

No primeiro capítulo, “O enigma-paradoxo de Sócrates”, Kohan diz que a filosofia com Sócrates, não é um saber pronto, mas é algo construído no exercício da vida, e afirma a sua importância, “Sócrates leva a filosofia, seu ensino e os que com ele aprendem” (KOHAN, 2009, p.19) e inicialmente com base em Sócrates, Kohan vai tecendo o seu texto. Sobre o paradoxo de aprender e ensinar podemos observar a seguinte passagem:

Poderia parecer curioso que, no mesmo parágrafo, Sócrates diga que não ensinou conhecimento ou aprendizagem algum, e que, se alguém diz que aprendeu dele algo diferente em privado do que diz diante dos outros, mente [...]. Sócrates afirma que não ensina e que, no entanto, os que dialogam com ele aprendem [...] Sócrates quer deslocar a relação entre quem ensina e quem aprende da lógica da transmissão de saberes imposta pelos profissionais da educação. Para estes, se alguém aprende é porque o outro lhe ensinou os conhecimentos que ele aprendeu. Para Sócrates, no entanto, alguém pode aprender sem que seu interlocutor lhe ensine (KOHAN, 2009, p.33).

Obviamente para Kohan (2009), Sócrates não consegue mensurar o que os seus alunos aprendem, assim como, não ensina claramente, Sócrates provoca aprendizagens

que ele não ensina, também não se sabe exatamente como se aprende, e a aprendizagem nos parece vir independente de alguém ter ensinado ou não, alguém pode aprender sem que outro o ensine, não somente se aprende se o outro ensinou, uma pessoa pode aprender sem que esse movimento aconteça.

Para Sócrates, segundo Kohan (2009), é possível compartilhar o caminho com quem se aprende. O professor de Filosofia tem esse papel de contribuir para a aprendizagem do educando.

O segundo capítulo, “A política de Sócrates e a igualdade das inteligências”, faz uma apresentação de uma crítica a Sócrates de Jacques Rancière na obra *O mestre ignorante*, a crítica se faz à lógica da explicação, acredita-se na lógica que um professor explicador não emancipa “[...] quem explica impede que a inteligência prenda trabalho por si mesma” (KOHAN, 2009, p.47).

Sócrates conduz o interlocutor por suas perguntas, não há abertura a um diálogo, uma vez que Sócrates não leva em consideração o que seu interlocutor tem a dizer simplesmente pelo fato de que as respostas nunca parecem ser satisfatórias, a não ser aquela que Sócrates já tem pré estabelecida na mente, não havendo um diálogo verdadeiro. Sócrates fica conversando até que o ouvinte aceite pensar o que julga ser relevante, como afirma a passagem: “Sócrates embrutece e não liberta porque não permite nem propícia que o escravo busque por si mesmo, que encontre o próprio caminho, e também porque há algo estabelecido de antemão” (KOHAN, 2009, p.48).

Nesse sentido, Sócrates determina o que o outro vai aprender, isso não nos parece de fato uma aprendizagem significativa, por isso que para Jacques Rancière, essa postura de Sócrates, *embrutece*, assim existe uma crítica a esse *embrutecimento*, o qual, de acordo com Rancière, ao *embrutecer*, Sócrates não emancipa.

Assim, no título de encerramento do capítulo, Kohan (2009), traz um texto extraído do livro *O mestre ignorante*, no qual Rancière apresenta os pontos que fundamentam e que alicerçam sua crítica a Sócrates. Discorre, entre outras coisas, sobre capacidade, esta, sendo um ato ao qual todo ensino deve se fundamentar. Além do *embrutecimento*, o autor discorre sobre a emancipação forçando uma capacidade que se ignora, pois emancipar não é algo fácil, natural, tem que ser forçada, é algo que tem que ser buscado, não corre de maneira natural, outra coisa, não há ignorante que não saiba muitas coisas, uma pessoa pode ser ignorante na política por exemplo, mas ser ótima em

matemática, uma pessoa pode ser analfabeta, mas ser excelente em agricultura, e assim por diante.

O terceiro e último capítulo intitulado “O enigma-paradoxo de aprender e ensinar filosofia”, problematiza as relações entre o ensinar e o aprender filosofia a partir de seis antinomias, primeiro *a autonomia necessária e impossível*: para Kohan (2019), o ensino de Filosofia, ou uma educação filosófica, precisa de autonomia para existir, essa por todos:

Autonomia da própria filosofia diante dos outros saberes e poderes; autonomia do professor ante os marcos institucionais que o regulam; autonomia de quem aprende ante a quem ensina e os outros aprendizes. As exigências de autonomia são diversas, múltiplas. (KOHAN, 2009, p.70 - 71)

A autonomia é fundamental como observou-se na citação anterior, estabelecendo poderes, fundamental no movimento ensinar e aprender.

Enfim, com Sócrates a autonomia vive um paradoxo com a filosofia. Por um lado, Sócrates não aceita outra legalidade que a filosófica para a própria vida. E, no entanto, ela lhe é dada por uma instância não filosófica, oracular. Por outro lado, Sócrates não aceita as condições dos políticos, poetas e artesões e, no entanto, impõe aos seus interlocutores as suas condições: não filosóficas, como também políticas, estéticas, epistemológicas. De modo que a filosofia exige para si uma autonomia que ela não está disposta a outorgar aos outros saberes e que, ao mesmo tempo, ela mesma ameaça ao construir sua origem no lugar da verdade consagrado pela tradição. [...] Quando antecipa o campo do pensável para seus interlocutores, mostra os perigos políticos do ensino filosófico e serve as pretensões mais totalizantes de ‘ensinar a pensar (ou viver). Quando não o faz, deixa ver sua potência transformadora, a autora de uma nova política para o ensinar e o aprender. (KOHAN, 2009, p.74 - 75).

Existe um paradoxo em Kohan (2009), entre Sócrates e autonomia com a Filosofia, e a Filosofia só pode existir na autonomia, sem a autonomia podemos ver um caminho que não nos parece filosófico, como pensar com as amarras do Estado, por exemplo? é necessário um mínimo de autonomia para frutificar a Filosofia, diferente de outros saberes, isso se faz fundamental na vida, então a relação de ensinar e aprender também necessita de autonomia para existir em sua potência, ou seja, a citação diz que a filosofia ensina a viver, ou a pensar, esse é um contexto, onde desenvolvemos a filosofia com crianças.

A segunda antinomia é o *transmitir o intransmissível*, nesse debate o autor traz Jacques Derrida, para quem como o próprio nome da antinomia revela, a experiência da filosofia não é passível de ser transmitida ou ensinada, sendo intransmissível, como podemos afirmar na seguinte citação:

Habitamos uma tradição pedagógica fundada na lógica da transmissão. Todavia, não está claro o que se transmite no ensino de filosofia. É evidente que não se pode reduzir a filosofia à transmissão de conteúdos filosóficos. Contudo, a ausência de qualquer forma de transmissão é também problemática. Sócrates parece sugerir que, em filosofia, nada há para transmitir a não ser um gesto que, em si mesmo, não pode ser transmitido [...] De modo que não há, para Sócrates, nada a transmitir e, ao mesmo tempo, muito a transmitir. Mas tudo o que se transmite está sujeito a um gesto primeiro que é, em si mesmo, intransmissível. (KOHAN, 2009, p. 75).

Assim, a experiência da Filosofia não se transmite e nem se ensina, mas a ausência de qualquer forma de transmissão também é um problema, como atuar como docente de Filosofia sem minimamente transmitir algo? Então, qual seria o papel do professor nesse ensino e direcionamento para as aprendizagens do educando? são muitas questões que o texto nos faz pensar, para Sócrates parece que a Filosofia só tem um gesto, em si mesmo, uma relação com o conhecimento e não se transmite, esse gesto é o que dá sentido a prática do professor, mas esse gesto, de certa forma é uma maneira de transmissão, pois a Filosofia tem muito a nos dizer, por mais que pareça intransmissível, no texto somos convidados a pensar o envolvimento de ensino e aprendizagem, não estando pautados simplesmente na lógica da transmissão, nesse sentido Kohan, afirma:

De modo que Sócrates permite pensar uma relação pedagógica desde outra lógica que a da transmissão. O professor propõe um espaço de pensamento; dispõe-se a explorá-lo com outros; abre seu pensamento a um trabalho sobre si com a ajuda de outros; é certo que Sócrates não parece ele mesmo fazer sempre o que anuncia que faz, mas ajuda a pensar o valor da transmissão em filosofia. [...] uma única maneira de buscá-lo e justificá-lo. E uma relação com quem aprende. (Kohan, 2009, p. 76)

A lógica da relação pedagógica é pensada diferente da simples transmissão de conhecimentos, o pensamento é algo fundamental nesse aspecto, é ele que faz tudo funcionar, nesse espaço a uma troca de experiências que fazem o educando aprender, não somente ouvindo, como também participando ativamente da sua aprendizagem, em uma

relação entre quem ensina e quem a aprende voltada ao pensar, existe uma troca, sendo uma via de mão dupla, pensamos com isso no ato de ensinar e aprender, pensando no pensar do outro, com sensibilidade para poder ter a liberdade de pensar de outra maneira, aquele que aprende.

A terceira antinomia é *saber ou ignorar*, nesse momento Kohan (2009), a partir de Rancière e Sócrates, questiona alusões ao apelo dos filósofos à ignorância, e como isso, influencia sobre o campo do pensável, na relação, entre quem ensina e quem aprende filosofia, Kohan discorre sobre o mestre ignorante a seguir:

O mestre ignorante ignora tudo menos a igualdade de onde parte e não ignora que não pode ignorar esse ponto de partida. É certo que não se trata explicitamente de um professor de filosofia, mas o exemplo vale porque funda uma política emancipadora para a relação entre quem ensina e quem aprende. Em todo caso, Sócrates e Jacotot parecem necessitar encontrar seu início tanto na ignorância quanto em um saber que não pode ser ignorado, uma caixa preta imune ao trabalho do pensamento: o axioma da igualdade (Jacotot) ou o saber oracular de ser o mais sábio (Sócrates). (KOHAN, 2009, p.78)

O exemplo do mestre ignorante, em Kohan (2009), mesmo não sendo um professor de Filosofia, é muito bem utilizado para entender o professor filósofo, porque este tem que emancipar os sujeitos, em suas relações de ensino e aprendizagem, mais uma vez aparece o pensamento, se fazendo fundamental a sua presença para as aprendizagens e emancipações dos educandos, falando na ignorância, o texto ainda nos convida a pensar, em questionamentos como “Que coisas não pode ignorar um professor de filosofia? Que necessita ignorar?” (KOHAN, 2009, p.79) e outras questões sobre o professor e a ignorância.

A quarta antinomia é *o método e sua ausência*, entende-se a Filosofia e especialmente o método filosófico em um contexto de pluralidade, não nos parece possível fixar uma única opção metodológica, Na filosofia contemporânea, desde Edmund Husserl, conseguimos nos libertar das amarras da ditadura dos métodos da filosofia moderna. Existem várias maneiras diferentes de ensinar Filosofia, ou seja, não se pode eleger um método e dizer esse é o melhor, mais correto, entre outros, todos os métodos vão ser válidos, e cada docente vai escolher aquele que mais se adéqua a sua realidade, não existindo o método filosófico, não existindo um método que a garanta ou a impeça de existir, isso é uma especificidade da Filosofia que muitas vezes angustia o professor de Filosofia. “[...] o método é o de quem aprende, o que permite percorrer com

potência os caminhos do pensamento, e o preceito principal de quem ensina é estar atento a propiciar e a acompanhar esse caminho que pode não ser o mesmo que o seu” (KOHAN, 2009, p.81), o melhor método então é aquele que faz aprender, que converge ao caminho do pensamento.

A quinta antinomia é a *Dentro e fora dos muros*, Kohan (2009), afirma que Sócrates demonstra a possibilidade da abertura do discurso filosófico de diferentes práticas, esta possível e necessária, ao mesmo tempo que mantém certa especificidade capaz de permitir que a diversidade de práticas seja ainda chamada de filosofia.

A academia costuma questionar iniciativas, como por exemplo as questões que envolvem Filosofia com crianças, os argumentos são que “[...] atentam contra a unidade, a pureza ou a especificidade da disciplina”. (KOHAN, 2009, p.81).

Kohan (2009), afirma com base em Sócrates que a abertura é possível sendo, a mesma, substancial, a prática da Filosofia como podemos observar:

Pode essa abertura da filosofia ser realizada mantendo certa especificidade capaz de permitir que essa atividade de práticas seja ainda chamada filosofia? Sócrates mostra não só que essa abertura é possível, mas também necessária; ambas as condições são substanciais à própria prática da filosofia. [...] Sócrates não rechaça nenhum interlocutor, nenhum espaço, nenhum convite; a filosofia está apegada às questões da vida. (KOHAN, 2009, p.81- 82)

Assim, a abertura às diversidades na Filosofia e estudos filosóficos, parece se amparar, segundo Kohan (2009), em Sócrates, pois o mesmo está aberto aos convites que surgem, principalmente as questões que envolvem a vida.

A última antinomia é a *transformar e descolonizar*, envolve a relação entre filosofia e tem um compromisso com a transformação do pensamento, a fim de que não se recrie a lógica colonizadora. Por meio de Sócrates, podemos pensar a filosofia, esta tanto pode ser um trabalho libertador quanto dominador do pensamento, a tarefa de descolonização do próprio pensamento é contínua e infinita e deve ser proposta não apenas no âmbito do ensinar filosofia, mas também pensando em uma educação filosófica, como podemos observar no texto:

Dessa maneira, sugere que ensinar e aprender filosofia são uma oportunidade para transformar o que pensamos e com isso o modo em que vivemos e somos, [...]. Do mesmo modo, a filosofia não transforma uma ordem social para instruir outra, mas transforma o que somos e o

modo como nós pensamos em uma ordem social dada para abrir a possibilidade de pensar e viver uma nova ordem. Isso a faz revolucionária, ainda que não esteja a serviço de nenhuma revolução social específica. (KOHAN, 2009, p.83)

Nesse sentido, descolonizar o pensamento é um trabalho que não termina, a filosofia transforma o modo de pensamos e nos auxilia nesse processo, tão fundamental na aprendizagem, o pensar é revolucionário.

Por fim, *o paradoxo de aprender e ensinar* é um livro que aborda, como o próprio nome diz o ensinar e o aprender e suas relações com a Filosofia, conduz o professor a refletir acerca de suas práticas docentes, levando-o ao questionar e experienciar uma pedagogia que emancipa ou embrutece. A lógica da relação pedagógica é pensada diferente da simples transmissão de conhecimentos, o pensamento é algo fundamental nesse aspecto, é ele que faz tudo funcionar, nesse espaço há uma troca de experiências, culminando na aprendizagem, o discente participa não somente ouvindo, como também, pensando e participando ativamente da sua aprendizagem, a partir de seis antinomias, a autonomia necessária e impossível, o transmitir o intransmissível, saber ou ignorar, o método e sua ausência, dentro e fora dos muros e transformar e descolonizar, podemos pensar nas relações entre o ensinar e o aprender filosofia.

Nessa perspectiva, a sala de aula de Filosofia com Crianças, torna-se o lugar privilegiado para as possibilidades de realização de experiências de pensamento com o potencial da Filosofia, na qual as perguntas das crianças entram em movimentos diversos de argumentações e novas perguntas:

Vale chamar a atenção para esse movimento de voltar a pergunta para as crianças, no lugar de simplesmente responde-la. Existe nessa atitude uma intenção de potencializar a própria pergunta, fazendo-a reverberar não apenas em quem a escuta, mas também em quem a emite (KOHAN, 2012, p.107)

Kohan (2012), atesta que quando a pergunta retorna nós somos convidados à elaborar pensamentos diante do lugar em que estamos, quando a pergunta volta temos o diálogo entre os que participam da experiência.

Desse modo, é possível compreender que a filosofia não se ensina, mas se cria as condições para que mediante a circulação da pergunta, as inferências, argumentos e contra-argumentos ela – a filosofia – tem o potencial de torna-se uma experiência de pensamento, como as que realizamos com as crianças, em que trazemos temas ou

chegamos juntos a elas, emprestando a escuta, a atenção e criando as condições para o desenvolvimento de um ambiente que favoreça a construção da relação de confiança consigo mesmas e com os outros, contribuindo para que ocorra a experiência do pensar em rodas de conversas com as crianças.

Podemos pensar em o porquê de discorremos a questão da filosofia como algo que não ensinamos seria inessinável para Kohan (2012), o que não se ensina, mas é de fundamental importância para entendermos a filosofia com crianças, que para Kohan (2012), a Filosofia não se ensina, então por isso, não utilizamos o termo no texto, Ensino de Filosofia, mas sim experiências de filosofia com crianças, , como vimos anteriormente, através de antinomias, assim, poderemos entender mais a seguir, pensando na experiência.

## **6 EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E COMPOSIÇÃO DA EXPERIÊNCIA: CONDIÇÕES PARA A EXPERIÊNCIA DE PENSAMENTO**

*O conceito de experiência:* para Walter Kohan, o ensinar filosofia deve ser feito através de uma experiência, logo a experiência está ligada a sua filosofia, no texto “A escola como experiência: entrevista com Walter Omar Kohan”, publicado na Revista Eletrônica de Educação, v. 12, n. 1, p. 298-304, jan./abr. 2018, Kohan (Grifo do autor), discorre sobre experiência a partir de Larrosa:

Kohan: ‘Experiência’ é uma palavra que tem esse ‘per’ no meio que é o mesmo ‘per’ de percurso, por exemplo, que significa movimento. Ou seja, a experiência é como um deslocamento, como um movimento, como sair de um lugar e encontrar outro lugar. Vocês agora estão em um lugar não apenas físico, não estão apenas sentados, vocês estão em um lugar no pensamento em relação com o tempo, em relação com a infância, em relação com a experiência. E gostaria que vocês se aventurassem a sair desse lugar no pensamento e pensar outros lugares para a experiência, para o tempo e para a infância. (LAROSSA, 2014, p. 26 – 27. Grifos do autor).

Assim a experiência é o percurso, o que está em movimento, isto é essencial na filosofia: um devir, a fenomenologia, o ser, existencialismo, e Kohan (2018), convida à pensarmos sobre a relação que envolve tempo, infância e experiência. Como também discorre que a experiência é perigosa, ou seja, quando realizamos uma experiência, se ela realmente nos tocar como uma experiência, será perigosa. Significa o sair da zona de conforto, do conhecido, para o desconhecido, não sabemos onde a experiência vai chegar, pois a mesma é um risco, e pode modificar-se no decorrer do tempo, por isso, toda experiência é um risco.

Como Kohan (2007), segue a linha de pensamento de Larrosa (2014), é coerente citá-lo a seguir para entendermos um pouco mais sobre o conceito de experiência. Em Larrosa (2014, p.19. Grifos do autor), a experiência é, o que nos passa, o que nos acontece, e difere informação de experiência, a informação cancela as possibilidades de existência da experiência:

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de ‘sabedoria’, mas no sentido de ‘estar informado’), o que consegue é

que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. É a língua mesma que nos dá essa possibilidade. (LAROSSA, 2014, p. 26 – 27. Grifos do autor).

Assim, a experiência difere da informação, Larrosa (2014), diz que passamos por coisas, mas quase nada nos acontece, o que nos passa e toca, a informação é quase o contrário da experiência, seria uma anti experiência, a pessoa que busca a informação sabe muita coisa, mas a experiência está cada vez mais rara, difícil de acontecer por falta de tempo.

Situando o termo experiência, e seu significado:

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). [...]. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse per grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem esse *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e de também o *ex* de existência. (LAROSSA, 2014, p. 26 – 27. Grifos do autor).

Por fim, aquilo que experimentamos é uma experiência, quem está na experiência de certa maneira está realizando para Larrosa (2014), uma travessia, algo bem poético, a experiência está atravessando, não chegando, cada experiência é única, tocando de certa forma a existência.

Costumamos pensar a educação com relação entre técnica e ciência, teoria e prática, Larossa (2014), propõe outra possibilidade, a de pensar a educação de uma forma mais existencial da experiência como um sentido, sendo a capacidade de transformação o componente fundamental da experiência, somente o sujeito da experiência está aberto a uma autotransformação.

A experiência de pensamento, faz com que as crianças interajam entre si e mudam de opinião frente a argumentos mais consistentes, de forma lógica, assim, um ajuda no desenvolvimento do outro, lembrando que o/a docente mantém a ordem dos trabalhos e direciona as atividades de interação no espaço da filosofia com crianças. Alguns temas podem ser desenvolvidos, nesse momento, mas não necessariamente temas da filosofia, podem ser como encontramos em Cirino (2016), o amor, afetos, singularidades,

igualdades, temas que podem encontrar resistência na escola, mas que são interessantes para o desenvolvimento integral da pessoa.

É algo que faz parte da filosofia desde os seus primórdios até hoje sendo desenvolvida com diálogos, discussões e variadas perguntas ao longo da história, ela indiretamente, fortalecendo seu raciocínio, se desenvolvendo com o outro.

O/A docente não é um juiz, não vai julgar afirmações ou pensamentos, se são bons ou ruins ou dar notas a estes, ele vai organizar e facilitar o surgir das questões e as discussões filosóficas dos discentes, buscar soluções possíveis em diálogos, com as conclusões atingidas com o grupo e individualmente.

Para Kohan (2013), desenvolver uma experiência de pensamento, que tem várias formas de se desenvolver, com conceitos, temas ou problemas e ainda de maneira interdisciplinar, os/as discentes se desenvolvem em grupo, auxiliando-se mutuamente de maneira política e lógica e organizada, dividem e divergem opiniões, podendo desenvolver questões a partir das ideias uns dos outros, com a visão do outro fortalecemos a razão e argumentação. A educação Infantil ampliamos as interações do pensar, então é algo natural e possível a prática de experiências de Pensamento, com direcionamento, o documento deixa claro que se faz necessário pensar em sala de aula.

Podemos afirmar que Kohan (2012; 2013), tem inspiração em Larrosa (2014), para compor a sua ideia de experiência, então falaremos a seguir sobre esse aspecto do conceito de experiência.

Larrosa em sua obra *Tremores* (2014, p. 18) diz que, a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; que nos faz pensar, já em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. O autor afirma que, a cada dia nos passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada acontece em nós, ainda diz que existe muita informação e que, nunca se passou tanta coisa, mas a experiência está cada vez mais difícil de ocorrer, e poderíamos pensar a educação através da experiência e sentido.

Em primeiro lugar pelo excesso de informação. A informação não é experiência. E mais, a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência. Por

isso a ênfase contemporânea na informação, em estar informados, e toda a retórica destinada a constituirmos como sujeitos informantes e informados; a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência. (LARROSA, 2014, p. 18 -19)

Assim, Larrosa (idem, ibidem), faz uma distinção entre experiência e informação, essa última quase sendo uma anti experiência, a pessoa que busca a informação sabe muito sobre as coisas, porém:

[...] com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de ‘sabedoria’, mas no sentido de ‘estar informado’), o que consegue é que nada lhe aconteça. A primeira coisa que gostaria de dizer sobre a experiência é que é necessário separá-la da informação. E o que gostaria de dizer sobre o saber de experiência é que é necessário separá-lo de saber coisas, tal como se sabe quando se tem informação sobre as coisas, quando se está informado. É a língua mesma que nos dá essa possibilidade. Depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu. (LARROSA, 2014, p. 19. Grifos do autor).

A experiência nos toca, acontece, mas está cada vez mais rara, por muita opinião e falta de tempo, tudo está passando depressa, é preciso ter paciência, como podemos ver no trecho a seguir:

Em segundo lugar, a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião. O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. (LARROSA, 2014, p. 20)

Na experiência, temos a possibilidade de que algo nos aconteça, nos mude internamente, nos faça refletir, pensar, questionar o mundo, isso não ocorre na informação, a opinião é algo muito geral, que não está interagindo com o ser e a reflexão, opinar de forma supostamente crítica e pessoal, muitas vezes influenciado, não é experiência, o sujeito da experiência está aberto a transformação.

O sujeito da experiência, se repassarmos pelos verbos que Heidegger usa neste parágrafo, é um sujeito alcançado, tombado, derrubado. Não um sujeito que permanece sempre em pé, ereto, erguido e seguro de si mesmo; não um sujeito que alcança aquilo que se propõe ou que se apodera daquilo que quer; não um sujeito definido por seus sucessos ou por seus poderes, mas um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo de que faz experiência dele se apodera. Em contrapartida, o sujeito da experiência é também um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido. Seu contrário, o sujeito incapaz de experiência, seria um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, auto determinado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade. Nas duas últimas linhas do parágrafo. ‘Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo’, pode ler se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. (LARROSA, 2014, p. 28. Grifo do autor).

A experiência então é um modo de habitar no mundo, não é fácil essa transformação desse sujeito, podemos ver que o sujeito da experiência é sofredor, pois é um trabalho difícil, a experiência foi menosprezada.

Por fim, tida com pouco valor “[...] na Filosofia clássica, a experiência foi entendida como um modo de conhecimento inferior, talvez necessário como ponto de partida, porém inferior” (LARROSA, 2014, p. 39), mas hoje a vemos como uma essência, é o que é, algo positivo, uma vida, uma forma de existir. “A experiência seria o modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência, além da própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros”. (LARROSA, 2014, p. 43), assim, a experiência cabe a existência como vida, com muitas possibilidades de criação, sendo uma palavra e não um conceito.

Como definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a BNCC (BRASIL, 2018), está orientando os currículos dos sistemas e redes de ensino de todo o Brasil. Sobre a BNCC (BRASIL, 2018), podemos observar que o pensamento vem sendo valorizado nesse documento:

A Base apresenta as 10 competências gerais que se constituem em propósito final de tudo que os estudantes irão vivenciar, aprender e desenvolver da Educação Infantil até o Ensino Médio. Isso quer dizer que as escolas brasileiras continuam tendo a missão de assegurar a aprendizagem dos alunos nos componentes curriculares tradicionais, mas também devem ampliar a capacidade de lidar com pensamento crítico, criatividade, sensibilidade cultural, diversidade, comunicação, tecnologias e cultura digital, projeto de vida, argumentação, autoconhecimento, autocuidado, emoções, empatia, colaboração, autonomia, ética, diversidade, responsabilidade, consciência

socioambiental e cidadania, entre outros aspectos importantes para a vida no século 21. (Site nova escola<sup>21</sup>)

Kohan (2013, p. 79), atesta que é importante, mas não é fácil praticar a experiência de pensamento na escola: “Não é fácil, não é cômodo, não é favorável nos modos de vista mais habitados praticados numa escola, pois não se trata apenas de lançar perguntas ao exterior, mas de colocar o próprio pensamento em questão a respeito das problemáticas elaboradas”.

---

<sup>21</sup> <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/2/qual-aluno-queremos-formar>

## 7 CAMINHOS METODOLÓGICOS PARA CONSTRUÇÃO DOS DADOS DE PESQUISA

A nossa pesquisa é do tipo *qualitativa*, pois a tem aspectos subjetivos que envolvem sujeitos e pesquisadora em uma escola de educação básica, suas singularidades, busca interpretar os contextos, trabalharemos com entrevista aberta e áudios de experiências de pensamentos em rodas de conversas de maneira *on-line*, e temos um número reduzido de participantes, poucos sujeitos, como veremos na seguinte passagem, a pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, sim com a compreensão das nuances e entre laços que são construídos com os sujeitos envolvidos em nossas rodas de conversas em uma escola de educação básica.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa preocupa-se, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. “A pesquisa qualitativa é criticada por seu empirismo, pela subjetividade”. (MINAYO, 2001, p. 14) os críticos à pesquisa qualitativa dizem que é um método de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do sujeito, pois estuda particularidades e experiências individuais, como as que ocorrem no campo desta pesquisa, mas a pesquisa qualitativa é interessante no universo de estudos sociais, como o da presente pesquisa, pois nela não nos preocupamos com a objetividade, mas sim com a subjetividade dos sujeitos.

Conforme aponta Minayo (2001), com a pesquisa qualitativa, os entrevistados estão livres para apontar os seus pontos de vista sobre determinados assuntos que estejam relacionados com o objeto de estudo, as respostas são subjetivas, e não visa contabilizar quantidades como resultado, mas sim compreender comportamentos de determinado grupo. São feitas habitualmente com um número reduzido de entrevistados. A escolha da pesquisa qualitativa como metodologia de investigação é feita quando o objetivo do estudo é entender o porquê de certas coisas, funcionando assim em nossa pesquisa, pois visa investigar a partir de subjetividades, sendo essa, qualitativa.

Em Minayo (2001), podemos entender um pouco a diferença entre a pesquisa quantitativa e a qualitativa, sendo a qualitativa o contrário da quantitativa, o objetivo da pesquisa quantitativa é obter como resultado índices numéricos que apontam

preferências, comportamentos e outras ações dos indivíduos que pertencem a determinado grupo ou sociedade, já o método quantitativo é objetivo, fechado, pois segue modelos padronizados de investigação, como os que envolvem questionários fechados com resposta de múltipla escolha. Na pesquisa quantitativa, a opinião do pesquisador deve ser excluída; já na qualitativa, a opinião do pesquisador pode estar integrada à pesquisa tendo por base suas observações e interpretações construídas no campo de pesquisa. Com base nesses aspectos, a nossa pesquisa se configura em qualitativa, pois é desenvolvida, entre outras coisas, com base na experiência, e também considera aspectos objetivos. Em Larrosa (2014), a narração da experiência carrega o desafio da impossibilidade de contar de maneira suficiente o vivenciado. O/a narrador/a estará sempre diante do desafio de ser infiel, no exercício de narrar a experiência, ou seja, a mesma é envolta em um universo de subjetividades. Nesse sentido, nossa tipologia de pesquisa insere-se na pesquisa qualitativa e nossa opção metodológica é o estudo de caso, o qual passaremos a caracterizar e relacionar com o contexto de nosso campo de pesquisa.

O estudo de caso para Yin (2001), é adequado para investigar situações singulares, problemas práticos e questões que emergem do dia-a-dia, específicos, um caso particular de investigação. Entende-se o estudo de caso como um método qualitativo, que Segundo Yin (2001), vai além de uma simples estratégia de coleta de dados. O estudo de caso por não ser fechado tem amplas possibilidades, não se sabe ao certo, mesmo com os direcionamentos necessários, qual será o desfecho da pesquisa, sendo o estudo escolhido para a nossa pesquisa, pois converge, com o que pretendemos fazer na escola de educação básica.

Em Yin (2001), vemos que os pesquisadores que escolhem este método, esforçam-se para chegar a um entendimento completo e abrangente do seu estudo. Como método de pesquisa, o estudo de caso é mais utilizado na investigação de fatos de natureza social, de acordo com Yin (2001, p. 19) “Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos da vida real.”

Para Yin (2001), a coleta de dados é a atividade fundamental do estudo de caso, frequentemente, o estudo de caso utiliza uma variedade de fontes para levantar os dados. Na nossa pesquisa optamos por utilizar o estudo de caso.

Utilizaremos a metodologia de estudo de caso, pois o mesmo é adequado para investigar situações singulares, problemas práticos e questões que emergem do dia-a-dia, específicos, um caso particular de investigação, então pode ser utilizado na pesquisa em sala de aula, onde a mesma ocorreu na escola Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti/Caicó/RN, na qual não tem em sua grade curricular a disciplina de Filosofia, mas, tem um projeto sobre a temática, ao qual a pesquisadora faz parte.

Trata-se do Projeto de Extensão “Infâncias, filosofia: experiências de pensamento na escola de educação básica”, esse ofertado pelo Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, e coordenado pela professora Maria Reilta Dantas Cirino. No contexto da pandemia o referido projeto passou a realizar encontros semanais de maneira remota, favorecendo assim a realização de nossa ação didático-pedagógica de maneira *on-line* com as crianças.

Com base na proposta de pesquisa, escolhemos o estudo de caso instrumental, pois acontece quando existe o interesse da pesquisadora por uma questão, um caso particular, pois na escola não temos a disciplina de filosofia, mas temos um projeto, onde ocorrem as experiências de pensamento, a Filosofia com crianças.

Yin (2001, p. 13), define caso como um método legítimo e abrangente de investigação determinada “[...] fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claros e o pesquisador tem pouco controle sobre o fenômeno e o contexto”. Assim, é o método adequado para o que a nossa pesquisa pretende fazer na nossa metodologia. O estudo de caso é baseado em linhas múltiplas de evidência, a partir de propostas trianguladas, e utiliza-se do “[...]desenvolvimento prévio de proposições teóricas para guiar a coleta e a análise de dados” (YIN, 2001, p. 13-14). Ou seja, ao pensar ao longo do processo de investigação, o pesquisador deve ser capacitado a perceber a lógica que está por trás disso, em conformidade com as proposições teóricas e as características do caso particular, no caso da pesquisa em discussão, o caso da nossa pesquisa ocorre em uma escola privada, na disciplina de leitura de textos, em rodas de conversas, no nível da educação básica envolvendo a educação infantil e o primeiro ano do ensino fundamental.

## 7.1 AÇÃO EDUCATIVA-FILOSÓFICA NA ESCOLA (Rodas de Conversas)

Para o processo de construção dos dados, são realizadas 08 (oito) experiências de pensamento. Consideramos que esse número será adequado pela possibilidade de continuidade dos temas a serem abordados nas experiências de pensamento, mantendo-se o aspecto da proximidade entre os encontros. A partir da gravação, transcrição e análise das experiências de pensamento com as crianças, definimos categorias de análise a serem analisadas infância e experiência, à luz do referencial teórico adotado trabalhadas ocasionando um diálogo entre a experiência vivenciada com as crianças.

De acordo com Gomes (2004, p. 70): “A palavra categoria, em geral, se refere a um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Essa palavra está ligada à ideia de classe ou série”. Desse modo, de acordo com Yin (2002, p. 109), analisar dados “[...] consiste no exame, na categorização, na tabulação, no teste ou na recombinação de evidências quantitativa e qualitativa de outra forma para abordar as proposições iniciais de um estudo.”

## 7.2 Objetivo

O objetivo de nossas “Rodas de Conversas” foi criar as *condições* para que ocorra a experiência de pensamento com as crianças mediante os fundamentos teóricos assumidos por essa pesquisa.

## 7.3 Contextualização

Frente à impossibilidade de realização da etapa de ação didático-pedagógica na escola na qual a pesquisadora atuava, em vista do contexto da Pandemia COVID -19, iniciou-se a articulação com a Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti/Caicó/RN, na qual são realizadas as atividades do Projeto de Extensão “Infâncias, filosofia: experiências de pensamento na escola de educação básica”, esse ofertado pelo Departamento de Filosofia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, e coordenado pela professora Maria Reilta Dantas Cirino. O referido projeto tem como objetivo geral: “possibilitar a realização de experiências de pensamento em infâncias e filosofia com crianças e docentes da educação infantil e do ensino fundamental”, (Acervo do Projeto de Extensão/UERN), o qual é realizado através de encontros teóricos e práticos com periodicidade

semanal. A partir do contexto da pandemia tais encontros passaram a ser realizados de maneira *on-line* com as crianças através da Plataforma Meet.

A Escola Maria Leonor Cavalcanti, caracteriza como uma escola situada na periferia da cidade de Caicó/RN, sua estrutura física é sediada à rua Major Ajax, bairro Canutos e Filhos, trata-se de uma casa adaptada pela prefeitura municipal de Caicó para o funcionamento da escola. Em suas dependências funcionam do Nível 2 ao nível 4 ano do Ensino Fundamental.

Frente à essas articulações, a proposta de pesquisa foi apresentada à direção da escola e à professora titular da turma Jaqueline Nunes da Silva Oliveira, para que fossem possíveis as 08 (oito) rodas de conversas em experiências de filosofia com crianças. Um dos aspectos relevantes dessa articulação é que a pesquisadora já era familiarizada com a escola e com as crianças por ser membro do referido projeto.

De acordo com as exigências do Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UERN, a escola assinou a Carta de Anuência (Anexo n. 1) e os pais ou responsáveis das crianças, após a explicação detalhada sobre a pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TALE (Anexo n. 2), em cumprimento às questões éticas orientadas.

Para garantir o sigilo e segurança aos sujeitos de pesquisa, os dados construídos no processo dessa pesquisa, tais como, gravações, transcrições, anotações, foram arquivados, seguramente, sob responsabilidade da pesquisadora, em sua casa, na qual ela mora sozinha, em um local ao qual somente a pesquisadora tem acesso.

Os nossos sujeitos de pesquisa foram em média 10 (dez) sujeitos (crianças), 6 (seis) e 7 (sete) anos do 1º Ano, pertencente a uma escola pública de Educação Básica, Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti/Caicó/RN, os quais pertencem à classe trabalhadora, de baixa renda, são crianças filhos/as de empregadas domésticas, pedreiros, comerciários, pescadores, boneleiros, agentes de saúde, funcionários públicos, auxiliares de serviços gerais, professores, moto taxistas e refugiados venezuelanos, a escola atua do nível infantil ao fundamental. Esse número corresponde ao universo de 100% (cem por cento) das crianças que participaram de atividades de aula remota. Utilizamos notas de campo, as quais realizadas pela pesquisadora ao final de cada “Roda de Conversas”; gravação de áudios, como procedimento de pesquisa, pela relevância de registrar todas as falas das crianças, mas também os silêncios e outras expressões que possam surgir durante as experiências de pensamento em nossas “Rodas de Conversas”. As 08 (oito) sessões foram identificadas por números e foram transcritas pela pesquisadora e que geraram 35

páginas, (Apêndices A ao H) de forma manual, assim transcrevemos os áudios das experiências de pensamento, as quais foram analisadas.

Propomos a realização de 08 (oito) “Rodas de Conversas”, nas quais ocorrerão as experiências de pensamento, a serem realizadas uma por semana de 06 de maio a 21 de julho. Tendo em vista considerarmos que seria necessário voltar e retomar cada tema com as crianças e termos uma sessão final para a suspensão da experiência de acordo com a inspiração da “composição” identificada por Kohan (2012).

Nossas “Rodas de Conversas” foram planejadas inspiradas em nossas experiências dentro do referido Projeto de Extensão, pelos fundamentos teóricos adotados nessa pesquisa, especialmente a ideia de “composição” de Kohan (2012), a qual esse filósofo elabora alguns momentos norteadores que são, uma disposição inicial, vivência de um texto, problematização do texto, escolha de temas, diálogo e continuar pensando sobre isso.

Os temas de nossas “Rodas de Conversas”, a serem abordados nas experiências de pensamento foram: Ética, Amizade, Amor, Diversidade, Perguntas e Felicidade, como podemos perceber na tabela abaixo (Tabela 01) e que foram objeto de nossa análise de pesquisa, foram definidos a partir da sessão inicial com as crianças, na qual apresentamos nossa proposta de pesquisa às crianças, o tema “ética” foi por ter sensibilizado algumas crianças enquanto a pesquisadora participava das atividades do referido projeto com as crianças, então foi a escolha inicial, depois surgiu o tema da “amizade” pelo mesmo motivo, posteriormente, a “diversidade”, pois foi um tema bastante abordado pelas crianças durante a experiência de pensamento sobre “a amizade”, e assim por diante. O tema do “amor” veio duas vezes, pois, na primeira vez tivemos que refazer a experiência, em função da extensa discussão entre as crianças, então trouxemos outra história sobre o amor, e buscamos no diálogo que ali foi desenvolvido, perceber junto com as crianças, quais temas seriam mais significativos de serem abordados em nossas rodas de conversas, na experiência de Filosofia com crianças. Também levando em consideração os fundamentos teóricos e práticos assumidos por nós nessa pesquisa em Kohan (2012), a serem instigados à participação das crianças, com, argumentos válidos, significados, pensamentos, e elementos inspiradores no espaço da experiência de pensamento, nas rodas de conversa.

TABELA 01 – PLANEJAMENTO DAS RODAS DE CONVERSAS COM CRIANÇAS

<b>RODAS DE CONVERSAS</b> <b>(Experiências de pensamento)</b>				
<b>DATA</b>	<b>TEMA</b>	<b>MATERIAIS</b>	<b>AUTORIA</b>	<b>OUTROS</b>
<b>06/05/21</b>	Ética	Livro: <i>A força do exemplo</i>	Coleção Gestando Valores, de Vanessa Alexandre.	01 Ocorreu de forma on-line.
<b>14/05/21</b>	Amizade	Livro: <i>Uma História Sobre Amizade -Quer Brincar Comigo?</i>	Editora Culturama, Vanessa Alexandre	02 Ocorreu de forma on-line.
<b>20/05/21</b>	Diversidade	Livro: <i>Diversidade</i>	Autora: Tatiana Belinky	03 Ocorreu de forma on-line.
<b>27/05/21</b>	Perguntas, curiosidade, imaginação.	Livro: <i>Mania de explicação</i>	Autora: Adriana Falcão	04 Ocorreu de forma on-line.
<b>18/06/21</b>	Amizade	<i>O pequeno Príncipe</i>	Autor: Antoine de Saint Exupéry	05 Ocorreu de forma on-line.
<b>09/07/21</b>	Amor	<i>O que é o amor</i>	Autora: Roberta Castro, Coleção Pequenas Lições	06 Ocorreu de forma on-line.
<b>16/07/21</b>	Amor e saudade	<i>O coração e a garrafa</i>	Autor: Oliver Jeffers.	07 Ocorreu de forma on-line.
<b>21/07/21</b>	Felicidade	<i>De onde vem a alegria</i>	Autor: Flávio Columbini	08 Ocorreu de forma on-line.

Em cada um dos temas tivemos por objetivo, fazer com que as crianças participassem de rodas de conversas e tivessem o contato com a experiência de Filosofia com crianças, tendo condições para que ocorram as experiências.

Observamos no percurso das experiências para ver se as crianças evoluem nos conceitos/situações que serão propostas nos temas selecionadas na perspectiva de proporcionar a circulação e aprimoramento do pensar, o questionamento, a atenção e escuta e outros sentidos que sejam potencializados pela nossa ação didático-pedagógica e das crianças. Durante a experiência, as crianças foram convidadas à: pedir a palavra e interagir, perguntar, identificar o que perceberam (inferências), a escuta do outro, etc. As temáticas foram diversas em vista das perspectivas a serem apresentadas pelas crianças, mudamos alguns temas apresentados as mesmas, no decorrer do processo, temas parecidos, mas modificamos de acordo com a interação, com as crianças, achamos interessante vivenciar o tema amizade duas vezes, pois ele teve muita aceitação e o tema amor duas vezes também, pois na primeira vez o tema tocou as crianças no que se refere a questão de abandono de um passarinho, e algumas crianças não tem família, assim, tivemos que interromper a experiência, para não tocar nessa temática do abandono, voltamos depois com outra história sobre o amor, e dessa vez conseguimos desenvolver a experiência, bem como também, pela pesquisadora a partir de sua sensibilidade e afetação em relação ao tema a ser abordado com as crianças. Foi modificado, pois deixamos uma margem para isso. Os materiais poderiam ser de diversas maneiras, tais como: literatura infantil, poesias, contos, obras de arte, objetos, etc.

A palavra ou a vez para falar, a qual será uma das regras básicas a ser negociada no primeiro contato com as crianças, seria representada, simbolicamente, como um objeto, o qual teria significado para as crianças, que elegeremos coletivamente para nossas “Rodas de Conversas”, nas quais buscamos criar as *condições* para a realização das experiências de pensamento com crianças. Cada criança só falaria na experiência de pensamento quando estar com a palavra (objeto) dessa forma o diálogo fica mais organizado, e as crianças aprendem a falar na sua vez, respeitando a vez do outro, ouvindo umas às outras, como foi de maneira online, cada criança pediu a palavra visualmente, levantando a mão ou falando.

Nesse sentido, buscamos perceber se tais aspectos vão sendo, gradativamente, buscados pelas crianças: observar a experiência, ver a evolução da experiência, o

significado da experiência para as crianças, as disposições iniciais nas primeiras experiências em comparação com as últimas experiências, os argumentos válidos.

#### 7.4 Instrumentos de Construção de Dados (Planejamento, gravação e transcrição das Rodas de Conversas)

Mediante a assinatura pelo responsável legal da escola da Carta de Anuência (Anexo n. 1), para a realização da pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo n. 2), pelos pais e/ou responsáveis das crianças, em cumprimento às questões éticas orientadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UERN. Os dados construídos no processo dessa pesquisa, foram arquivados, seguramente, sob responsabilidade da pesquisadora, em sua casa, na qual ela mora sozinha, em um local ao qual somente a pesquisadora tem acesso, garantindo assim o completo sigilo ético necessário à pesquisa.

Os nossos sujeitos de pesquisa foram em média 10 (dez) sujeitos (crianças), com faixa etária entre 6 (seis) e 7 (sete) anos de idade, pertencentes ao 1º Ano do Ensino Fundamental, provenientes de uma escola pública de Educação Básica, Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti/Caicó/RN. A referida escola, *lócus* de nossa pesquisa, oferta à comunidade escolar os níveis de Educação Infantil e Ensino Fundamental, esse número corresponde ao universo de 100% (cem por cento) das crianças que participavam das atividades de aulas remotas. Utilizamos notas de campo, as quais realizadas pela pesquisadora ao final de cada “Roda de Conversas”; gravação de áudios, como procedimento de pesquisa, pela relevância de registrar todas as falas das crianças, mas também os silêncios e outras expressões que possam surgir durante as experiências de pensamento em nossas “Rodas de Conversas”. As 08 (oito) sessões identificadas por números foram transcritas pela pesquisadora de forma manual, através dos áudios transcrevemos as experiências de pensamento.

Propomos a realização de 08 (oito) “Rodas de Conversas”, nas quais ocorreram as experiências de pensamento, essas correspondem ao dobro das experiências que são realizadas mensalmente na escola *lócus* de nossa pesquisa. Observaremos o percurso das experiências para ver se as crianças vão evoluindo nos conceitos/situações que foram propostas nos temas selecionados, na perspectiva de proporcionar a circulação e aprimoramento do pensar, o questionamento, a atenção, escuta, o ambiente de construção

da confiança e outros sentidos que sejam potencializados pela nossa ação didático-pedagógica e das crianças. Durante as experiências de pensamento, os materiais poderiam ser de diversas maneiras, tais como: literatura infantil, poesias, contos, obras de arte, objetos, etc.

A palavra ou a vez para falar, a qual será uma das regras básicas a ser negociada desde o primeiro contato com as crianças, no sentido de respeitar a fala de cada uma, a escuta, a compreensão ao pensamento do outro, a tentativa de solicitar, se for o caso, que esclareça de outra maneira, até se fazer entender por todos/as. Assim, buscamos criar as *condições* para a realização das experiências de pensamento com crianças, dessa forma o diálogo tem a possibilidade de surgir de maneira mais organizada e as crianças aprendem a falar na sua vez, respeitando a vez do outro, ouvindo umas às outras. Como as experiências de pensamento ocorreram de maneira remota, cada criança solicitava oralmente a palavra, ou visualmente, levantando a mão e aguardando sua vez.

Os temas a serem abordados nas experiências de pensamento e que foram objeto de nossa análise de pesquisa, foram definidos a partir da sessão inicial na qual apresentamos nossa proposta de pesquisa às crianças e buscamos no diálogo que ali foi desenvolvido, perceber junto com as crianças, quais temas seriam mais significativos de serem abordados em nossas rodas de conversas na experiência de Filosofia com crianças, bem como a partir dos fundamentos teóricos e práticos em Kohan (2012), a serem instigados à participação das crianças, com, argumentos válidos, significados, pensamentos, e elementos inspiradores no espaço da experiência de pensamento, nas rodas de conversa.

Nesse sentido, buscamos perceber se tais aspectos vão sendo, gradativamente, buscados pelas crianças: observar a experiência, ver a evolução da experiência, o significado da experiência para as crianças, as disposições iniciais nas primeiras experiências em comparação com as últimas experiências, os argumentos válidos que irão sendo apresentados a partir das experiências.

### 7.5 Roteiro para vivência das Rodas de Conversas

Como esclarecido, anteriormente, os temas de nossas “Rodas de Conversas” foram definidos a partir de nosso primeiro contato com o grupo de crianças-sujeitos de nossa pesquisa. E assim, foi, encontro a encontro. Contudo, tomamos como inspiração o

planejamento de nossas “Rodas de Conversas” os passos definidos por Kohan (2012), para a *composição* de uma experiência de pensamento, os quais são: uma disposição inicial, que se refere à criar as condições para gerar uma relação afetiva favorável à vivência e convivência no espaço coletivo; vivência de um texto: a escolha do texto deve afetar o próprio docente, que ele – o texto – tenha potência para incitar o pensamento das crianças; problematização de um texto; esta parte procura instigar perguntas, busca fazer surgir as afetações provocadas pelo texto; escolha de uma questão: o objetivo desta parte é determinar junto às crianças que pergunta é mais pertinente para a discussão e exploração pelo grupo; diálogo: é o ápice da experiência filosófica, dele participam todos os/as envolvidos/as que colocam suas reflexões acerca do texto exposto; para continuar pensando: esta parte é a suspensão da experiência filosófica mais que possibilita novos começos, se avalia o processo, se recupera o que foi possível pensar até ali e poderá seguir pensando individual ou coletivamente. (CIRINO, 2016), também iremos considerar elementos das experiências por nós vivenciada dentro das atividades realizadas pelo Projeto de Pesquisa e Extensão “Infâncias do pensar: filosofia e experiência na escola de Educação Básica”; “Infâncias, filosofia: experiências de pensamento;/UERN/Campus Caicó, do qual fazemos parte.

#### 7.6 Análise dos dados: identificação de categorias de análise a partir das “Rodas de Conversas”

Mediante as observações e registros dos diálogos através de gravação de áudio pelo celular, em “Rodas de Conversas” com crianças na escola de educação básica, *lócus* de nossa pesquisa, realizadas as sessões de experiências de pensamento (com as crianças). Na análise das transcrições foram identificadas categorias de análise, as quais serão dialogadas com os fundamentos teóricos que amparam nossa pesquisa, especialmente, infância (KOHAN, 2003; 2004; 2019) e de experiência (LARROSA, 2014); os temas que serão propostos e discutidos, mediante um texto, ou uma obra de arte, etc. e das categorias e/ou potencialidades surgidas nas “Rodas de Conversas”. Também buscamos estabelecer parâmetros de identificação entre os avanços proporcionados por nossa ação didático-pedagógica junto às crianças, no sentido das possíveis contribuições da referida ação e da participação das crianças desde a primeira até a oitava “Roda de Conversa” no sentido

dos questionamentos, inferências, escuta, atenção a sua própria participação e à participação das demais crianças quanto ao desenvolvimento da postura filosófica.

Por fim, após a construção dos nossos dados de pesquisa, esses foram analisados através dos instrumentos e procedimentos da pesquisa: as gravações de áudio e transcrições ocorridas nas nossas “Rodas de Conversas”, nas quais buscamos criar as condições para que ocorra a experiência de pensamento junto às crianças. Cada sessão foi identificada por números e transcritas manualmente pela pesquisadora, gerando parte do nosso texto de dissertação.

### 7.7 Ação educativa-filosófica na escola (Rodas de Conversas)

As experiências de pensamento na Escola Maria Leonor Cavalcanti no município de Caicó, foram realizadas no período de 06 de maio a 21 de julho de 2021, de maneira remota em função do contexto da pandemia COVID 19, tiveram como objetivo propiciar *condições* ao desenvolvimento da filosofia com crianças e são baseadas e pensadas com inspiração teórica no conceito de infância como um tempo aiônico, esse tempo está sujeito à crianças ou adultos; no conceito de experiência, como algo que nos acontece e que gera em nós uma afetação; na ideia de “composição” para estruturar as experiências de pensamento. Os temas e abordagens foram centrados nos contextos vivenciados pelas crianças, mas a pesquisadora também insere-se na condição da infância e da experiência na perspectiva de afetação e construção de sentidos.

Na experiência com o livro, uma *História Sobre Amizade-Quer Brincar Comigo?* de autoria de Vanessa Alexandre, ocorrida na “Roda de Conversa” n. 2, em 14 de maio de 2021, nossa proposta foi de trazer o tema da amizade, visto que na primeira experiência da “Roda de Conversa” n. 1, ocorreram muitos silêncios (como podem observar no apêndice A, da primeira roda de conversa), imaginamos que o tema da amizade teria o potencial de afetar mais as crianças, de provocar o pensar, bem como levando em conta o contexto de distanciamento no qual estávamos todos/as envolvidos/as em função do distanciamento presencial exigido pelo contexto da pandemia. Também porque a pesquisadora já ter trabalhado o mesmo no decorrer da profissão docente, assim, a pesquisadora chegou a essa decisão pela escolha do tema e de fato, a temática foi muito proveitosa e envolvente para as crianças. Como podemos observar na transcrição abaixo:

- **Pesquisadora:** Pronto, agora vamos falar sobre a historinha? O que que vocês entenderam? Quem gostaria de falar?
- **Criança A:** Está falando sobre amizade.
- **Pesquisadora:** muito bem, sobre a amizade, o que é uma amizade? -
- **Criança D:** Jogar juntos vídeo game.
- **Criança C:** Amizade é quando duas crianças se juntam para brincar.
- **Pesquisadora:** Muito bem!! E o que mais os amigos fazem além de brincar?
- **Criança C:** Se divertem.
- **Pesquisadora:** Muito bem, e o que mais?
- **Criança C:** Ajudar o outro. (Transcrição 2, Apêndice B).

O tema da amizade foi aos poucos fazendo as crianças falarem e interagirem, da mesma forma que tocou a pesquisadora, parece ter sido bem empolgante para as crianças pensar sobre o que fazem os/as amigos/as e o que pode caracterizar o que fazemos porque somos e temos amigos/as, pois todos/as aparentaram saber e sentir o que é uma amizade. O diálogo ocorrido na experiência de certa forma afetou as crianças, especialmente pelo fato de na história ter uma criança com necessidades especiais, logo, percebemos que passaram à conversar sobre a diversidade, como podemos observar nos trechos que seguem referentes à experiência da transcrição 2:

- **Pesquisadora:** Matheus tinha vergonha do problema na perna, o que acham sobre isso?
- **Criança E:** É uma pessoa normal, só que com uma doença.
- **Criança C:** Eu já vi também, pessoa sem o braço, sem mão.
- **Criança B:** Vi um amigo com o braço quebrado.
- **Criança F:** Vi um rapaz com problema no olho.
- **Pesquisadora:** No olho é que não consegue enxergar né, como o seu colega disse, é uma pessoa normal.
- **Criança F:** O olho é diferente.
- **Pesquisadora:** É estrábico?
- **Criança F:** Isso, quando ele olha para mim ele também olha para lá, é no cérebro, na cabeça que faz ser assim, depois da cirurgia ele não ficou bom, mais melhorou mais.
- **Pesquisadora:** Entendi, e tem gente que nasce assim, outros ficam com alguma deficiência durante a vida, pode acontecer, a gente não pode ter alguma coisa chamada preconceito né.
- **Criança A:** É.
- **Criança C:** Eu sou cheia de sinal desde pequena.
- **Pesquisadora:** A história fala que não é porque você é diferente, que vai ser excluído, que não vai poder brincar, até porque todos somos diferentes, ninguém é igual.
- **Criança B:** Minha mãe não é parecida com o meu pai, e nem eu, a cor dela é diferente da minha, papai é galego e eu também. (Transcrição 2, Apêndice B).

As crianças se afetaram muito e ficaram bem empolgadas falando sobre a diversidade. Nesse sentido e em vista de uma das etapas da “composição”, inspirada em Kohan (2012), termos o objetivo que as mesmas continuem pensando sobre a experiência, nós a deixamos suspensa, não finalizada, assim realmente elas continuaram a pensar sobre isso, daí veio a ideia da terceira “Roda de Conversa”: levar o tema da diversidade para a nossa experiência de pensamento no encontro seguinte.

De tal modo, esse tema afetou as crianças que o mesmo adentrou o espaço das aulas com a professora titular, que percebendo a inquietação das crianças, realizou a contação da história “Diversidade”, de autoria de Tatiana Belinky, o qual era também o tema que iríamos trabalhar. Verificamos que mesmo nos dias seguintes, as crianças continuavam comentando sobre essa temática, sem dúvida de todas as 08 (oito) experiências vivenciadas, essa foi a que mais chamou a atenção e as afetou, foi lindo ver a forma com as crianças desenvolveram o tema, vínhamos da primeira experiência com pouca afetação e muitos silêncios e fomos surpreendidas com a experiência mais empolgante, posteriormente, tivemos outras, mas não se percebe esse mesmo envolvimento com a temática que tivemos nesse momento. Vejamos:

- **Criança B:** Eu já sofri Bullying, tem gente que me chama de palito.
- **Pesquisadora:** Pois é, não pode né, essa provocação é algo que não devemos fazer, pois não gostamos que façam com a gente e não devemos fazer com os outros, e sobre a amizade, o que mais podemos falar? Podemos ser amigos, da nossa família, nossos irmãos pais e também dos colegas né.
- **Criança E:** Ô tia deixa eu dizer um negócio, tem gente que não tem a perna, aí quando a pessoa não tem coloca a prótese, aí ela consegue andar, quando eu estudava era bem pequenininho, tinha 2 aninhos, um colega tinha, lá no externato tia Hilda, eu estudei 4 anos lá, ele não se levantava, eu não entendia por ser muito pequenininho.
- **Pesquisadora:** 2 anos é muito pequenininho mesmo.
- **Criança B:** Eu já machuquei minha perna no externato, no balanço. (Transcrição 2, Apêndice B).

Também falaram sobre pré-conceitos que sofreram, como por exemplo Bullying, mas as diferenças foram o que mais o afetaram ao falar, frente a esse entusiasmo, o tema da “amizade” ficou em segundo plano, o que surpreendeu a pesquisadora, pois, tínhamos a hipótese de que “amizade” tinha o potencial maior de afetação, contudo, a experiência revelou outras nuances, trouxe à tona as afetações das crianças em relação ao tema da

“diversidade”, revendo o que entendiam pelas diferenças e como se percebiam nesse contexto.

- **Pesquisadora:** Alguém mais quer falar sobre a amizade ou diferenças?
- **Criança H:** A amizade é bom, é legal, é ótimo para as crianças.
- **Criança C:** Eu já vi um homem com uma perna diferente.
- **Pesquisadora:** Você achou o que?
- **Criança C:** Normal.
- **Criança A:** Ou foi acidente ou queda.
- **Pesquisadora:** Ou nasceu assim.
- **Criança A:** É verdade, minha cachorrinha não consegue andar.
- **Pesquisadora:** O que aconteceu?
- **Criança A:** Acidente.
- **Criança G:** Professora o meu primo tem 2 anos e nasceu com uma perna maior, que a outra, ele usa uma bota, também é normal, tem uma doença, esqueci o nome agora. (Transcrição 2, Apêndice B).

Não poderíamos não continuar essa temática, não existiria nesse momento outro tema mais perfeito que diversidade e assim, foi realizada a terceira experiência, nossa “Roda de Conversa” 03 (três), com a data de 20 de maio e que teve o tema “diversidade”, nossa proposta foi tentar continuar à afetar as crianças com a temática, com o desejo de criar as condições para seguir pensando na experiência de pensamento:

- **Pesquisadora:** Sobre as diferenças da história, pessoas mais quietas, mais falantes, pessoas mais altas, mais baixas.
- **Criança I:** Pessoas Preguiçosas.
- **Pesquisadora:** Pessoas Preguiçosas e espertas. Diversidade é que é legal, todo mundo é diferente né.
- **Criança A:** Menino e menina.
- **Pesquisadora:** Outra diversidade né, na escola, sempre tem o colega que gosta de falar mais, e tem os mais quietos.
- **Criança K:** Tem a mais paciente.
- **Criança L:** Tem a mais gorda, mais magra.
- **Criança H:** Tem a mais obediente.
- **Pesquisadora:** Com Certeza. Como é para você brincar com um uma pessoa diferente, como por exemplo deficiente?
- **Criança L:** Elas são normais iguais a gente só tem doença.
- **Criança K:** Elas são especiais.
- **Pesquisadora:** Muito bem.
- **Criança A:** Não devemos ter preconceitos com as pessoas.
- **Criança Q:** Do mesmo jeito ela é uma criança normal. (Transcrição 3, Apêndice C)

Vimos que a temática da “diversidade” continuou a empolgar as crianças, nesse trecho acima elas começam a falar o que ouviram na história, depois falam sobre

preconceitos e crianças com necessidades especiais, posteriormente, temos outro tema interessante ainda não explorado na diversidade, que surge a partir das crianças: o masculino e o feminino. Vejamos abaixo que a criança A, tenta diferenciar o que é próprio, a partir de suas vivências, de menino e de menina, supostamente afirmando que existem brinquedos que somente as meninas podem brincar e outros que são de meninos, enquanto que a criança P, já pensa diferente, caracteriza em sua fala que o fato de brincar “um pouco de bola e um pouco de boneca” não é bem visto pelas pessoas que a cercam, pois essas afirmam que a mesma é “metade menino e metade menina”, como podemos ver a seguir:

- **Criança P:** Brinco metade de carrinho e de bola e metade de boneca, tem gente que me chama de metade menino, metade menina.
- **Pesquisadora:** É normal, eu também brincava de todas as brincadeiras de menino com meu irmão, e não teve problema nenhum.
- **Criança A:** Menino pode brincar de boneca e menina de bola.
- **Pesquisadora:** Eu adorava brincar com meu irmão também.  
(Transcrição 3, Apêndice C)

Talvez por ser um tema bem sensível pouco foi falado sobre o mesmo, mas o sentimento e as falas iniciais parecem interessantes, e parecem afetar a criança P e a criança A, com maior ênfase que as outras crianças. De acordo com Larrosa (2014), a experiência é aquilo que nos acontece e que nos toca. Nesse contexto, a pesquisadora tenta deixar as crianças bem à vontade, dando lugar as manifestações que surgem, conduzindo a discussão no sentido de levar as crianças e a pesquisadora à se colocar no lugar do outro – criança - falando de sua experiência pessoal na infância, posteriormente, as crianças ficaram interessadas em discorrer sobre brincadeiras e suas diferenças.

- **Criança L:** Gosto de bolinha de gude.
- **Pesquisadora:** Eu adorava brincar com bolinha de gude, de bila que é o mesmo que bolinha de gude.
- **Criança L:** Gosto de Bolinha de gude, é diferente de bila, bolinha de gude é de borracha o material da bila é diferente da borracha, bola de gude é isso, se jogar no chão ela não quica.
- **Pesquisadora:** Eu sei que bolinha é essa que estão falando, são 2 diferentes.
- **Criança K:** Gosto de bola de basquete.
- **Criança S:** Posso pegar para você ver?
- **Pesquisadora:** Pode, veio ligeiro, essa ai é a bila né?
- **Criança S:** Eu acho que é.
- **Criança L:** É uma bila.

- **Pesquisadora:** A bila jogando no chão pode até quebrar e a bolinha de gude não quebra.
  - **Criança A:** Uma é como se fosse feita de vidro e a outra é de outro material.
  - **Pesquisadora:** O que mais brincam, será que todos gostam de brincar com as mesmas brincadeiras ou diferentes?
  - **Criança I:** Eu gosto de esconde-esconde e de pega, pega e ajuda ajuda.
  - **Pesquisadora:** Somos diversos até nas brincadeiras, temos também brincadeiras preferidas que muitas vezes vão ser diferentes do seu colega. E se por exemplo eu quiser brincar de bola de gude e a minha amiga de boneca, a gente vai brincar de que? como chegaremos a um consenso? Se você quer brincar de uma coisa e seu colega de outra, como vão resolver isso?
  - Criança L:** Primeiro a gente brinca de uma brincadeira e depois de outra.
  - **Criança K:** Uma pessoa brinca de boneca, a outra de bila, bola...
  - **Criança T:** Brinco com as duas brincadeiras ao mesmo tempo.
- (Transcrição 3, Apêndice C)

Nesse trecho vemos as crianças pensando sobre brinquedos e suas diferenças, inclusive algumas saíram e foram pegar seus brinquedos durante a aula para mostrar a pesquisadora, depois pensaram e falaram como resolveriam uma situação de escolha.

Como foi um tema de afetação foi muito bacana a interação e empolgação das crianças com o mesmo, algumas perguntas e inquietações partiram dos mesmos que não se estava esperando, como a questão de gênero e por exemplo as diferenças entre pessoas dos gêmeos, como podemos ver a seguir:

- **Criança B:** Os gêmeos são iguais?
- **Criança A:** Não. **Pesquisadora:** Até eles são diferentes, você tendo irmãos, e sendo criado pelos seus pais, vão ser diferentes dos seus irmãos, você e seus irmãos são iguais?
- **Crianças:** Não.
- **Pesquisadora:** Até com a mesma criação são diferentes, nossos amigos são diferentes, nossos irmãos, gostos.
- **Criança S:** Eu tenho essa boneca aqui.
- **Pesquisadora:** Eu tinha uma parecida.
- **Criança S:** O nome dela é Tuca, nome estranho né.
- **Pesquisadora:** Por que é Tuca?
- **Criança S:** É o nome da marca dela.
- **Pesquisadora:** Pensei que fosse o nome que tinha dado a ela.
- **Criança S:** o nome dela é Alice.
- **Pesquisadora:** Até nossos nomes são diferentes né? Vamos continuar pensando sobre isso e terminar por aqui essa experiência. (Transcrição 3, Apêndice C)

Assim, encerramos essa experiência, sobre a diversidade, que já vinha desde o encontro anterior sendo desenvolvida, concluímos que ela afetou e foi interessante para as crianças, sendo talvez a temática que mais envolveu as crianças em experiência de pensamento.

O fragmento da experiência abaixo tratava de uma experiência proposta a partir da história *O coração e a garrafa*, de Oliver Jeffers, nela, a personagem, uma menina curiosa, que gostava de saber sobre as coisas e que por motivo de ter perdido o seu avô, resolve prender o coração para não sofrer. Inicialmente, é possível perceber, que as crianças resistem em participar e encontrar na história relatada aspectos que reflitam o seu pensar, ficando, na maioria das respostas numa perspectiva de perguntas e respostas baseadas no modelo de interpretação de textos. Vejamos:

- **Pesquisadora:** Ela colocou a tesoura para tentar tirar né, fez várias coisas para tirar o coração da garrafa, mas só uma coisa fez com que ela conseguisse tirar, e não foi ela foi outra pessoa.
- **Criança C:** A menina.
- **Pesquisadora:** A menina, muito bem, essa história fala sobre o que?
- **Criança E:** O coração. (Transcrição 7, Apêndice G)

Contudo, é possível afirmar que em alguns momentos, a partir da mediação da pesquisadora, do lugar da escuta e confiança construída, se insurge a infância e as crianças se deixam atravessar pela experiência:

- **Pesquisadora:** Por que ela colocou o coração na garrafa?
- **Criança A:** Para guardar o coração.
- **Pesquisadora:** E por que ela queria guardar o coração?
- **Criança C:** Na verdade o coração já estava guardado dentro de nós.
- **Pesquisadora:** Muito bem, por que ele escolheu uma garrafa e não outro objeto, para guardar o coração?
- **Criança B:** Porque a garrafa é única para guardar. (Transcrição 7, Apêndice G)

A fala das crianças remete à percepção de gestos, ações que ocorreram e foram despertados pela vivência com o texto e que significou para as crianças a compreensão da experiência; também provocou-as a pensar em aspectos de sentimentos, não necessariamente, precisamos desenvolver temas para praticar a filosofia com crianças, pois o Filosófico ocorre durante a experiência, no diálogo, na escuta, na construção dos argumentos pelas crianças com a mediação da pesquisadora e valorização de cada fala. Nesse sentido a criança pensou sobre o coração e sentimentos. Nos remetemos ao

pensamento de Kohan (2012, p. 27), sobre a importância de o/a professor/a está atento/a ao movimento da experiência que ocorre em cada encontro com as crianças: “Novas questões surgiram? Transformaram-se algumas das perguntas que tínhamos? Aparecemos em sala de aula como autoridade, como alguém que tem as ‘respostas corretas’ sobre os assuntos da discussão?” Tal afirmação, nos leva à refletir sobre a nossas práticas, se estamos nos deixando afetar pela experiência, se estamos abertos para o inusitado que surge dentro da experiência.

Continuando a experiência ocorrida na “Roda de Conversa” n. 7, em 16 de julho de 2021, nossa proposta foi reflexiva, pois na referida história a menina, pensava sobre as coisas de seu mundo e provocamos as crianças à pensarem e perguntarem sobre coisas que lhes inquietavam:

- **Pesquisadora:** Por que eu acho que o sol é amarelo?
- **Criança B:** Porque ele não para de brilhar.
- **Pesquisadora:** Será que o céu é azul ou eu acho que é azul?
- **Criança B:** Eu também acho que é azul.
- **Pesquisadora:** É azul ou é vermelho?
- **Criança D:** É azul.
- **Pesquisadora:** Será que existe um céu vermelho?
- **Criança B:** Acho que não, mas a noite pode ter um eclipse e pode ser que fique vermelho, teve um dia que a lua estava mais amarela do que nunca.
- **Pesquisadora:** Eu já vi também, quando você viu você se perguntou, por que será que está acontecendo isso?
- **Criança B:** Perguntei não só fiz olhar. (Transcrição 7, Apêndice ??)

Assim, as crianças começam a questionar, com a ajuda da pesquisadora, porque na história a personagem principal também é uma questionadora, mas o interessante é que as perguntas são importantes, mas também os silêncios:

Espera-se uma prática dialogada em que os participantes troquem ideias e argumentos, levando em consideração o exame dos seus pressupostos e consequências, A discussão filosófica é a terra dos ‘por quês’ e dos ‘para quês’. A docente não é o centro pelo qual passam todas as questões. Ela propicia uma participação ampla e compartilhada, cuida que a discussão não perca o foco, gera as condições para o diálogo colaborativo. (KOHAN, 2012, p.21. Grifos do autor).

Consideramos que o diálogo é fundamental na proposta de filosofia com crianças, sem se incomodar com os silêncios, com uma troca nesse momento, tanto de ideias e a maneira de trata-las, como de argumentações, inquietações, proposições, desenvolvendo

confiança. Em um ambiente agradável de vivências, convidando ao filosofar, convidando à pergunta, evitando julgamentos, assim desenvolvemos a filosofia com as crianças no decorrer das experiências de pensamento no contexto da pesquisa, assim, assumimos a filosofia como um modo de vida, assim, podemos dialogar com essa transcrição:

**Pesquisadora:** A menina da história fazia muitas perguntas, perguntava sobre as plantas, tinha muita curiosidade, quando a gente começa a aprender, muitas vezes começa a perguntar também, e ter curiosidade.

**Criança B:** A planta vem de onde, vem do mato?

**Pesquisadora:** Vou responder com outra pergunta, será que só tem planta no mato, temos planta em casa também?

**Criança C:** Não tem planta na água também, a alga que fica no mar.

**Pesquisadora:** Verdade no fundo do mar tem planta também, interessante né.

**Criança A:** Não é a alga se diz água.

**Pesquisadora:** No caso ele está falando de uma planta que se chama alga.

**Criança C:** Alga marinha. (Transcrição7, Apêndice G)

O espaço da filosofia com crianças convida ao pensar, como vimos na transcrição citada, assim, buscamos abrir caminhos, problematizando, discutindo, pensando, dialogando no percurso da experiência, em uma troca, como por exemplo, no fragmento abaixo:

- **Pesquisadora:** Pois é teve a curiosidade para aprender sobre isso, queria saber mais, voltando a história, a menina perguntava, perguntava e perguntava e ela se viu com a cadeira vazia e ficou triste e parou de perguntar e colocou o coração na garrafa. Quem seria a criança que fez ela voltar a perguntar?

- **Criança C:** Uma amiga.

- **Criança B:** Uma irmã.

- **Criança D:** Uma filha.

**Criança E:** Uma avó.

**Criança A:** O avô.

**Pesquisadora:** Os avós podem ter o Coração de menino é verdade, por que a menina poderia ser o avó?

**Criança A:** Meus avós brincam comigo, quando vem para cá.

**Pesquisadora:** Brincam de que? **Criança A:** Bola, esconde esconde, pega pega, é muito legal. (Transcrição 7, Apêndice G)

Nesse trecho, as crianças buscam saber quem foi a menina, tão especial, que fez com que a personagem principal do livro, voltasse a fazer perguntas. Dessa forma, é

possível perceber que a prática da filosofia com crianças tem movimentos e produz efeitos, com um novo ponto de vista:

Escritura de experiência que gerará outra experiência, a do diálogo com nós mesmos motivados pelos ecos das vozes de outros que ainda ressoam. ‘Não sei como me contaminei com isso’, ‘não sei porque estou fazendo estas perguntas’ [...]. Os alunos se dão conta de uma transformação, expressão uma segurança diante da insegurança. Os docentes se sentem transformados por uma prática coletiva de formação na qual a suspensão provisória do juízo tem mais entidade que uma frase contundente. Fica traçado o caminho para a investigação que colaborará com a geração de um estilo de pensar próprio, mas que ao mesmo tempo é tributário do pensamento de outros. (KOHAN, 2012, p. 235. Grifos do autor).

A filosofia com crianças afeta as crianças, levando-as à perceber nuances antes não percebidas e também afeta o adulto que vive com elas a experiência de pensamento, e muitas vezes nos leva a uma transformação com relação à vida, podendo inclusive alterar a forma de se posicionar no mundo e pensar, passamos a perceber o potencial do diálogo e do imaginário infantil que é proporcionado pela experiência, a experiência é desenvolvida pensando no interesse das crianças com a mediação e atenção das professoras, Como nos alerta Kohan:

Centrar nossa tarefa com elas e as crianças no cuidado e na construção de um estado de atenção permitiria trabalhar sobre a qualidade das experiências que pensamos e realizamos a cada semana. A atenção é uma forma de relação com algo que demanda certo esforço e que parece criar um âmbito de intimidade com o que nos relacionamos, a atenção não é um conteúdo e também não é um método e, assim, como a experiência, ela propicia uma particular forma de sermos afetados pelo mundo. (KOHAN, 2012, p.175)

Nesse trecho, observa-se o desenvolver da experiência, que deve ser pensada e planejada com antecedência, as mesmas podem ir indicando os temas que podem ser desenvolvidos, assim, o ideal é planejar semana a semana, cada experiência.

Não temos o objetivo de tornar as crianças mais inteligentes, nem que se tornem filósofas, mas indiretamente contribuir para fazer emergir potencialidades:

O que ocorre então com os alunos se eles não passam a adquirir um saber formado e não descobrem em si mesmos um dom que poderão seguir como profissão? O que mudou neles e que não sabemos precisar

muito bem? Uma resposta um tanto quanto poética nos ocorre: o ar. Um ar fresco que revela a passagem da infância em suas maneiras de pensar, sentir e ver [...]. (KOHAN, 2012, p. 249)

Por fim, existe uma potência na filosofia com crianças, que pode transformar a subjetividade dos/as envolvidos/as, indiretamente, mesmo não sendo um foco principal, fazendo um mundo diferente do que estamos acostumados/as.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que o presente texto trata de uma pesquisa que já foi realizada, é possível considerar que desenvolveremos em uma escola de educação básica a perspectiva da criação de *condições* para o desenvolvimento do pensar cada vez mais cuidadoso das/nas crianças, através de experiências de pensamento em “Rodas de conversas”, em 08 (oito) sessões com uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de Educação Básica.

O nosso objetivo principal da pesquisa foi compreender e intervir a partir de rodas de conversas com crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental, realizadas de forma *on-line* em escola de educação básica, no município de Caicó-RN, como possibilidade de criação das *condições* para que ocorra a experiência do pensar na sala de aula, acreditamos ter atingido esse objetivo, pois criamos as condições com as “Rodas de Conversas” e abrimos espaços para diálogo das e questionamentos a partir das afetações das crianças envolvidas e que se revelaram no contexto das experiências de pensamento.

Tomamos como hipótese que as “Rodas de Conversas” auxiliariam à criação das *condições* para que ocorra as experiências de pensamento com crianças. Acreditamos que atingimos os objetivos propostos, por mais que a experiência seja pessoal, não tendo um cálculo assim para índices, nem foi esse o nosso objetivo. Foram realizadas 08 (oito) experiências de pensamento de maneira *on-line* com crianças.

Assim, investigamos sobre os conceitos de infância e de experiência e suas contribuições para o desenvolvimento do pensar infantil; criamos, com base na ideia de “composição” as *condições* para o desenvolvimento de experiências de pensamento com crianças a partir dos fundamentos teóricos e do movimento de filosofia com crianças, coordenado por Kohan (2012), no Brasil; e desenvolvemos em “Rodas de Conversas” em uma escola de educação básica de Caicó/RN, criando possibilidades de aperfeiçoamento do pensar com crianças, através de experiências de pensamento.

Vimos a Filosofia “para” e “com” crianças nas suas diferenças e compatibilidades, as quais, na FpC, identificamos que tem currículo, metodologia e formação de professores/as específicas, enquanto que a filosofia “com” crianças, possui um processo formativo, de fácil acesso, àqueles que desejarem aderir à proposta de filosofia com crianças, o qual ocorre no movimento entre a universidade e as escolas de educação básica, nas quais ocorrem as experiências de pensamento; o currículo envolve temas e

materiais diversos e podem ser escolhidos pelo/a docente e pelas crianças, os textos devem provocar os/as professores/as mediadores/as e ter o potencial de criar possibilidades de experiências de pensamento ao grupo. As experiências de pensamento constituem-se em oportunidade de escuta, atenção, para trazer problemas da realidade do contexto em que se inserem os/as envolvidos/as.

Também, discutimos, embora que brevemente, o conceito de experiência e sua relação com a infância. A infância como *condição* para que ocorra a experiência. Sendo a experiência aquilo que nos acontece e nos transforma. Observamos em Matthew Lipman: dimensão lógica para o desenvolvimento de habilidades de pensamento e em Kohan (2003; 2007; 2012), a infância como experiência e como condição da filosofia, a infância da filosofia. Estruturamos as “Rodas de Conversas” com inspiração na ideia de “*composição*” trazida por Kohan (2012). Construimos e analisamos dados a partir das transcrições das experiências de pensamento com as crianças, nas quais foi possível perceber a infância e a experiência presentes nas falas e nos silêncios das crianças, instigamos a participação, a relação dos contextos vivenciados pelos/as personagens das histórias e os contextos reais vivenciados pelas crianças. Buscamos desenvolver o respeito pela fala do outro, a confiança e dar lugar para os pensamentos ainda não pensados que se emaranhavam nas falas das crianças.

Em virtude do contexto da Pandemia, provocada pelo COVID-19, foi necessário pensar algumas alterações ao contexto da ação educativa-filosófica na escola de educação básica, como por exemplo a realização das experiências de forma *on-line*, em vista que, no momento da realização da pesquisa, não havia perspectiva de retorno presencial, estando ocorrendo nessa fase em questão, na maior parte das escolas, o ensino remoto.

Concluirmos a pesquisa relacionando fragmentos das transcrições de experiências de pensamento, ocorridas de maneira *on-line*, na escola de educação básica, com aparato teórico da pesquisa, assim, criamos *condições* que atravessam o ambiente de experiência, vendo a infância como tempo aiônico e a experiência como algo que nos afeta, nos acontece e nos transforma. Com autenticidade entre crianças e adultos, a pesquisadora trouxe para o espaço temas que a inquietam, que a atravessam, para que também pudessem atravessar as crianças, depois buscamos pensar sobre a experiência e observar se de fato ela atingiu o objetivo proposto: ser uma experiência! Talvez, como é próprio da experiência não tenhamos como sabê-lo, visto ser a experiência única, pessoal

e intransferível. Nesse sentido, permanece coerente o nosso objetivo e tema de pesquisa: criar as *condições* para que possa ocorrer a experiência de pensamento com crianças.

## 9 REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Curricular Comum**. <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>. Acesso em 10/07/2018. às 13:30.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil**. Volume 3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Lei 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: DF, 1961. Disponível em <http://wwwp.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf>. Acesso em: 16 julho, 2019.

\_\_\_\_\_. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 5.692/71**. Brasília, DF: MEC, 1971.

\_\_\_\_\_. MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96**. Brasília, DF: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Assembléia Legislativa. Ministério da Educação - MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, Centro Gráfico, 2009.

CARVALHO Marcelo; CORNELLI Gabriele; KOHAN. Walter. Como ensinar que é preciso aprender? Filosofia: uma oficina de pensamento. In: **Filosofia e Formação – Volume 1**. Cuiabá/MT: Central de Texto, 2013.

CIRINO. Maria Reilta Dantas. **Filosofia com Crianças: Cenas de Experiências em Caicó (RN), Rio de Janeiro (RJ) e La Plata (Argentina)**. Rio de Janeiro: NEFI, 2016.

CUNHA, Mauro Britto. O sabor das infâncias: experiências filosóficas com crianças numa escola pública municipal de São Mateus, ES. In: PAIVA, Jair Miranda de (org.). **Ensino de Filosofia, escola, infâncias: ensaios e encontros**. Serra: Milfontes, 2018.

DANIEL, Marie - France. **A Filosofia e as crianças**. Prefácio de Matthew Lipman. Tradução de Luciano Vieira Machado. Alexandria, 2000.

FÁVERO, Altair Alberto; CEPPAS, Filipe; GONTIJO, Pedro Ergnaldo; GALLO, Sílvio; KOHAN, Walter Omar. O Ensino da Filosofia no Brasil: um Mapa das Condições Atuais. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 64, p. 257-284, set./dez. 2004. p. 257 – 284. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em 21/07/2019.

GUERRA. Elaine Linhares de Assis. **Manual de Pesquisa Qualitativa**. Belo Horizonte: Copyright. 2014.

GHEDIN, Evandro. A problemática da filosofia no ensino Médio. In: FÁVERO, Altair Alberto; RAUBER, Jaime José; KOHAN, Walter Omar. **Um olhar sobre o ensino de Filosofia**. Ijuí: INIJUÍ, 2002. p. 209 – 234.

GOMES, Romeu. **A análise de dados em pesquisa qualitativa**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). Pesquisa Social. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

KOHAN, Walter Omar e WUENSCH, Ana Mirian, **Filosofia para crianças: A tentativa pioneira de Matthew Lipman**. Petrópolis, 3 ed. RJ: Vozes, 1998.

KOHAN, Walter Omar. **Lugares da infância: filosofia**, Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para crianças**. 2 ed. RJ: Lamparina, 2008.

KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana. (Orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Ensino de Filosofia).

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia: o paradoxo de aprender e ensinar**. Trad. de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

KOHAN, Walter Omar. Palavras, passos e nomes para um projeto. In: KOHAN, W.; OLARIETA, Beatriz Fabiana. (Orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Ensino de Filosofia). p. 15 – 49.

KOHAN, Walter; OLARIETA, Beatriz Fabiana; WOZNIAK, Jason. Repensando, com outras vozes, os sentidos do filosofar. In: KOHAN, Walter Omar; OLARIETA, Beatriz Fabiana. (Orgs.). **A escola pública aposta no pensamento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 169 – 239.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Tradução de Ann Mary Figueira Perpétuo. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à Escola**. São Paulo: Summus, 1990.

LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofar com crianças: Possibilidades**. Contribuições de Matthew Lipman. In: MATOS, Junot Cornélio; NUNES COSTA, Marcos Roberto. Recife: Ed. da UFPE, 2014. p. 97 – 110.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **A Pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONTERO, Maria Fernanda A. G.. **O ensino de Filosofia no Ensino Médio brasileiro: antecedentes e perspectivas**. São Paulo: PUC-SP, 2011.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil fundamento e métodos**. São Paulo: CORTEZ, 2013.

PAIVA, Miranda. **Ensino de Filosofia, escola, infâncias: ensaios e encontros**. Serra: Ed. Milfontes, 2018.

SOUZA, José Francisco das Chagas; CIRINO, Maria Reilta Dantas. Formação Docente e Pesquisa: uma relação necessária? In: MORAES, Dax et al. **Filosofia: educação e saúde: interfaces**. Edições UERN, Mossoró: 2012, p. 282 – 309.

# APÊNDICES



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**APÊNDICE A - RODA DE CONVERSA N. 01 –TEMA: ÉTICA**

**TÍTULO DA PESQUISA:** FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DE RODAS DE CONVERSAS COM CRIANÇAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN.

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** ESP. ROSANA LOPES DOS SANTOS.

**PROFESSORA ORIENTADORA:** DRA. MARIA REILTA DANTAS CIRINO.

- RODA DE CONVERSA 01 – TEMA: ÉTICA, LIVRO: *A força do exemplo* – Livro Gestando Valores de Vanessa Alexandre.

(REALIZADA DE MANEIRA REMOTA PELO GOOGLE MEET:

- DATA: 06 DE MAIO DE 2021

- ESCOLA MUNICIPAL MARIA LEONOR CAVALCANTI/CAICÓ/RN

- NÍVEL 1º ANO IDADE DAS CRIANÇAS: 6 e 7 ANOS. NÚMERO DE CRIANÇAS PARTICIPANTES: 10

- PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA TURMA: Jaqueline Nunes da Silva Oliveira

- TEMPO DE ÁUDIO: 36:21

(A professora da turma já tinha explicado às crianças sobre minha participação com elas e, anteriormente, já tinha tido um contato prévio com as mesmas. A professora nos deixou sozinhas no espaço virtual com as crianças para a realização da roda de conversa)

**Pesquisadora:** Boa tarde crianças, como estão?

**Criança A:** Professora eu fiz até uns detalhes no meu barquinho.

**Pesquisadora:** Vocês estavam fazendo um barquinho antes de eu chegar?

**Criança A:** De papel.

**Pesquisadora:** Que legal, vou compartilhar uma historinha com vocês, certo? Vamos prestar atenção, vamos lá:

Fizemos a contação da história do livro: *A força do exemplo* – Livro Gestando Valores de Roberta Castro.

Um homem levou os seus 2 filhos ao circo, Diego e Pedro, lá, crianças até 5 anos pagam meia-entrada, o pai das crianças pediu 3 entradas inteiras, o bilheteiro perguntou quantos anos tem a criança menor? E o pai disse, 6 anos, o bilheteiro disse que poderia ter comprado meia, porque ele não saberia, o pai respondeu, o senhor não saberia, mais ele saberia, as crianças se divertiram e ficaram muito felizes com a lição que aprendeu com o pai, pois aprendeu, a forma correta de fazer as coisas, as crianças aprenderam, o exemplo praticado no dia a dia.

**Pesquisadora:** Então crianças, a história se chama “A força do exemplo”, ela vai falar no caso, de algo que seria o que? (Silêncio).

**Pesquisadora:** O que acham? (Silêncio).

**Pesquisadora:** O que gostariam de falar? O que acharam interessante? (Silêncio)

**Pesquisadora:** Na historinha que acabei de contar, eles foram para onde?

**Criança A:** Um circo.

**Pesquisadora:** E lá no circo como foi? Eles compraram alguma coisa?

**Criança C:** Os ingressos!!

**Pesquisadora:** Muito bem!! Então, tinha o ingresso da criança de 5 anos que pagava bem pouquinho e da criança de 6 que pagava como adulto, o pai dele poderia dizer que a criança era menor de 5 e não pagar, mas o pai deu o exemplo de pagar para ser honesto, dando exemplo, não é?

**Pesquisadora:** Na vida de vocês, é como se tivesse levando vantagem, fazendo coisas erradas, eu tenho esse lápis dentro da minha bolsa, alguém poderia pegar daqui sem me pedir?

**Criança C:** Não posso fazer isso porque é feio, vai ser preso.

**Pesquisadora:** E o que mais?

**Criança D:** É errado.

**Pesquisadora:** Por que que é errado?

**Criança C:** É feio.

**Pesquisadora:** Vocês iam gostar se alguém abrisse sua bolsa e pegasse o seu lápis sem avisar?

**Criança C:** Não.

**Pesquisadora:** A mesma coisa aconteceria com o ingresso se o pai não pagasse, assim como o exemplo do lápis poderíamos falar de qualquer outra coisa, que pegassem de você. Mas se o lápis fosse emprestado?

**Criança C:** Emprestado sim.

**Pesquisadora:** Alguém mais gostaria de falar? (Silêncio).

**Pesquisadora:** Outro exemplo, eu tenho esse livro, vocês tem livro em casa? O que gostam de ler?

**Criança C:** Eu, eu tenho alguns livros de histórias, um monte de livros de histórias,

**Criança B:** Eu gosto mais de Pinóquio.

**Pesquisadora:** O Pinóquio faz muito o que?

**Criança B:** Mentiras.

**Criança C:** De mentir o nariz dele cresceu.

**Pesquisadora:** O Pinóquio é desonesto, assim como o rapaz seria se comprasse o ingresso.

**Pesquisadora:** Quem mente como o Pinóquio, vai acontecer algo bom ou não?

**Criança B:** Não, o nariz dele cresce muito, muito, muito. É muito mentiroso, mente muito.

**Pesquisadora:** Começam a acontecer coisas ruins com o Pinóquio, por ser desonesto, né. Na força do exemplo, o pai foi honesto e deu tudo certo, a história aconteceu no circo, quem já foi no circo?

**Criança C:** Eu

**Criança B:** Eu não fui no circo, Professora, mas eu já vi na TV, né?

**Criança E:** Eu fui 3 vezes no circo.

**Pesquisadora:** o que tem no circo?

**Criança C:** Elefante.

**Pesquisadora:** Antigamente tinha né, mas teve uns maus tratos a animais e proibiram. O que mais?

**Criança C:** Dançarinos.

**Criança B:** e também tem os palhaços, transformes, robôs.

**Pesquisadora:** Vamos para o circo para ter que sentimento?

**Criança B:** Para rir.

**Pesquisadora:** Para rir, nos divertir, quem já viu as mágicas?

**Criança C:** Eu.

**Pesquisadora:** Voltando para a historinha, o pai estava no circo e quis dar o exemplo positivo, por isso que a história se chama “A força do exemplo”. A criança teve o exemplo do pai, gostariam de falar mais sobre a história ou sobre o circo?

**Criança C:** O circo é colorido, amarelo, azul, vermelho, verde!

**Pesquisadora:** Vamos desenhar a história, Diego e Pedro, foram para o Circo com o pai ... vou dar uns minutinhos para vocês fazerem, ok?

**Pesquisadora:** Vamos começar.

**Criança B:** Eu fiz um circo, dois meninos e um homem.

(Crianças mostram os desenhos mas não querem falar).

**Pesquisadora:** Que desenhos bonitos, lindos, muito bem, mais alguém quer falar sobre o desenho, além de mostrar? (Silêncio).

**Pesquisadora:** Então, vamos ficar por aqui, e continuar pensando sobre o que conversamos hoje.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**APÊNDICE B - RODA DE CONVERSA N. 02 –TEMA: AMIZADE**

**TÍTULO DA PESQUISA:** FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DE RODAS DE CONVERSAS COM CRIANÇAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN.

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** ESP. ROSANA LOPES DOS SANTOS.

**PROFESSORA ORIENTADORA:** DRA. MARIA REILTA DANTAS CIRINO

- RODA DE CONVERSA 02 – TEMA: AMIZADE, LIVRO: Uma História Sobre Amizade-Quer Brincar Comigo? - Editora Culturama de Vanessa Alexandre.

(REALIZADA DE MANEIRA REMOTA PELO GOOGLE MEET:

- DATA: 14 DE MAIO DE 2021

- ESCOLA MUNICIPAL MARIA LEONOR CAVALCANTI/CAICÓ/RN

- NÍVEL 1º ANO IDADE DAS CRIANÇAS: 6 e 7 ANOS. NÚMERO DE CRIANÇAS PARTICIPANTES: 11

- PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA TURMA: Jaqueline Nunes da Silva Oliveira

- TEMPO DE ÁUDIO: 23:38

**Pesquisadora:** Boa tarde crianças, como estão?

**Criança A:** Bem.

**Pesquisadora:** Vamos ver uma historinha?

**Criança B:** Vamos.

Fizemos a contação da história do livro: *Uma História Sobre Amizade-Quer Brincar Comigo?* - Editora Culturama.

Luiz adorava jogar vídeo game, e ficava por isso muito dentro de casa, as crianças o chamavam para brincar, mas ele recusava, com o tempo as crianças pararam de chama-lo, um menino chamado Matheus se mudou para o bairro, ele não saía muito, pois achava que as outras crianças iam rir dele, Matheus usava um tênis especial, e sentia vergonha

por isso, e ficava sempre sozinho, Luiz resolveu sair de casa, viu Matheus só, e resolveu ir até a casa dele, além de jogar vídeo game, saíam, para brincar, em pouco tempo estavam enturmados, e felizes por não se sentirem sozinhos.

**Pesquisadora:** Pronto, agora vamos falar sobre a historinha? O que que vocês entenderam? Quem gostaria de falar?

**Criança A:** Está falando sobre amizade.

**Pesquisadora:** muito bem, sobre a amizade, o que é uma amizade?

**Criança D:** Jogar juntos vídeo game.

**Criança C:** amizade é quando duas crianças se juntam para brincar.

**Pesquisadora:** Muito bem!! E o que mais os amigos fazem além de brincar?

**Criança C:** Se divertem.

**Pesquisadora:** muito bem, e o que mais?

**Criança C:** Ajudar o outro.

**Pesquisadora:** Na história tinha Matheus e Luiz, Matheus achava que iam rir dele por ter um probleminha na perna, ele tinha vergonha, e o Luiz ajudou.

**Criança D:** Luiz gostava de jogar vídeo game.

Professora. Pois é a história fala de amizade e da importância de termos amigos, como já foi dito, por vocês um ajudou o outro.

**Criança C:** A amizade diverte, aprende.

Professora. e o que mais, no caso eles brincavam mais em casa?

**Criança C:** Em casa jogando vídeo game.

**Criança D:** Eles saíram.

**Pesquisadora:** Quais as brincadeiras que brincavam?

**Criança E:** Bola.

**Criança D:** Boneca.

**Criança A:** Pega Pega.

**Pesquisadora:** Matheus tinha vergonha do problema na perna, o que acham sobre isso?

**Criança E:** É uma pessoa normal, só que com uma doença.

**Criança C:** Eu já vi também, pessoa sem o braço, sem mão.

**Criança B:** Vi um amigo com o braço quebrado.

**Criança F:** Vi um rapaz com problema no olho.

**Pesquisadora:** No olho é que não consegue enxergar né, como o seu colega disse, é uma pessoa normal.

**Criança F:** O olho é diferente.

**Pesquisadora:** É estrábico?

**Criança F:** Isso, quando ele olha para mim ele também olha para lá, é no cérebro, na cabeça que faz ser assim, depois da cirurgia ele não ficou bom, mais melhorou mais.

**Pesquisadora:** Entendi, e tem gente que nasce assim, outros ficam com alguma deficiência durante a vida, pode acontecer, a gente não pode ter alguma coisa chamada preconceito né.

**Criança A:** É.

**Criança C:** Eu sou cheia de sinal desde pequena.

**Pesquisadora:** A história fala que não é porque você é diferente, que vai ser excluído, que não vai poder brincar, até porque todos somos diferentes, ninguém é igual.

**Criança B:** Minha mãe não é parecida com o meu pai, e nem eu, a cor dela é diferente da minha, papai é galego e eu também

**Pesquisadora:** Pois é, vocês são diferentes, todos nós somos, e temos que respeitar as diferenças.

**Pesquisadora:** Se amanhã ou depois, você quebra um braço, você quer brincar mesmo com o braço quebrado?

**Criança C:** É

**Pesquisadora:** A mesma coisa acontece se um colega chegar a sala de aula assim, pode acontecer a algum momento.

**Criança B:** Eu vou chamar ele para brincar.

**Pesquisadora:** Muito bem.

**Criança B:** Eu já sofri Bullying, tem gente que me chama de palito.

**Pesquisadora:** Pois é, não pode né, essa provocação é algo que não devemos fazer, pois não gostamos que façam com a gente e não devemos fazer com os outros, e sobre a

amizade, o que mais podemos falar? Podemos ser amigos, da nossa família, nossos irmãos pais e também dos colegas né.

**Criança E:** Ô tia deixa eu dizer um negócio, tem gente que não tem a perna, ai quando a pessoa não tem coloca a prótese, ai ela consegue andar, quando eu estudava era bem pequenininho, tinha 2 aninhos, um colega tinha, lá no externato tia Hilda, eu estudei 4 anos lá, ele não se levantava, eu não entendia por ser muito pequenininho.

**Pesquisadora:** 2 anos é muito pequenininho mesmo.

**Criança B:** Eu já machuquei minha perna no externato, no balanço.

**Pesquisadora:** Certo.

**Criança B:** Mãe me colocou na escola de manhã e eu não queria levantar, eu ficava com sono.

**Pesquisadora:** Você gosta de estudar a tarde?

**Criança B:** Mas se for algo que eu esteja ansiosa, querendo que aconteça, acordo cedo.

**Pesquisadora:** Alguém mais quer falar sobre a amizade ou diferenças?

**Criança H:** A amizade é bom, é legal, é ótimo para as crianças.

**Criança C:** Eu já vi um homem com uma perna diferente.

**Pesquisadora:** Você achou o que?

**Criança C:** Normal.

**Criança A:** Ou foi acidente ou queda.

**Pesquisadora:** Ou nasceu assim.

**Criança A:** É verdade, minha cachorrinha não consegue andar.

**Pesquisadora:** O que aconteceu?

**Criança A:** Acidente.

**Criança G:** Professora o meu primo tem 2 anos e nasceu com uma perna maior, que a outra, ele usa uma bota, também é normal, tem uma doença, esqueci o nome agora.

**Pesquisadora:** Verdade é normal, e como ele se sente? o menino da história.

**Criança C:** Triste.

**Criança J:** Vergonha de ir na rua.

**Pesquisadora:** Mas ele não precisava se sentir assim, né, então vamos continuar pensando sobre isso, e continuem agora com a professora Jaqueline, vamos encerrar a nossa experiência, até a próxima semana.

**Crianças:** Chau, beijo.

**Pesquisadora:** Thau, obrigada.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**APÊNDICE C - RODA DE CONVERSA N. 03 –TEMA: DIVERSIDADE**

**TÍTULO DA PESQUISA:** FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DE RODAS DE CONVERSAS COM CRIANÇAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN.

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** ESP. ROSANA LOPES DOS SANTOS.

**PROFESSORA ORIENTADORA:** DRA. MARIA REILTA DANTAS CIRINO.

- RODA DE CONVERSA 03 – TEMA: Diversidade, LIVRO: *Diversidade*, de Tatiana Belinky.

(REALIZADA DE MANEIRA REMOTA PELO GOOGLE MEET:

- DATA: 20 DE MAIO DE 2021

- ESCOLA MUNICIPAL MARIA LEONOR CAVALCANTI/CAICÓ/RN

- NÍVEL 1º ANO IDADE DAS CRIANÇAS: 6 e 7 ANOS. NÚMERO DE CRIANÇAS PARTICIPANTES: 14

- PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA TURMA: Jaqueline Nunes da Silva Oliveira

- TEMPO DE ÁUDIO: 26:57

**Pesquisadora:** Boa tarde crianças, como estão?

**Criança A:** Bem.

**Pesquisadora:** Vou compartilhar uma historinha com vocês, certo? Vamos prestar atenção, vamos lá:

Fizemos a contação da história do livro: *Diversidade* de Tatiana Belinky:

O livro é escrito em versos, e esses mostram que não basta reconhecer que as pessoas são diferentes. É preciso respeitar as diferenças, seja no aspecto físico, no comportamento ou na personalidade. Se todo mundo fosse igualzinho, o mundo não teria graça! Mas só reconhecer que as pessoas são diferentes não basta. É preciso respeitar as diferenças. E os versos de 'Diversidade' nos ensinam isso, que não há um jeito único de ser, tanto

fisicamente, como no comportamento, gostos, culturas e étnicas. Por exemplo: “Um é tranquilo outro é nervoso um é birrento outro dengoso, um é falante e outro calado”.

**Pesquisadora:** Então crianças, a história vai falar sobre o que?

**Criança A:** Diversidade.

**Pesquisadora:** E o que é diversidade pelo que vocês viram na história?

**Criança C:** Coisas iguais.

**Pesquisadora:** Será que é ser igual, ou diferente?

**Criança C:** É diferente.

**Criança D:** É diferente.

**Criança F:** É diferente.

**Pesquisadora:** E na história o que é diferente? (Silêncio).

**Pesquisadora:** E na nossa vida, como seriam as pessoas, elas são todas iguais?

**Criança D:** Diferentes.

**Criança F:** Diferentes.

**Criança G:** É diferente, um é magro.

**Criança D:** Tem gente gorda.

**Criança A:** Alto, magrinho.

**Pesquisadora:** Alto, baixo, verdade, tudo isso é a diversidade, os diferentes, como vocês mesmo falaram, todos nós somos diferentes. Quem assiste desenho?

Crianças: Eu.

**Pesquisadora:** Todo mundo aqui assiste né, muito bem, e quem gosta de assistir jornal?

**Criança D:** Eu.

**Criança A:** Eu não.

**Criança F:** Eu não.

**Criança G:** Eu não.

**Pesquisadora:** Criança gostar de assistir jornal é difícil né?

**Criança Q:** O tia eu gosto de jornal.

**Pesquisadora:** Sempre tem um ou outro que gosta né?

**Criança H:** Eu gosto de assistir jornal.

**Pesquisadora:** Mas geralmente quem gosta mais de assistir o jornal são os adultos, mas, você gosta mais de assistir jornal ou desenho?

**Criança H:** Os dois, as vezes vejo a noite ou a tarde, pelo youtube as reportagens do jornal.

**Pesquisadora:** Será que todos vocês gostam de jornal? Ou são diferentes?

**Criança A:** Não.

**Pesquisadora:** Nós temos coisas comuns, como por exemplo o desenho, que geralmente toda criança gosta, e coisas diferentes né, o que mais poderiam falar sobre a diversidade? ou respeitar, sabem o que é respeitar?

**Criança A:** Não chamar nome.

**Pesquisadora:** O que mais?

**Criança Q:** Falar alto.

**Criança A:** Brigar.

**Criança H:** É aceitar a diferença do outro.

**Pesquisadora:** Muito bem.

**Criança Q:** Eu não assisto muito desenho não, prefiro brincar eu brinquei hoje.

**Pesquisadora:** Brincou de que?

**Criança C:** Eu prefiro brincar.

**Criança A:** Eu prefiro assistir.

**Criança E:** Brinquei com a minha BB Alicia.

**Criança I:** Eu ligo a televisão ai, quando canso, brinco.

**Pesquisadora:** Tem alunos que gostam mais de brincar do que assistir, outros mais de assistir do que brincar, como acabaram de falar, por que será?

(Silêncio).

**Pesquisadora:** Será que é assim mesmo, ou todos deveriam ser iguais e também, deveriam gostar das mesmas coisas?

Crianças: Não.

**Pesquisadora:** Vocês podem maltratar os diferentes?

Crianças: Não.

**Pesquisadora:** Por que?

**Criança I:** Porque não é certo tratar as pessoas mau.

**Pesquisadora:** Muito bem, vocês gostam de serem tratados mau?

Crianças: Não.

**Pesquisadora:** A gente faz com as outras pessoas aquilo que a gente quer que façam com a gente né, então não posso falar de uma pessoa por exemplo, que gosta de assistir jornal e você não gosta, ai vamos respeitar né.

**Crianças:** Silêncio.

**Pesquisadora:** Sobre as diferenças da história, pessoas mais quietas, mais falantes, pessoas mais altas, mais baixas.

**Criança I:** Pessoas Preguiçosas.

**Pesquisadora:** Pessoas Preguiçosas e espertas. Diversidade é que é legal, todo mundo é diferente né.

**Criança A:** Menino e menina.

**Pesquisadora:** Outra diversidade né, na escola, sempre tem o colega que gosta de falar mais, e tem os mais quietos.

**Criança K:** Tem a mais paciente.

**Criança L:** Tem a mais gorda, mais magra.

**Criança H:** Tem a mais obediente.

**Pesquisadora:** Com Certeza. Como é para você brincar com um uma pessoa diferente, como por exemplo deficiente?

**Criança L:** Elas são normais iguais a gente só tem doença.

**Criança K:** Elas são espaciais.

**Pesquisadora:** Muito bem.

**Criança A:** Não devemos ter preconceitos com as pessoas.

**Criança Q:** Do mesmo Jeito ela é uma criança normal.

**Pesquisadora:** O que vocês gostam de fazer?

**Criança I:** Gosto de passar o dia brincando.

**Criança Q:** Só gosto de sair na sombra, não gosto de sair quando está muito sol, eu tenho um amigo bem pequenininho.

**Pesquisadora:** Certo.

**Criança I:** Só tenho contato com as pessoas da escola.

**Criança A:** Gosto de brincar de bola e de carro.

**Pesquisadora:** Gosta de brincar de que?

**Criança I:** Eu gosto de brincar de esconde esconde.

**Criança P:** Brinco metade de carrinho e de bola e metade de boneca, tem gente que me chama de metade menino, metade menina.

**Pesquisadora:** É normal, eu também brincava de todas as brincadeiras de menino com meu irmão, e não teve problema nenhum.

**Criança A:** Menino pode brincar de boneca e menina de bola.

**Pesquisadora:** Eu adorava brincar com meu irmão também.

**Criança L:** Gosto de bolinha de gude.

**Pesquisadora:** Eu adorava brincar com bolinha de gude, de bila que é o mesmo que bolinha de gude.

**Criança L:** Gosto de Bolinha de gude, é diferente de bila, bolinha de gude é de borracha o material da bila é diferente da borracha, bola de gude é isso, se jogar no chão ela não quica.

**Pesquisadora:** Eu sei que bolinha é essa que estão falando, são 2 diferentes.

**Criança K:** Gosto de bola de basquete.

**Criança S:** Posso pegar para você ver?

**Pesquisadora:** Pode, veio ligeiro, essa ai é a bila né?

**Criança S:** Eu acho que é.

**Criança L:** É uma bila.

**Pesquisadora:** A bila jogando no chão pode até quebrar e a bolinha de gude não quebra.

**Criança A:** Uma é como se fosse feita de vidro e a outra é de outro material.

**Pesquisadora:** O que mais brincam, será que todos gostam de brincar com as mesmas brincadeiras ou diferentes?

**Criança I:** Eu gosto de esconde-esconde e de pega, pega e ajuda ajuda.

**Pesquisadora:** Somos diversos até nas brincadeiras, temos também brincadeiras preferidas que muitas vezes vão ser diferentes do seu colega. E se por exemplo eu quiser brincar de bola de gude e a minha amiga de boneca, a gente vai brincar de que? como chegaremos a um consenso? Se você quer brincar de uma coisa e seu colega de outra, como vão resolver isso?

**Criança L:** Primeiro a gente brinca de uma brincadeira e depois de outra.

**Criança K:** Uma pessoa brinca de boneca, a outra de bila, bola...

**Criança T:** Brinco com as duas brincadeiras ao mesmo tempo.

**Pesquisadora:** Mas qual a que vai escolher brincar primeiro?

**Criança K:** Tanto faz.

**Pesquisadora:** Como você escolhe a brincadeira que vai brincar primeiro? A que gosta mais ou a do seu colega?

**Criança D:** Eu gosto de pique esconde.

**Pesquisadora:** A história falava também de brinquedo né, tem gente que gosta de um brinquedo, tem gente que gosta de outro, tem gente que gosta do claro e outras do escuro, tem menino tem menina, várias coisas diferentes né a diversidade.

**Criança P:** Gosto de brincar de sinuca.

**Pesquisadora:** É diferente essa brincadeira, muito bem.

**Criança S:** Os gêmeos são iguais?

**Criança A:** Não.

**Pesquisadora:** Até eles são diferentes, você tendo irmãos, e sendo criado pelos seus pais, vão ser diferentes dos seus irmãos, você e seus irmãos são iguais?

**Crianças:** Não.

**Pesquisadora:** Até com a mesma criação são diferentes, nossos amigos são diferentes, nossos irmãos, gostos.

**Criança S:** Eu tenho essa boneca aqui.

**Pesquisadora:** Eu tinha uma parecida.

**Criança S:** O nome dela é Tuca, nome estranho né.

**Pesquisadora:** Por que é Tuca?

**Criança S:** É o nome da marca dela.

**Pesquisadora:** Pensei que fosse o nome que tinha dado a ela.

**Criança S:** O nome dela é Alice.

**Pesquisadora:** Até nossos nomes são diferentes né? Vamos continuar pensando sobre isso e terminar por aqui essa experiência de pensamento, até o próximo encontro.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**APÊNDICE D - RODA DE CONVERSA N. 04 –TEMA: PERGUNTAS**

**TÍTULO DA PESQUISA:** FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DE RODAS DE CONVERSAS COM CRIANÇAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN.

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** ESP. ROSANA LOPES DOS SANTOS.

**PROFESSORA ORIENTADORA:** DRA. MARIA REILTA DANTAS CIRINO.

- RODA DE CONVERSA 04 – TEMA: PERGUNTAS. Mania de explicação, de Falcão, Adriana.

(REALIZADA DE MANEIRA REMOTA PELO GOOGLE MEET:

- DATA: 27 DE MAIO DE 2021

- ESCOLA MUNICIPAL MARIA LEONOR CAVALCANTI/CAICÓ/RN

- NÍVEL 1º ANO IDADE DAS CRIANÇAS: 6 e 7 ANOS. NÚMERO DE CRIANÇAS PARTICIPANTES: 12

- PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA TURMA: Jaqueline Nunes da Silva Oliveira

- TEMPO DE ÁUDIO: 25:54

**Pesquisadora:** Boa tarde crianças, como estão?

**Crianças:** Bem.

**Pesquisadora:** Vamos ver uma historinha?

**Criança G:** Vamos.

Fizemos a contação da história do livro: *Mania de explicação*, de Adriana Falcão.

O **livro** discorre sobre uma menina que queria simplificar o mundo com suas **explicações**, ela fazia perguntas e depois explicava cada coisa que lembrava, tinha uma **explicação** para cada coisa, as **explicações** dela era feita de uma forma infantil. O livro traz explicações poéticas, singelas para palavras complexas, como saudade,

angustia, vontade entre outras. São questões que uma menina tem em relação a vida, como por exemplo “Solidão é uma ilha com saudade de barco”.

**Pesquisadora:** Então vamos voltar, a historinha falava sobre o que?

**Crianças:** E.

**Pesquisadora:** Podem falar um de cada vez.

**Criança D:** Ela mudava tudo.

**Pesquisadora:** Ela mudava o que?

**Crianças:** Silêncio

**Pesquisadora:** O título já diz algo, mania de explicação, ela queria explicar o que?

**Criança C:** Ela explicava antes de acontecer.

**Pesquisadora:** e o que mais, alguém prestou atenção em alguma palavra? Ela explicou várias palavras, o que era alegria, o que era desespero, ela foi explicando para ela.

**Criança D:** A raiva é quando mostra os dentes, do cachorro.

**Pesquisadora:** Muito bem, a raiva é o cachorro quando mostra os dentes, verdade foi assim que ela disse que era a raiva, por que a raiva é um cachorro que mostra os dentes para ela?

**Criança D:** Porque ele está bravo.

**Criança E:** O amor é uma festa de aniversário no seu peito.

**Pesquisadora:** Tem até a foto do bolo né, o que significa uma festa de aniversário?

**Criança E:** Fica feliz.

**Pesquisadora:** Então amor é uma sensação tão boa que parece uma festa de aniversário que está dentro do peito, e a raiva é tão feroz que quando a gente está com raiva, para ela é um cachorro como aqueles que a gente passa no portão e querem pegar você.

**Criança F:** Tenho muito medo de cachorro.

**Pesquisadora:** Medo foi outra coisa que ela falou, ela falou sobre os sentimentos.

**Criança F:** Verdade.

**Pesquisadora:** A culpa é algo que a gente faz e deveria ter feito diferente, mas na quele momento geralmente não tinha nada que pudesse ser feito, como um leite que olhamos e num estante ao se distrair ele suja o fogão, sem a gente perceber, o que podemos é prestar

atenção para não repetir o mesmo ao invés de nos culparmos, para ela não adianta nos culparmos.

**Criança A:** É, uma dia minha avó colocou o leite para ferver e estava conversando, ai eu disse a ela vovó o leite.

**Pesquisadora:** Ela agora pode prestar mais atenção para fazer diferente né, a menina disse que o amor é uma festa de aniversário no peito, como já falaram ai, mas muitas vezes a menina não sabe explicar o que é o amor, a alegria é como um bloco de carnaval para a menina, quem já foi em um bloco?

**Criança B:** Eu só fui uma vez.

**Criança C:** Eu fui várias vezes.

**Pesquisadora:** É muito bom né, como a gente se sente quando está ali, no centro ou na escola?

**Crianças:** Silêncio

**Pesquisadora:** na escola tem carnaval?

**Crianças:** Sim.

**Pesquisadora:** Se eu perguntasse o que é amizade, igual perguntaram a menina, a amizade é o que?

**Criança E:** A amizade é fazer amigos.

**Criança B:** É quando se junta para brincar, fazer coisas.

**Pesquisadora:** Muito bem, coisas como o que?

**Criança B:** Jogar bola, fazer castelos de areia, conversar, estudar, brincar de pega pega.

**Pesquisadora:** O amigo ajuda o outro as vezes?

**Criança H:** É claro que sim, se não ninguém tinha nada, é bom ter amigos.

**Pesquisadora:** Ela falou uma palavrinha, falou o filósofo que ouviu falar?

**Criança C:** Não

**Pesquisadora:** A menina disse que o filósofo explica pensamentos, como ela estava explicando, filosofando, como o que estamos fazendo agora explicando os pensamentos, outra palavrinha apareceu indiferença, quem conhece?

**Criança A:** É uma coisa diferente das outras.

**Pesquisadora:** Sim a diferença é diferente das outras como nosso colega falou, e a indiferença alguém sabe?

**Criança A:** Não.

**Criança G:** A indiferença é quando nada está interessando a ela, por exemplo, ela está assistindo o jornal e não está prestando atenção porque é indiferente para ela, outra palavra angustia, e tristeza?

**Crianças:** Eu

**Criança J:** Tristeza é quando uma pessoa fica triste com a outra.

**Crianças:** Teve um dia que eu tive um periquito e ele morreu, que eu não lembro.

**Pesquisadora:** é triste mesmo, às vezes a gente quer fazer algo e não pode por algum motivo ai fica triste né.

**Criança A:** Eu sou desse jeito.

**Pesquisadora:** E é, e quando a gente fica alegre?

**Criança A:** Acabou de ganhar o animal que você queria.

**Pesquisadora:** Realizou algo que queria, pode ser realizando um sonho né.

**Criança J:** Comprar alguma coisa que a pessoa desejou.

**Pesquisadora:** Tem uns sonhos que são materiais né, por exemplo muita gente sonha com uma bicicleta né, mas as vezes não é só material de ter algo, pode ser pessoal, por exemplo eu sonho em terminar o ensino médio e entrar em uma faculdade, não precisou comprar nada para realizar, alguns sonhos são assim, outros precisamos comprar né, podemos sonhar em ter saúde ou que alguém fique bom. Voltando para a história, uma menina que explicava as palavras, sentimentos, como os filósofos que buscam vem explicar as coisas, como a menina falou na história, alguém gostaria de falar uma palavra?

**Crianças:** Silêncio.

**Pesquisadora:** Por exemplo o medo.

**Criança G:** Quando uma coisa acontece e a pessoa fica com medo.

**Pesquisadora:** Por exemplo.

**Criança G:** Medo de um bicho.

**Pesquisadora:** Por que temos medo de uns bichos e outros não temos?

**Criança J:** Quando vejo uma barata eu tenho medo.

**Pesquisadora:** Por que tenho medo de cobra e não tenho de coelho?

**Criança G:** Cobra é brava o coelho não é

**Criança B:** Coelho não morde.

**Pesquisadora:** Perigo também.

**Criança A:** Cobra é perigosa e o coelho não é.

**Criança J:** Mas também tem o coelho bravo.

**Pesquisadora:** É também tem gente que tem medo de coelho, é mais difícil que a cobra de ter, mas tem mesmo, porém é mais provável acontecer algo ruim perto de uma cobra que de um coelho, escorpião é perigoso também.

**Criança A:** Já vi uma cobra.

**Pesquisadora:** Pois é, o medo também envolve o perigo, tem pessoas que tem medo de altura.

**Criança A:** Uma cobra já apareceu aqui perto, mas não tentou invadir aqui não tentou invadir outra casa.

**Pesquisadora:** Aqui em casa já apareceu também.

**Criança A:** Mas essa cobra que tentou invadir, não conseguiu invadir.

**Pesquisadora:** Sim tá certo, então é isso crianças, vamos ficar por aqui e continuar pensando sobre isso.

**Crianças:** Tchau.

**Pesquisadora:** Tchau.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**APÊNDICE E - RODA DE CONVERSA N. 05 –TEMA: AMIZADE**

**TÍTULO DA PESQUISA:** FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DE RODAS DE CONVERSAS COM CRIANÇAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN.

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** ESP. ROSANA LOPES DOS SANTOS.

**PROFESSORA ORIENTADORA:** DRA. MARIA REILTA DANTAS CIRINO.

- RODA DE CONVERSA 05 – TEMA: AMIZADE, LIVRO: O pequeno Príncipe de Antoine de Saint Exupéry.

(REALIZADA DE MANEIRA REMOTA PELO GOOGLE MEET:

- DATA: 18 DE JUNHO DE 2021

- ESCOLA MUNICIPAL MARIA LEONOR CAVALCANTI/CAICÓ/RN

- NÍVEL 1º ANO IDADE DAS CRIANÇAS: 6 e 7 ANOS. NÚMERO DE CRIANÇAS PARTICIPANTES: 11

- PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA TURMA: Jaqueline Nunes da Silva Oliveira

- TEMPO DE ÁUDIO: 23:33

**Pesquisadora:** Boa tarde crianças, como estão?

**Criança A:** Bem.

**Pesquisadora:** Vamos ver uma historinha?

**Criança B:** Sim.

Fizemos a contação da história do livro: O pequeno Príncipe de Antoine de Saint Exupéry

Ao longo da história, o Pequeno Príncipe vai narrando as suas aventuras para o protagonista. O jovem estaria a procura de um carneiro para comer as árvores que estariam crescendo em excesso em sua terra, um asteroide conhecido por B 612, que teria apenas uma rosa vermelha e três vulcões, sendo um deles inativo. Ao ouvir as aventuras

do Pequeno Príncipe, o protagonista vai percebendo como as pessoas deixam de dar valor as pequenas coisas da vida conforme vão crescendo. Ao longo da aventura o príncipe conhece alguns personagens, que tem muito a ensinar para o garoto e para nós, leitores. Nessa viagem o príncipe loiro não desiste de fazer perguntas, sobre o cotidiano e a vida, com reflexões sobre amizade, amor, solidão, ou seja, questões humanas.

**Pesquisadora:** A História se chama o Pequeno príncipe, o que acham que é o desenho?

**Criança A:** Um chapéu.

**Pesquisadora:** Muito bem.

**Criança D:** Uma montanha.

**Criança C:** Uma cobra.

**Criança C:** Um elefante.

**Criança A:** Uma cobra que engoliu um elefante.

**Pesquisadora:** muito bem, uma cobra que engoliu um elefante, ele disse que é uma criança e crianças tem muita imaginação, vocês acham que uma cobra pode engolir um elefante?

**Criança C:** Não

**Criança D:** Sim.

**Pesquisadora:** Por que?

**Criança E:** Porque o elefante é muito grande.

**Pesquisadora:** Então é uma imaginação né, ele disse que parou de desenhar por que as pessoas grandes não entendiam o significado do desenho dele, alguma vez vocês já fizeram um desenho e não entenderam, ou seja, você teve que dizer o que era seu desenho, porque não entenderam o que desenhou, como por exemplo desenhou uma boneca e acharam que foi uma pessoa.

**Criança E:** Eu já.

**Pesquisadora:** Geralmente a gente faz isso quando faz um desenho, faz o desenho e explica o que fez né!

**Pesquisadora:** Então foi o que o pequeno príncipe fez, depois pediram para ele desenhar um carneiro, ai como ele desenhou o carneiro, por não saber ele teve a ideia de desenhar uma caixa, tentou fazer algumas vezes, depois disse da última vez que estava dentro da caixa, ele vivia em um mundo pequenininho, que nesse mundo tem, a melhor amiga a rosa, e lá nasceu uma planta bem grande, e se ele não conseguisse destruir essa planta que

crescia, ela ia destruir o mundinho dele, ai começa a viagem dele, para tenta rachar algo ou alguém que pudesse ajudar com a planta.

**Pesquisadora:** Quem gosta de desenhar, e desenharam mais o que?

**Crianças:** Eu.

**Criança C:** Crianças.

**Pesquisadora:** Na hora que está desenhando as pessoas sabem o que está desenhando ou só depois que contar?

**Criança B:** só depois que eu falo entendem.

**Pesquisadora:** Muito bem.

**Pesquisadora:** Falando mais do desenho do pequeno príncipe.

**Criança E:** Eu me lembro da flor.

**Pesquisadora:** A flor era o que do pequeno príncipe?

**Criança B:** Era amiga.

**Pesquisadora:** Eram amigos muito bem.

**Criança B:** No planeta.

**Pesquisadora:** o que mais tinha na história?

**Criança H:** A raposa.

**Criança C:** O vulcão.

**Criança C:** O planeta.

**Pesquisadora:** O que ele queria com os personagens, com a raposa, com o rapaz dos livros.

**Criança A:** Amigos

**Criança B:** Amigos.

**Criança G:** Fazer amigos.

**Pesquisadora:** A rosa cativava, além de amiga era como se a rosa fosse alguém da família dele né, por exemplo os nossos pais vão cuidar, cativar... já observaram isso.

**Crianças:** Silêncio.

**Pesquisadora:** O pequeno príncipe como vocês falaram, estava buscando novas amizades, achou um rei que vivia sozinho, e eles falaram algo? Ele foi amigo dele?

**Crianças:** Não.

**Criança B:** Ele queria fazer tudo que ele estava mandando.

**Pesquisadora:** E o que mais.

**Criança G:** Ele encontrou a raposa.

**Pesquisadora:** Sim ele encontrou depois a raposa, mas primeiro ele encontrou esse rapaz, queria fazer amizade com ele pela roupa que ele vestia, vaidoso.

**Criança B:** E tinha o velhinho que gostava de ler.

**Criança A:** E ele deu um abraço na flor.

**Pesquisadora:** Por que será que ele voltou, depois de conhecer tantos personagens, para dar um abraço na flor?

**Criança B:** Porque ele não gostou de ser amigo.

**Criança A:** Porque ele estava com saudades da flor.

**Pesquisadora:** A flor era a primeira amiga, como se fosse da família, e não conseguiu substituir a flor, a flor para ele poderia ser como uma mãe ou um pai que não substitui, por mais que faça amigos, a gente sempre volta para a família, amigos que são como família.

**Criança A:** Primeiro ele conheceu o rei.

**Pesquisadora:** Sim o rei que vivia sozinho, depois conheceu o senhorzinho dos livros e a raposa.

**Criança A:** Ela logo a raposa depois o senhor.

**Pesquisadora:** Sim, depois ele lembrou da flor, voltando para o planeta e protegendo a flor, ele colocava ela numa redoma, tinha muito cuidado, porque o planeta era bem pequenininho ai só tinha ele e a flor, é como se fosse uma família de duas pessoas, como mãe e filho, tem famílias que são assim pequenas, outras são grandes, são vários os tipos das famílias.

**Criança C:** Ele gosta da flor.

**Criança B:** Também era a amiga dele.

**Pesquisadora:** Porque ele gosta tanto da flor?

**Criança C:** Porque ela foi a primeira amiga dele.

**Criança B:** Os novos amigos dele não eram tão legais.

**Pesquisadora:** O que ele fazia com a flor?

**Criança A:** Ele regava?

**Criança B:** Brincava com a flor.

**Pesquisadora:** Verdade, mais alguma coisa?

Crianças: Silêncio.

**Pesquisadora:** Não então a gente encerra por aqui, e continuemos a pensar sobre isso!



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**APÊNDICE F - RODA DE CONVERSA N. 06 –TEMA: AMOR**

**TÍTULO DA PESQUISA:** FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DE RODAS DE CONVERSAS COM CRIANÇAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN.

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** ESP. ROSANA LOPES DOS SANTOS.

**PROFESSORA ORIENTADORA:** DRA. MARIA REILTA DANTAS CIRINO.

- RODA DE CONVERSA 06 – TEMA: AMOR, LIVRO: O QUE É O AMOR.

(REALIZADA DE MANEIRA REMOTA PELO GOOGLE MEET:

- DATA: 9 DE JULHO DE 2021

- ESCOLA MUNICIPAL MARIA LEONOR CAVALCANTI/CAICÓ/RN

- NÍVEL 1º ANO IDADE DAS CRIANÇAS: 6 e 7 ANOS. NÚMERO DE CRIANÇAS PARTICIPANTES: 11

- PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA TURMA: Jaqueline Nunes da Silva Oliveira

- TEMPO DE ÁUDIO: 13:01 (a experiência foi interrompida pela profesora titular )

**Pesquisadora:** Vamos ver uma historinha?

**Criança B:** Sim.

Fizemos a contação da história do livro: *O que é o amor?* De Roberta Castro.

Numa sala de aula uma criança perguntou a professora, o que é o amor? Como já estava na hora do recreio, pediu a cada aluno que desse uma volta pelo pátio da escola e trouxesse o que mais despertasse nele o sentimento do amor, as crianças voltaram e foram mostrando o que trouxeram consigo, a primeira criança disse, eu trouxe essa flor, a segunda uma borboleta a terceira criança trouxe um filhote de passarinho que havia caído do ninho junto com outro irmão, e foram mostrando o que trouxeram, mas a Alice nada havia trazido, ela disse desculpe professora, vi a flor mas não quis arrancá-la, vi a borboleta mas não tive coragem de aprisioná-la, vi o passarinho caído e o devolvi ao ninho. Trago comigo, o perfume da flor, a sensação de liberdade da borboleta e a gratidão que vi aos olhos da mãe do passarinho, ao devolvê-lo ao ninho. Os sentimentos que senti, mas não posso mostrá-los, e ganhou nota máxima, pois foi a única que entendeu que trazemos o amor como um sentimento e não uma coisa material.

**Pesquisadora:** Voltamos, então essa história fala sobre o que, quem gostaria de falar?

**Criança A:** Eu.

**Pesquisadora:** Sim pode dizer.

**Criança D:** Tinha uma borboleta.

**Pesquisadora:** Sim tinha uma borboleta, mas qual o tema da história?

**Criança C:** O amor.

**Pesquisadora:** Sim, o amor, e o que é o amor na história?

**Criança E:** O amor é um sentimento que a gente sente pelas pessoas.

**Pesquisadora:** Muito bem, e o que mais, será que o amor está nas coisas ou nos sentimentos.

**Crianças:** É um sentimento.

**Pesquisadora:** Por exemplo o amor, a tristeza, a alegria são sentimentos, por exemplo amamos os nossos pais, tem gente que tem amor a um animalzinho, necessariamente as coisas, mas as crianças da história trouxeram coisas, algo que se pode pegar, como os bichinhos.

**Criança A:** Borboleta.

**Criança C:** Passarinho.

**Pesquisadora:** A flor.

**Criança B:** Borboleta e rosa.

**Pesquisadora:** Isso, essas que trouxeram isso será que entenderam o que é o amor.

**Criança E:** Entenderam.

**Criança B:** Não.

**Pesquisadora:** Ele não se preocupou com a borboleta, nem em devolver o passarinho para o ninho, e levou para a escola, parece que não pensaram na mãe do passarinho, mas no final alguém não trouxe nada, uma menina.

**Criança B:** A Alice.

**Pesquisadora:** A Alice trouxe o que?

**Criança H:** Nada.

**Pesquisadora:** Por que será que ela não trouxe nada?

**Criança A:** Porque ela trouxe só o amor.

**Criança B:** Não ela devolveu, porque queria devolver ara as mães os passarinhos, a borboleta, deixar a borboleta no mundo.

**Pesquisadora:** Liberdade da borboleta, ela não trouxe nada, mas será que não foi nada?

**Criança B:** Ela trouxe um sentimento.

**Pesquisadora:** Parabéns, por que ela trouxe o sentimento?

**Criança G:** Por que ela não queria deixar uma família sem filho.

**Pesquisadora:** Muito bem, ela não quis deixar a família faltando alguém, o amor ela não trouxe em coisas ou bichos, trouxe nas atitudes e no sentimento como você falou, em uma parte a história diz que ela trouxe a gratidão da mãe do passarinho.

**Pesquisadora:** Por que a mãe do passarinho ficou como?

**Criança B:** Feliz.

**Pesquisadora:** Ela trouxe a liberdade da borboleta, a gratidão da mãe do passarinho, e nada físico, deixou tudo na natureza, pensou mais no bichinho do que nela, por que poderia prejudicar ela não levar nada.

**Criança A:** Eu não queria que ninguém tirasse eu da minha mãe.

**Pesquisadora:** Pois é, não devemos fazer com o outro o que não quer que faça com a gente, da mesma forma que você não queria sair da sua família, você não deve tirar alguém da família.

**Criança A:** Nois (sic) gosta da família.

**Criança C:** A gente ama a nossa família.

**Pesquisadora:** E algumas crianças não tem família.

**Criança C:** Já vi na novela que minha vó assiste.

**Pesquisadora:** E como é lá?

**Criança A:** Tem o orfanato.

**Pesquisadora:** Voltando para a história, então o amor está no sentimento né.

**Criança A:** Sim.

**Pesquisadora:** Vamos ficar por aqui e continuar pensando sobre isso. (a professora pediu para não falar da temática pois tinham alunos em situação de abandono, então finalizamos a experiência).



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**  
**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**APÊNDICE G - RODA DE CONVERSA N. 07 –TEMA: AMOR**

**TÍTULO DA PESQUISA:** FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DE RODAS DE CONVERSAS COM CRIANÇAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN.

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** ESP. ROSANA LOPES DOS SANTOS.

**PROFESSORA ORIENTADORA:** DRA. MARIA REILTA DANTAS CIRINO.

- RODA DE CONVERSA 07 – TEMA: AMOR, LIVRO: *O coração e a garrafa*, de Oliver Jeffers.

(REALIZADA DE MANEIRA REMOTA PELO GOOGLE MEET:

- DATA: 16 DE JULHO DE 2021

- ESCOLA MUNICIPAL MARIA LEONOR CAVALCANTI/CAICÓ/RN

- NÍVEL 1º ANO IDADE DAS CRIANÇAS: 6 e 7 ANOS. NÚMERO DE CRIANÇAS PARTICIPANTES: 11

- PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA TURMA: Jaqueline Nunes da Silva Oliveira

- TEMPO DE ÁUDIO: 35:48

**Pesquisadora:** Boa tarde crianças, como estão?

**Criança A:** Bem.

**Criança B:** Estávamos falando sobre férias.

**Pesquisadora:** O que fazemos quando estamos nas férias?

**Criança B:** Coisas de férias, como ir para a praia.

**Criança D:** Brinca.

**Pesquisadora:** Legal, o livro de hoje vai contar a historinha o coração e a garrafa, que vocês já devem conhecer, lembram?

**Criança D:** Não, nem sei que história é essa.

**Pesquisadora:** Contamos no projeto, talvez quando forem vendo o vídeo vão lembrando, vou compartilhar.

Fizemos a contação da história do livro: *O coração e a garrafa*.

Conta a história de “uma menina, não muito diferente das outras, que queria saber tudo o que havia para saber acerca do mundo”. A sua vida corria sobre rodas, com cada dia a ameaçar ser melhor do que o anterior, até que se depara com uma cadeira vazia. história ela era muito curiosa, ela fez muitas perguntas ao avó, como o porquê não respiramos de baixo da água, perguntou sobre os planetas e estrelas, era uma criança curiosa, mas aconteceu algo que a fez parar de perguntar e tinha uma cadeira vazia, que representava alguém que se foi. Perguntava e perguntava e ela se viu com a cadeira vazia e ficou triste e parou de perguntar e colocou o coração na garrafa, depois uma pessoa tira o coração da garrafa e a menina se recuperou voltando a perguntar.

**Pesquisadora:** O que acham?

**Criança A:** Travou um pouco.

**Criança B:** Tinha a parte da garrafa.

**Pesquisadora:** Muito bem, vou explicar a história, a parte da garrafa que você falou, era a parte que ela estava tentando tirar o coração da garrafa, ai ela fez várias coisas para tirar o coração da garrafa

**Criança D:** Aqui não travou.

**Criança C:** Eu escutei.

**Pesquisadora:** Ela colocou a tesoura para tentar tirar né, fez várias coisas para tirar o coração da garrafa, mas só uma coisa fez com que ela conseguisse tirar, e não foi ela foi outra pessoa.

**Criança C:** A menina.

**Pesquisadora:** A menina, muito bem, essa história fala sobre o que?

**Criança E:** O coração.

**Pesquisadora:** Por que ela colocou o coração na garrafa?

**Criança A:** Para guardar o coração.

**Pesquisadora:** e por que ela queria guardar o coração Guardar?

**Criança C:** Na verdade o coração já estava guardado dentro de nós.

**Pesquisadora:** Muito bem, por que ele escolheu uma garrafa e não outro objeto, para guardar o coração?

**Criança B:** Porque a garrafa é única para guardar.

**Pesquisadora:** Muito bem.

**Pesquisadora:** No início da história ela era muito curiosa, ela fez muitas perguntas ao avó, como o porquê não respiramos de baixo da água, perguntou sobre os planetas e estrelas, era uma criança curiosa, mas aconteceu algo que a fez parar de perguntar e tinha uma cadeira vazia, que representava alguém que se foi, e ela fazia muitas perguntas vocês gostam de fazer perguntas?

**Criança E:** Sim.

**Pesquisadora:** Qual pergunta?

**Criança E:** Não sei.

**Pesquisadora:** Por que eu acho que o sol é amarelo?

**Criança B:** Porque ele não para de brilhar.

**Pesquisadora:** Será que o céu é azul ou eu acho que é azul?

**Criança B:** Eu também acho que é azul.

**Pesquisadora:** É azul ou é vermelho?

**Criança D:** É azul.

**Pesquisadora:** Será que existe um céu vermelho?

**Criança B:** Acho que não, mas a noite pode ter um eclipse e pode ser que fique vermelho, teve um dia que a lua estava mais amarela do que nunca.

**Pesquisadora:** Eu já vi também, quando você viu você se perguntou, por que será que está acontecendo isso?

**Criança B:** Perguntei não só fiz olhar.

**Pesquisadora:** A menina da história fazia muitas perguntas, perguntava sobre as plantas, tinha muita curiosidade, quando a gente começa a aprender, muitas vezes começa a perguntar também, e ter curiosidade.

**Criança B:** A planta vem de onde, vem do mato?

**Pesquisadora:** Vou responder com outra pergunta, será que só tem planta no mato, temos planta em casa também?

**Criança C:** Não tem planta na água também, a alga que fica no mar.

**Pesquisadora:** Verdade no fundo do mar tem planta também, interessante né.

**Criança A:** Não é a alga se diz água.

**Pesquisadora:** No caso ele está falando de uma planta que se chama alga.

**Criança C:** Alga marinha.

**Pesquisadora:** Todos já pensaram sobre isso, das plantas no fundo do mar, conheciam?

**Criança B:** Sabia.

**Criança D:** Sabia.

**Criança A:** Não sabia.

**Criança F:** A alga do mar.

**Pesquisadora:** A menina queria saber mais sobre o universo, sobre as plantas e acho que todo mundo é um pouco como essa menina, como aprenderam sobre as plantas?

**Criança C:** Eu não aprendi na escola eu já sabia.

**Pesquisadora:** Pois é teve a curiosidade para aprender sobre isso, queria saber mais, voltando a história, a menina perguntava, perguntava e perguntava e ela se viu com a cadeira vazia e ficou triste e parou de perguntar e colocou o coração na garrafa. Quem seria a criança que fez ela voltar a perguntar?

**Criança C:** Uma amiga.

**Criança B:** Uma irmã.

**Criança D:** Uma filha.

**Criança E:** Uma avó.

**Criança A:** O avô.

**Pesquisadora:** Os avós podem ter o Coração de menino é verdade, por que a menina poderia ser o avó?

**Criança A:** Meus avós brincam comigo, quando vem para cá.

**Pesquisadora:** Brincam de que?

**Criança A:** Bola, esconde esconde, pega pega, é muito legal.

**Pesquisadora:** Bacana né, vamos continuar pensando sobre isso, e agora fiquem coma professora de vocês.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PROPEG  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA**

**APÊNDICE H - RODA DE CONVERSA N. 08 –TEMA: FELICIDADE**

**TÍTULO DA PESQUISA:** FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DE RODAS DE CONVERSAS COM CRIANÇAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN.

**PESQUISADORA RESPONSÁVEL:** ESP. ROSANA LOPES DOS SANTOS.

**PROFESSORA ORIENTADORA:** DRA. MARIA REILTA DANTAS CIRINO.

- RODA DE CONVERSA 08 – TEMA: FELICIDADE, LIVRO: De onde vem a alegria de Flávio Columbini.

(REALIZADA DE MANEIRA REMOTA PELO GOOGLE MEET:

- DATA: 21 DE JULHO DE 2021

- ESCOLA MUNICIPAL MARIA LEONOR CAVALCANTI/CAICÓ/RN

- NÍVEL 1º ANO IDADE DAS CRIANÇAS: 6 e 7 ANOS. NÚMERO DE CRIANÇAS PARTICIPANTES: 11

- PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA TURMA: Jaqueline Nunes da Silva Oliveira

- TEMPO DE ÁUDIO: 30:09

**Pesquisadora:** Boa tarde crianças, como estão?

**Crianças:** Boa tarde.

**Pesquisadora:** Vamos ver uma historinha?

**Crianças:** Sim.

Fizemos a contação da história do livro: *De onde vem a alegria?*

Livro de rimas, exemplo, “a alegria vem de brincar e brincar todo dia, vem de acordar cedo e ir à escola, de brincar de um brinquedo e jogar bola”. Já parou pra pensar de onde ela vem? Este livro, tem rimas, e belas ilustrações e mostra o que uma criança pode fazer

para sentir muita alegria, fazer o bem, brincar, ajudar, comer, cantar, dançar, saber e aprender, pular, abraçar, entre outros.

**Pesquisadora:** O texto fala de onde vem a alegria, e de onde vem a alegria?

**Criança A:** Eu sei, de correr.

**Criança D:** De brincar.

**Pesquisadora:** Brincar de que?

**Criança D:** Esconde esconde, Pega pega.

**Criança B:** Pular.

**Criança E:** Andar de bicicleta.

**Criança A:** Brincar de carrinho e skate.

**Pesquisadora:** É bom a gente fica alegre quando brinca né?

**Criança C:** Gosto de jogar vídeo game.

**Criança B:** Gosto de jogar no celular.

**Pesquisadora:** Joga o que?

**Criança B:** Jogo de carro, só posso olhar celular no sábado.

**Pesquisadora:** Por que tem que fazer outras coisas na semana né?

**Pesquisadora:** Na história tinha assim, que temos alegria quando rimos de coisas engraçadas, por exemplo, podemos assistir coisas engraçadas, ou quando vamos no circo.

**Criança A:** Eu já fui 2 vezes, gostei muito.

**Criança H:** Sabe o que eu acho engraçado é Maria Clara e Lucas neto.

**Pesquisadora:** Eles são youtubes né.

**Criança A:** São.

**Pesquisadora:** Eu conheço esse último, meus alunos já falaram nele, e o que eles fazem que é engraçado?

**Pesquisadora:** Ele tem um susto.

**Criança G:** Ele toma susto com qualquer coisa

**Criança C:** Eu já fui muitas vezes no circo, mas a apresentação que eu mais gostei foi a dos transformes, carro que se transforma em robô.

**Criança B:** Acho engraçado o palhaço.

**Pesquisadora:** Eles são muito engraçados mesmo.

**Criança A:** Eu assistia muito desenho, agora assisto mais filme e anime

**Pesquisadora:** Qual o seu favorito?

**Criança A:** Naruto.

**Criança B:** Naruto também.

**Pesquisadora:** O que faz você ficar Feliz?

**Criança C:** Eu fico Feliz quando eu brinco no parque, as vezes no sábado e no domingo eu vou.

**Pesquisadora:** É aquele lá da ilha?

**Criança C:** É.

**Criança B:** Quando eu fui para o parque de diversões eu dei um mortal.

**Criança A:** Gosto de brincar de bicicleta.

**Pesquisadora:** Era na cama elástica né?

**Criança C:** Eu consigo dá um mortal no trampolim e cair em pé.

**Pesquisadora:** E em casa?

**Criança A:** Eu gosto de jogar.

**Criança C:** Quase não tem ninguém na minha casa para brincar comigo.

**Criança D:** Eu brinco de sinuca.

**Criança B:** Eu brinco sozinho.

**Pesquisadora:** É bom né.

**Criança A:** Eu tenho as cartas do jogo da memória.

**Pesquisadora:** Na história ele fala em ajudar, alguém ajuda aos pais, por exemplo nos afazeres da casa.

**Criança C:** Arrumo meu quarto.

**Criança A:** Não gosto muito não.

**Criança B:** Ajudo a arrumar a roupa e espanar a casa.

**Criança E:** Ajudo em lavar os pratos.

**Pesquisadora:** Muito bem.

**Criança C:** Também ajudo em lavar os pratos.

**Criança A:** Em lavar o carro.

**Criança F:** Faço purê.

**Pesquisadora:** O texto vai falar sobre alegria, então o que é que a gente faz que a gente tem alegria, então a gente já falou em brincar, ajudar, pular, dançar, comer.

**Criança A:** Eu gosto de batata frita.

**Criança C:** Eu gosto de filé.

**Criança D:** Eu gosto de frango assado e peixe.

**Criança E:** Tapioca e linguiça e paçoca.

**Pesquisadora:** É gostoso mesmo.

**Criança A:** Também gosto de peixe e suco de laranja

**Criança C:** Pudim açaí e sorvete.

**Criança H:** Chocolate e morango.

**Criança I:** Brigadeiro e torrada.

**Criança B:** Dimdim, sorvete e picolé.

**Pesquisadora:** Tem gente que prefere mais o doce e outras pessoas o salgado depende da pessoa né, mas por que gostamos das comidas?

**Criança A:** Minha mãe parece que tem um buraco na barriga, toda vez que ela come depois quer comer outra coisa.

**Pesquisadora:** E você como muito?

**Criança E:** Um pouquinho só.

**Criança D:** Eu prefiro salgado.

**Criança F:** Eu prefiro o doce

**Criança G:** Eu também Eu prefiro o doce, todinho.

**Criança D:** Minha mãe disse que doce estraga os dentes

**Pesquisadora:** Mas tem que escovar os dentes.

**Criança C:** Eu escovo, mas não gosto muito não.

**Criança A:** Eu gosto de escovar os dentes, mas tomar banho, vivo escapando.

**Pesquisadora:** Por que escapa é tão bom tomar banho?

**Criança A:** Preguiça de tudo.

**Criança C:** Tive que arrancar 2 dentes.

**Criança E:** Já tive que fazer canal.

**Pesquisadora:** Tem coisas que mesmo que a gente não goste tem que fazer, por exemplo escovar os dentes, tem que pensar no benefício daquela atitude, assim, vai ter os dentes todos, quando tiver sem vontade lembre que não vai ter que fazer canal, nem arrancar os dentes. Mais alguma coisa sobre a felicidade? E tão é isso, vamos continuar pensando sobre isso, eu agradeço e terminamos por aqui nossas experiências de pensamento, thau!

**Crianças:** Chau.

# **ANEXOS**

## ANEXO 1 – CARTA DE ANUÊNCIA

  
**Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti**  
 Ensino Fundamental e Infantil  
 Rua Imã Crescência, 10 - Bairro Nova Descoberta - Cató - RN  
 Rua da Cidade 891/1991 Data 07/01/1981 Diário Oficial nº 5.363

**Estado do Rio Grande do Norte**  
**Prefeitura Municipal de Cató**  
**Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti**  
 Educação Infantil e Ensino Fundamental  
 Rua Imã Crescência, 10 - Bairro Nova Descoberta  
 Ato de criação 001/181 Data 07/01/1981 Diário Oficial 5.363  
 Autorização 297/82 de 15/07/82

**CARTA DE ANUÊNCIA**

Eu, **Maria da Conceição de Araújo**, inscrita no CPF 474.367.944 -34), representante legal da Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti, localizada no endereço: rua Imã Acrescência, 10, Bairro Nova Descoberta, Cató-RN, CEP: 59300-000, venho através deste documento, conceder a anuência para a realização da pesquisa intitulada: "Filosofia com crianças: experiências de pensamento e possibilidades para experimentar o pensar a partir das rodas de conversas em escola da educação básica no município de Cató/RN", ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO, Núcleo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, sob a responsabilidade da mestrande Rosana Lopes dos Santos e orientada pela Prof. Dra. **Maria Rejila Dantas Cirino**.

A pesquisa 08 (oito) rodas de conversas - (experiências de pensamento) será realizada na Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti de maneira remota, com as crianças do 1º (primeiro) e 2º (segundo) ano do Ensino Fundamental, através do Google Meet e terá a presença da professora titular **Jaqueline Nunes da Silva Oliveira**.

Declaro conhecer e cumprir as resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/12 e suas complementares. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades, como instituição participante do presente projeto de pesquisa e de seu cumprimento no resguardo da segurança e bem estar dos (as) participantes de pesquisa nela recrutados (as), dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue abaixo:

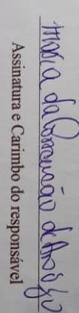
- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução 466/12 CNS/MS;
- 2) A garantia do (a) participante em solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Liberdade do (a) participante de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalidade ou prejuízos.

  
**Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti**  
 Ensino Fundamental e Infantil  
 Rua Imã Crescência, 10 - Bairro Nova Descoberta - Cató - RN  
 Rua da Cidade 891/1991 Data 07/01/1981 Diário Oficial nº 5.363

**Estado do Rio Grande do Norte**  
**Prefeitura Municipal de Cató**  
**Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti**  
 Educação Infantil e Ensino Fundamental  
 Rua Imã Crescência, 10 - Bairro Nova Descoberta  
 Ato de criação 001/181 Data 07/01/1981 Diário Oficial 5.363  
 Autorização 297/82 de 15/07/82

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consultado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Cató – RN, 16 de novembro de 2020

  
 Assinatura e Carimbo do responsável

**Maria da Conceição de Araújo**  
 Representante Legal  
 CPF: 474.367.944-34

**ANEXO 02**  
**TERMO ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE (Para pais ou responsáveis de alunos menores de idade) Esclarecimentos Este é um convite para você participar do projeto “FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DAS RODAS DE CONVERSAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN” vinculado ao Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO, Núcleo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, sob a responsabilidade da mestranda Rosana Lopes dos Santos e orientada pela Prof. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino. Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. A pesquisa (08 (oito) rodas de conversas - (experiências de pensamento) será realizada na Escola Municipal Maria Leonor Cavalcanti de maneira remota, com as crianças do 1º (primeiro) e 2º (segundo) ano do Ensino Fundamental, através do Google Meet e terá a presença da professora titular Jaqueline Nunes da Silva Oliveira. Declaro que fui devidamente esclarecido (a) quanto ao objetivo geral: Essa pesquisa tem por objetivo geral: Compreender e intervir a partir de rodas de conversas com crianças, do 1º (primeiro) e 2º (segundo) anos do Ensino Fundamental, na escola de educação básica, no município de Caicó/RN, como possibilidade de criação das condições para que ocorra a experiência do pensar na sala de aula. Quanto aos objetivos específicos: 1) Investigar o conceito de experiência e suas contribuições para o desenvolvimento do pensar infantil; 2) Criar as condições para o desenvolvimento de experiências de pensamento com crianças a partir dos fundamentos teóricos e da prática de filosofia com crianças coordenada por Walter Omar Kohan no Brasil; 3) Desenvolver em rodas de conversas em uma escola de Educação Básica de Caicó/RN, possibilidades de aperfeiçoamento do pensar com crianças, através de experiências de pensamento em rodas de conversas. Pág. 01/04 Quanto aos procedimentos que serei submetido, você participará de 08 (oito) rodas de conversas (experiências de pensamento) de maneira remota através do Google Meet, as quais serão gravadas, que serão diálogos pós histórias, infantis que tenham o potencial de provocar o pensamento das crianças. Na experiência de pensamento, cada um fala na sua vez, na modalidade remota, todos manterão o microfone desligado em atenção a quem está falando e cada um (a) aguardará sua vez de abrir o microfone e falar. Nas 08 (oito) rodas de conversas (experiências de pensamento), partiremos da contação de uma história. O critério de escolha da história é que a mesma primeiro nos toque e provoque em nós o desejo de pensar junto com as crianças; a história deve ser potencial, força para provocar o pensar infantil na perspectiva de criar as condições para uma experiência de pensamento. Logo em seguida à história, iniciaremos nosso diálogo com as crianças, posteriormente, podemos pedir que desenhem algo que acharam interessante, e/ou ao final podemos trazer um vídeo relacionado ao tema em questão. Ao final (suspensão da experiência), retomamos com as crianças os aspectos mais relevantes da experiência de pensamento, visando perceber seus entendimentos. As 08 (oito) rodas de conversas (experiências de pensamento) gravadas serão transcritas e analisadas pela pesquisadora, preservando-se a identidade dos (as) envolvidos (as) e subsidiando a elaboração e publicação do texto final da pesquisa (dissertação), comprovando ou refutando nossa hipótese de pesquisa. Os dados da pesquisa (gravações, transcrições) serão guardados sob responsabilidade da pesquisadora. As 08 (oito) rodas de conversas (experiências

de pensamento) serão gravadas em áudio. As gravações serão ouvidas pela pesquisadora e marcadas com um número de identificação, assegurando sigilo e que não haverá identificação dos nomes dos (as). Em seguida serão transcritas, usadas na pesquisa e arquivadas em um pen drive e guardada na casa da pesquisadora. Você terá direito à indenização e ressarcimento (sob a responsabilidade da pesquisadora responsável), por eventuais danos ou gastos decorrentes da pesquisa. Os riscos da pesquisa serão minimizados por meio da garantia do total sigilo dos dados e da liberdade de desistir da pesquisa a qualquer momento ou de não responder a qualquer pergunta, sem prejuízo de qualquer ordem. Como benefícios, a pesquisa sugere que as crianças envolvidas desenvolvam através das 08 (oito) rodas de conversas (experiências de pensamento) a capacidade de pensar cada vez melhor. Os dados resultantes desta pesquisa serão armazenados em veículo impresso, a ser acondicionado em pastas adequadas e em pen drive em local seguro, (em sua casa na qual ela mora sozinha, em um local que somente ela tem acesso: seu guarda roupa pessoal), por um período mínimo de 05 (cinco) anos. Caso decida aceitar o convite, você participará de 08 (oito) rodas de conversas (experiências de pensamento). Pág. 02/04 Os dados resultantes desta pesquisa serão armazenados em veículo impresso, a ser acondicionadas em pastas adequadas e em pen drive em local seguro, (na casa da pesquisadora, na qual a mesma mora sozinha, em um local que somente ela tem acesso: seu guarda roupa pessoal), por um período mínimo de 05 (cinco) anos. Ressaltamos que todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Você ficará com uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e todas as dúvidas que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente à pesquisadora Professora Rosana Lopes dos Santos: rua Luciano duque, Bairro Recreio, Caicó/RN. CEP-59300-000, fone: (84) 999137298. Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão, também, ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UERN no endereço “Miguel Antonio da Silva Neto, s/n- Prédio Faculdade de Medicina- 2º Andar- Bairro: Aeroporto- Mossoró/RN. CEP 59.607-360”. Consentimento Livre e Esclarecido Estou de acordo com a participação no projeto “FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO E POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DAS RODAS DE CONVERSAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN” descritos acima. Fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido (a) e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram-me garantidos esclarecimentos que possa vir a solicitar durante o curso da pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou de minha família. A minha participação na pesquisa não implicará em custos ou prejuízos adicionais, sejam esses custos ou prejuízos de caráter econômico, social, psicológico ou moral. Autorizo assim a publicação dos dados da pesquisa a qual me garante o anonimato e o sigilo dos dados referentes a minha identificação. Participante da pesquisa ou responsável legal: Dessa forma, concordo em participar voluntariamente da pesquisa e autorizo sua publicação.

Caicó/RN, \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

**Assinatura do Aluno ou Responsável**

---

**Assinatura da Pesquisadora**

Pág. 02/03

**Rosana Lopes dos Santos** (Pesquisadora responsável) - Professora da Escola Centro Educacional Integrado do Seridó – CEIS e discente do Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Caicó, no endereço Av. Rio Branco, n. 725, Centro, CEP: 59300-000 – Caicó – RN. E-mail: [rosanaverner@hotmail.com](mailto:rosanaverner@hotmail.com) Tel.(84) 999137298.

Prof. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino.(Orientador da pesquisa) - Doutora em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ - Rio de Janeiro-RJ. E-mail: [mariareilta@hotmail.com](mailto:mariareilta@hotmail.com) Tel.(84) 96550970

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) Faculdade de Ciências da Saúde da UERN. Rua: Miguel Antônio da Silva Neto, s/n- Prédio Faculdade de Medicina- 2º Andar- Bairro: Aeroporto- Mossoró/RN. CEP 59.607-360.

**Rosana Lopes dos Santos** (Pesquisadora responsável) - Professora da Escola Centro Educacional Integrado do seridó – CEIS e discente do Mestrado Profissional em Filosofia-PROF-FILO, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Campus Avançado de Caicó, no endereço Av. Rio Branco, n. 725, Centro, CEP: 59300-000 – Caicó – RN. E-mail: [rosanaverner@hotmail.com](mailto:rosanaverner@hotmail.com)Tel.(84) 999137298.

Prof. Dra. Maria Reilta Dantas Cirino. (Orientador da pesquisa) - Doutora em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ - Rio de Janeiro-RJ. E-mail: [mariareilta@hotmail.com](mailto:mariareilta@hotmail.com) Tel. (84) 96550970.

## ANEXO 4 - PARECER CONSUBSTANSNCIADO APROVADO DO CEP



## PARECER CONSUBSTANSNCIADO DO CEP

## DADOS DA EMENDA

**Título da Pesquisa:** FILOSOFIA COM CRIANÇAS: EXPERIÊNCIAS DE PENSAMENTO POSSIBILIDADES PARA EXPERIENCIAR O PENSAR A PARTIR DAS RODAS DE CONVERSAS EM ESCOLA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE CAICÓ/RN

**Pesquisador:** ROSANA LOPES DOS SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 6

**CAAE:** 33311820.0.0000.5294

**Instituição Proponente:** UERN

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

## DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.625.023

## Apresentação do Projeto:

Projeto pesquisa apresentado ao Programa de Mestrado em Filosofia (PROF-FILO) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN/CAMPUS CAICÓ - CaC. A pesquisa será realizada na Escola Centro de educação Integral do Seridó- CEIS, no município de Caicó/RN. O presente projeto propõe observar tais aspectos nas rodas de conversas em experiências de Filosofia com crianças de 5 a 6 anos, do nível V e 1º Ano. É uma pesquisa qualitativa, na qual será realizada entrevista aberta e gravação de áudios de experiências e de pensamentos em rodas de conversas, e o método de pesquisa será o estudo de caso. O problema investigado corresponde ao seguinte questionamento: de que modo podemos criar possibilidades de condições para que ocorra a experiência do pensar com as crianças da escola de educação básica, a partir das rodas de conversas promovidas dentro da disciplina de leitura de textos?

## Objetivo da Pesquisa:

GERAL

Compreender e intervir a partir de rodas de conversas com crianças, nível V, da educação infantil e primeiro ano do Ensino Fundamental, na escola de educação básica, no município de Caicó-RN, como possibilidade de criação das condições para que ocorra a experiência do pensar na sala de

**Endereço:** Rua Miguel Antonio da Silva Neto, s/n  
**Bairro:** Aeroporto **CEP:** 59.607-360  
**UF:** RN **Município:** MOSSORO **E-mail:** cep@uem.br  
**Telefone:** (84)3312-7032

Página 01 de 02



Continuação do Parecer: 4.625.023

## SUA:

## ESPECÍFICOS

Investigar o conceito de experiência e suas contribuições para o desenvolvimento do pensar infantil; Criar as condições para o desenvolvimento de experiências de pensamento com crianças a partir dos fundamentos teóricos e da prática de filosofia com crianças coordenadas por Kohan no Brasil; Desenvolver em rodas de conversas em uma escola de educação básica de Caicó/RN, possibilidades de aperfeiçoamento do pensar com crianças, através de experiências de pensamento em rodas de conversas.

## Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos podem ser o constrangimento dos sujeitos ao se exporem durante a pesquisa, divulgação de dados confidenciais; entre outros fatores.

Quanto aos benefícios a pesquisa sugere uma estratégia didática inovadora possível de ser aplicada por professores que estejam inseridos no mesmo contexto educacional e social, em que praticamos a Filosofia com crianças.

## Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é cientificamente relevante.

## Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos estão adequadamente anexados.

## Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

## Considerações Finais a critério do CEP:

Considerando a Declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 30 de janeiro de 2020, em decorrência da Doença por Coronavírus – COVID-19 (decorrente do SARS-CoV-2, novo Coronavírus);

Considerando a forma de priorizar a saúde da comunidade com o distanciamento social, conforme determinado por cada Chefe do Executivo Estadual;

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte recomenda que as particularidades relacionadas a proteção da saúde de todos os envolvidos nos protocolos de pesquisa sejam observadas e que os decretos e resoluções pertinentes a realidade de cada Instituição Proponente, bem como das instituições anuentes, sejam

**Endereço:** Rua Miguel Antonio da Silva Neto, s/n  
**Bairro:** Aeroporto **CEP:** 59.607-360  
**UF:** RN **Município:** MOSSORO **E-mail:** cep@uem.br  
**Telefone:** (84)3312-7032

Página 02 de 02



Continuação do Parecer: 4.625.023

Outros	do.pdf	15:48:47	DOS SANTOS	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	11111111.pdf	24/06/2020 11:44:55	ROSANA LOPES DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	5Projeto_completo_alterado.pdf	24/06/2020 11:21:19	ROSANA LOPES DOS SANTOS	Aceito
Outros	3Carta_resposta_as_pendencias.pdf	24/06/2020 11:11:51	ROSANA LOPES DOS SANTOS	Aceito
Parecer Anterior	2PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_4097439.pdf	24/06/2020 10:51:34	ROSANA LOPES DOS SANTOS	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_4097439.pdf	23/06/2020 20:47:16	ROSANA LOPES DOS SANTOS	Aceito
Outros	Carta_resposta_as_pendencias.docx	23/06/2020 20:43:31	ROSANA LOPES DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	130.pdf	02/06/2020 23:06:47	ROSANA LOPES DOS SANTOS	Aceito
Outros	td.jpeg	02/06/2020 22:20:14	ROSANA LOPES DOS SANTOS	Aceito
Outros	carta.jpeg	02/06/2020 22:18:30	ROSANA LOPES DOS SANTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao.jpeg	02/06/2020 21:33:30	ROSANA LOPES DOS SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	termo.docx	02/06/2020 21:30:14	ROSANA LOPES DOS SANTOS	Aceito
Brochura Pesquisa	pesquisa.docx	02/06/2020 21:24:55	ROSANA LOPES DOS SANTOS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Rua Miguel Antonio da Silva Neto, s/n  
 Bairro: Aeroporto CEP: 59.667-360  
 UF: RN Município: MOSSORO E-mail: cep@uern.br  
 Telefone: (84)3312-7032

Página 04 de 05



Continuação do Parecer: 4.625.023

MOSSORO, 01 de Abril de 2021

Assinado por:  
 Ana Clara Soares Paiva Tôres  
 (Coordenador(a))

Endereço: Rua Miguel Antonio da Silva Neto, s/n  
 Bairro: Aeroporto CEP: 59.667-360  
 UF: RN Município: MOSSORO E-mail: cep@uern.br  
 Telefone: (84)3312-7032

Página 05 de 05